



PODER EXECUTIVO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO



ALICE REGINA PACÓ DE SOUZA

**FILHOS DO ENCANTADO:
ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DO BOTO EM NOVO AIRÃO (AM) A PARTIR
DO OLHAR ECOSISTÊMICO**

MANAUS

2018



PODER EXECUTIVO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO



ALICE REGINA PACÓ DE SOUZA

**FILHOS DO ENCANTADO:
ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DO BOTO EM NOVO AIRÃO (AM) A PARTIR
DO OLHAR ECOSISTÊMICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração: Ecossistemas Comunicacionais, linha de pesquisa 02: Linguagens, Representações e Estéticas Comunicacionais.

Orientador: Prof. Dr. Wilson de Souza Nogueira

MANAUS

2018

ALICE REGINA PACÓ DE SOUZA

**FILHOS DO ENCANTADO:
ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DO BOTO EM NOVO AIRÃO (AM) A PARTIR
DO OLHAR ECOSSISTÊMICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração: Ecossistemas Comunicacionais, linha de pesquisa 02: Linguagens, Representações e Estéticas Comunicacionais.

Manaus, _____ de abril de 2018

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Wilson de Souza Nogueira – UFAM
(Presidente)

Profa. Dra. Mirna Feitoza Pereira – UFAM
(Titular 1)

Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza – UFAM
(Titular 2)

Prof. Dr. Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto – UFAM
(Suplente 1)

Prof. Dr. Renan Albuquerque Rodrigues – UFAM
(Suplente 2)

Todos os direitos desta dissertação são reservados a sua autora e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É recomendado que este material seja reproduzido para fins acadêmicos ou científicos.

Catálogo na Fonte

S729f Souza, Alice Regina Pacó de

Filhos do Encantado: estudo sobre o fenômeno do boto em Novo Airão (AM) a partir do olhar ecossistêmico / Alice Regina Pacó de Souza. Manaus: UFAM, 2018.

130 p. : il. ; 27 cm.

Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas.

Orientador: Prof. Dr. Wilson de Souza Nogueira.

1. Comunicação - Ecossistemas. 2. Ecossistemas Comunicacionais. 3. Tecnologias do Imaginário. 4. Imaginário Amazônico. 5. Boto Vermelho. I. Título.

CDD 23.ed. 302.2098112

Ficha Catalográfica elaborada pelo Bibliotecário
Jean Charles Racene dos Santos Martins, CRB 11/719

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às minhas sementes de **ViDa**:

Ao meu **Vinicius**, meu menino cheiro de alecrim que sempre esteve presente ao meu lado com seus “projetos”. Quanta força tu me deste, meu menino!

Ao meu **Davi**, meu bebê sorriso, que me acompanhou nesta jornada em longas madrugadas. Teus sorrisos me renovavam quando eu achava que não podia mais...

Dedico também à Dona **Fátima Santana** que me acompanhou em tantas conversas na Pousada Cabocla, contando suas histórias, desde a chegada em Novo Airão, sua carreira como educadora, até sua participação na criação do Festival do Peixe-boi.

AGRADECIMENTOS

“É Deus que te faz entender toda a poesia”.
Rosa de Saron, O sol da meia noite.

Primeiramente, a **Deus**, porque é Ele que nos faz entender toda a poesia, porque se não fosse Sua mão me guiando desde o instante em que decidi fazer a seleção para o programa de mestrado, nada disso teria sido possível. Estudei para fazer a prova com uma criança de um ano ao meu lado, consegui todos os livros e li o máximo que pude. Como o pensamento complexo me atormentou! No desespero eu dizia que “o pensamento complexo era complexo mesmo”. Deus me ajudou a compreender Morin e o olhar ecossistêmico, certamente.

Passei em primeiro lugar na seleção de 2015! Seria apenas inacreditável se não houvesse a fé! Com muita fé e ajudas, segui as disciplinas e qualifiquei. Mas não sem antes viver o meu caos intelectual, que fora tratado nos encontros caóticos graças à amorosidade científica **Cardinale**, o maior HD externo acadêmico-poético que eu poderia conhecer e a ser humana mais literariamente ousada dessa vida. A ela revelei minha dificuldade em contar essa história, era preciso alinhar as ideias. Ela detectou que eu havia caído em uma armadilha cartesiana. Alice estava perdida! Do País das Maravilhas veio a solução: *When in doubt, remain silent*; na dúvida, permaneci em silêncio. Deixei o texto dormir e ruminei minhas ideias. Cardinalicamente, escrevi para tirar de dentro de mim e comecei a percorrer a minha trilha.

Mas não segui sozinha! Fui guiada pelo mais humano dos orientadores, que me permitiu viver aproximações com meu tema e apontou diversos cenários e caminhos, além de curar ressacas de leitura e encorajar quando me faltavam palavras e forças. Ele, muitas vezes não me deixou ser apenas racional... Jamais esquecerei da orientação do dia 27 de julho de 2017, véspera do nascimento do meu Davi, quando na energia dos acontecimentos, meu orientador, professor **Wilson Nogueira**, embalou minha alma de tal forma que suas palavras foram um alento. É nas adversidades que podemos sentir com mais intensidade a presença das pessoas em nossas vidas. Passei a gravidez e o pós-parto recebendo orientações em uma relação de autonomia e confiança. Tem gente que te abraça com palavras. Wilson Nogueira é desses...

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela oportunidade de debater e participar de discussões acadêmicas, pelos professores que nos acompanharam e enriqueceram nossas ideias, em especial, ao professor **Gilson Monteiro**, pelo acalento acadêmico e encorajamento. Agradeço também pelos amigos que ganhei, destaque para minha amiga-irmã, **Flávia Moura**, ser humana valente e forte com quem tive o prazer de dividir as alegrias e angústias dessa jornada.

Enquanto eu corria, meus filhos aproveitavam o tempo a mais com os avós! E aqui quero agradecer a ser humana-flor da minha vida, minha mãe, **Regina Pacó**, a vovó azul! Sem seu apoio, orações, torcida, caldos de macaxeira e mais apoio de novo, este trabalho jamais estaria finalizado. Ao meu pai, **Sérgio Souza**, por acompanhar minha trajetória acadêmica e sempre fazer questão de ler meus trabalhos da escola e da faculdade. Posso dizer “com todas as letras” que isso fez e faz toda a diferença na minha vida! E ao meu gigante irmão **Sérgio Jr.** que sempre deu todo o suporte e a quem o gigantismo não está apenas na altura(!), e sim na gentileza de seus atos.

Agradeço também aos membros da minha banca de qualificação, **Sérgio Freire** e **Mirna Feitoza**, que aceitaram o convite e trouxeram grandes contribuições para este estudo. Meu desejo é que mais professores pudessem ser contagiados pelo comprometimento, competência e entusiasmo de profissionais como eles. O respeito e admiração pelo trabalho que desenvolvem é tamanho que a dupla se repete na “defesa” desta pesquisa.

Aproveito para agradecer também ao secretário do Programa, **Rhangel Souza**, que sempre me atendeu prontamente até nos momentos de desespero.

Sou grata também pelo cuidado e incentivo da minha amiga **Alcirene Cursino**, sempre com palavras de carinho e fé.

Agradeço pelo olhar atento e pela amizade constante de **Vanessa Marruche**, que, mesmo distante, foi uma das amigas mais presentes em todo esse processo de construção do texto.

E, por fim, agradecer aos meninos da minha vida, meu casulo, minha família! Meus passarinhos **Vinícius** e **Davi**, que carregam em seus olhos a esperança de dias melhores e mais tranquilos. Quanto amor brota de vocês! É amor umbilical. Ter filhos agiganta o nosso coração e nos enche de sonhos. E por falar em sonho, esse eu divido com meu guardião, com o ser humano do abraço que embrulha e acolhe, que

desejou e planejou junto comigo essa meta e me incentivou/aguentou/apoiou até o último instante. Ao meu **Ricardo**, meu abrigo, meu amigo, meu amor. As pequenas coisas da vida valem o dobro para o coração: obrigada por cada copo de água, cada massagem nos ombros, cada abraço e, principalmente, por todas as vezes que tu disseste: “mais longe já estive”, acalmando minha alma e me trazendo paz!

Escrevo esses agradecimentos vibrando e lembrando dos desejos por tucumã nas madrugadas. Das contrações e pulsações do nascimento, meu texto me viu brotar e engendrar... Passou por trilhas musicais que foram de Boi Bumbá a Yamandu Costa e Sebastião Salgado. O exercício de autoria é intenso; exigiu-me diversos canteiros de ideias e, principalmente, me ensinou que romper com a ignorância requer sacrifícios. Minha opção por participar do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas e realizar este estudo perpassa um desejo de encontrar os entrelaços da minha própria história de vida, com minha trajetória acadêmica e minha paixão por esta terra. Nesse período, aprendi a olhar com muito mais empatia para os povos da floresta, os que, verdadeiramente, sabem interagir com ela.

É uma alegria imensa chegar ao final desta jornada. Principalmente porque tive muita dificuldade em dar um ponto final (Seria coisa de bicho visagento? Panema?! Não sei!). Estes agradecimentos foram o último texto a ser escrito neste trabalho e embalam os ecos para a banca de “defesa”. E, embora a linguagem bélica não me agrade, sigo adiante com o desejo de “defender” minhas ideias e meus olhares.

Aos seres do encantado, do fundo do rio, da floresta e aos moradores de Novo Airão meu respeito e minha gratidão!

Termino com um poema de minha autoria chamado Amazônida, como forma de agradecer e reverenciar a todos que contribuíram para que este estudo se realizasse.

Amazônida

Em teus olhos, os traços de índios
Uma beleza que brota qual raiz de Samaúma...
Em tua pele, o encontro de vários povos...
Uma mistura de encantos, de encontros, de cantos e contos...
Somos curumins e cunhantãs!
Somos CABOCLOS! Somos poesia!
Do mundo, a magia. Da vida, o mistério. Do encanto, o esplendor.
Ser Amazônida...
É sentir o sangue Ykamiaba, Ajuricaba, negro, nordestino, europeu...
É fazer um retorno à origem, um reencontro com a lua, ao mito da criação...
É enxergar no espelho da lua: um muiquitã, o amuleto, símbolo de coragem.
É descortinar as matas, é singrar os rios...
É percorrer os caminhos, a história, os mitos e as lendas...
É nunca deixar de olhar para trás...
E se orgulhar de ser Amazônida!

Alice Souza

“Não tenho um caminho novo.
O que eu tenho de novo é um jeito de caminhar”.

Thiago de Mello

“É preciso esquecer a fim de lembrar.
É preciso desaprender a fim de aprender”.

Fernando Pessoa

RESUMO

Este estudo propõe uma compreensão ecossistêmica comunicacional do imaginário em Novo Airão (AM) a partir do fenômeno do boto vermelho, que ora se apresenta como animal de atração turística, ora como ente encantado. Este estudo tem abrigo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que tem como área de concentração os Ecossistemas Comunicacionais, sob o viés da linha de pesquisa 2: Linguagens, Representações e Estéticas Comunicacionais. A base teórica está construída na perspectiva ecossistêmica (CAPRA, 2006; MATURANA e VARELA, 2007; MONTEIRO, 2011; PEREIRA, 2011; COLFERAI, 2014) em articulação com as teorias do pensamento complexo (MORIN, 2005; SANTOS, 2010) das tecnologias do imaginário (SILVA, 2006) e dos estudos do imaginário amazônico (GALVÃO, 1976; SLATER, 2001; NOGUEIRA, 2014; PAES LOUREIRO, 2015). Como resultado, apresento uma narrativa ensaística que entrelaça os fenômenos ecossocioculturais de Novo Airão (AM), por meio de relações comunicacionais entre o local e o global, que alimentam o fenômeno do boto vermelho como fenômeno imaginário e real da mídia contemporânea.

Palavras-chave: Ecossistemas Comunicacionais. Imaginário Amazônico. Boto Vermelho. Novo Airão. Tecnologias do Imaginário.

ABSTRACT

This study proposes a communicational ecosystemic understanding of the imaginary in Novo Airão (AM) of the red dolphin (most commonly known as pink dolphin) phenomenon, which presents itself as an animal for touristic attraction at times and also as an enchanted being at others. The theoretical basis is built on the ecosystemic perspective (Capra, 2006; Maturana e Varela 2007; Monteiro 2011; Pereira 2011; Colferai 2014) in articulation with complex thinking theory (Morin, 2005; Santos, 2010) of the imaginary technology (Silva, 2006) and the studies of the amazonic imaginary (Galvão, 1976; Slater, 2001; Nogueira, 2014; Paes Loureiro, 2015). Thus, I present a narrative that entwines the ecosystemic, social, and cultural phenomenon in Novo Airão (AM), by communicational relationships between the local and the global, which feed the pink dolphin phenomenon as a real and imaginary phenomenon of the contemporary media.

Keywords: Communicational Ecosystems. Amazonic Imaginary. “Pink” Dolphin. Novo Airão. Imaginary Technology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Região Metropolitana de Manaus	28
Figura 2 – Mapa de Novo Airão (AM).....	29
Figura 3 – Dados gerais IBGE – Município de Novo Airão.....	30
Figura 4 – Estátua do dinossauro na praça de Novo Airão	31
Figura 5 – Centro de Atendimento ao Turista de Novo Airão (CAT).....	32
Figura 6 – Monumento na entrada de Novo Airão (AM)	34
Figura 7 – Placa da Prefeitura de Novo Airão	35
Figura 8 – Matéria Portal Uol.....	36
Figura 9 – Descobrindo o Amazonas	36
Figura 10 – Portal Brasil	37
Figura 11 – Flutuante dos Botos	73
Figura 12 – Página Ama Boto.....	75
Figura 13 – Formulário de controle e monitoramento de visitantes do flutuante	76
Figura 14 – Página Oficial do Festival dos Botos do Sairé.....	80
Figura 15 – Campanha Alerta Vermelho na Praia da Ponta Negra	88
Figura 16 – <i>Frame</i> da matéria que foi ao ar pela Rede TV	89
Figura 17 – Revezamento da tocha olímpica pelo Amazonas	90
Figura 18 – Fotograma do documentário com cena da caça ao peixe-boi	92
Figura 19 – Castanho, peixe-boi no tanque do CPPMA	93
Figura 20 – Filha da Marilda alimentando os botos	96

CAMINHOS A PERCORRER

UMA NOVA VISÃO DE MUNDO...	15
1 ACENDENDO A PORONGA	18
2 A PARTIDA: ABRINDO CAMINHOS...	27
2.1 AIRÃO VELHO	38
3 ENTRONCAMENTOS E ATRAVESSAMENTOS: PERCORRENDO A TRILHA INVESTIGATIVA	45
3.1 A COMUNICAÇÃO COMO CIÊNCIA	50
3.2 A COMPLEXIDADE DO OLHAR ECOSSISTÊMICO	55
3.3 O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	60
4 FILHOS DO ENCANTADO	71
4.1 CONEXÕES E ENTRELAÇOS: O DESAFIO ECOSSISTÊMICO	93
5 SINGRANDO OS RIOS	97
6 UM PONTO DE CHEGADA, UMA NOVA PARTIDA	104
REFERÊNCIAS	110

UMA NOVA VISÃO DE MUNDO...

A apresentação deste estudo que trata da compreensão do fenômeno ecossociocultural do boto vermelho¹ em Novo Airão (AM) se faz necessária por três razões. A primeira delas se propõe a convidá-lo a participar de uma viagem: uma busca de caminhos para uma pesquisa científica na Amazônia. E quando falo desse território/espço emblemático, não me refiro apenas às suas dimensões reais ou aos superlativos que lhe são atribuídos. Refiro-me, principalmente, à Amazônia que se manifesta de uma maneira muito peculiar, como nos movimentos de subida e descida dos rios, na cadência dos ciclos naturais que, de certa forma, ditam o ritmo da vida, entre elas a dos seres humanos (TOCANTINS, 1973). Esse ambiente complexo no qual estamos imersos nos permite enxergar os fenômenos da natureza e da cultura por meio de um olhar também de dentro, certamente, um olhar mais amazônico.

Imbuída por uma visão de mundo inclusiva que acolhe a diversidade da vida e suas relações com o ambiente, busquei aprofundar os conhecimentos sobre a Amazônia me descobrindo enquanto pesquisadora em formação e como amazônida, por estar convencida de que o olhar ecossistêmico existe porque tudo está entrelaçado.

O segundo ponto que destaco é sobre a escolha das denominações que organizam este estudo e funcionam como rota desta viagem. Uma vez que se trata de um estudo a partir da compreensão ecossistêmica, optei por utilizar uma proposta de *Caminhos a Percorrer* como Sumário, por entender que essa pesquisa não está engessada, ela continua se delineando e se construindo para acompanhar os fluxos que este estudo pode oferecer.

Na introdução, renomeada como *Acendendo a Poronga*, faço referência aos ribeirinhos, pescadores e seringueiros que amarram lamparinas na cabeça com o intuito de iluminar os caminhos dos rios e da floresta nas madrugadas. Essa referência não se dá ao acaso. Ao acompanhar o movimento dos pesquisadores na Amazônia, percebo que a comunicação sempre foi realizada por meio de caminhos, rios, florestas, igapós. E esses caminhos geralmente são trilhados com o uso da poronga²,

¹ Na Amazônia existem dois tipos de botos de água doce: o boto Vermelho, visto como ser encantado; e o boto Tucuxi, acinzentado, menor e conhecido por ajudar os pescadores.

² A poronga também pode ser vista neste trabalho como uma metáfora dos conhecimentos e saberes locais.

instrumento de alumião usado na caça e na pesca, que foi largamente utilizado pelos seringueiros no processo de extração do látex. A partir desse raciocínio, iniciei o capítulo *A Partida: abrindo caminhos...*, apresentando a temática deste trabalho. Sigo contextualizando os estudos desvelando histórias sobre o *Airão Velho*. Em *Entroncamentos e Atravessamentos: percorrendo a trilha investigativa*, invoquei os aliados teóricos que acompanharam esse trajeto. O capítulo também prenuncia reflexões acerca da comunicação como ciência, da complexidade do olhar ecossistêmico e das tecnologias do imaginário. *Filhos do encantado* aborda os entranhamentos (des)cobertos ao longo desta pesquisa. Na seção *Singrando os rios*, procuro clarear as escolhas metodológicas que delinearam este estudo. Ela buscou acompanhar, assim como o serpentejar dos rios, a cadência que surgiu no trabalho de campo, por entender que os rios são caminhos naturais e culturais da Amazônia, são nossas estradas reais e imaginárias, bifurcações líquidas e sólidas ao mesmo tempo, que acompanham o ritmo dinâmico da vida. Por fim, o último tópico trará *Um ponto de chegada, uma nova partida*, com considerações e recomendações acerca do tema. Acredito que, assim, seja possível entrelaçar os nós que envolvem este estudo a partir das ideias que nos contextualizam.

O terceiro ponto é para explicar a escolha pelo tom ensaístico. O verbo “ensaiar” carrega consigo a ideia de exercitar, experimentar algo, sem alcançar a pretensão de ser definitivo, de trazer um conteúdo acabado. O ensaio permite a valorização das percepções e do ponto de vista do autor a partir de questionamentos lúcidos e críticos. Montaigne já usava o ensaio como gênero textual para expressar seus pensamentos e ideias, mas sem se descuidar do rigor e da agudeza de análise. Para Adorno (1994), o ensaio é uma forma de expor o pensamento, evocando liberdade de espírito. Hoje o ensaio se configura como uma nova possibilidade textual, a ser utilizado não somente na crítica literária e artística, como, também, na filosofia e nas ciências. Paviani (2009, p. 05) reforça que o ensaio é a escolha dos que preferem a liberdade de expressão, pois, para ele, este gênero textual,

ao contrário do tratado e do artigo científico, desenvolve os argumentos ensaisticamente, isto é, experimentando, questionando, refletindo, criticando o próprio objeto de estudo. É um gênero textual essencialmente crítico e interpretativo. Esquiva-se da descrição e da explicação para eliminar qualquer traço de ingenuidade e de doutrina. Sua função é mostrar as mediações.

Assim, vejo o ensaio como uma proposta que se entrelaça ao pensamento ecossistêmico por poder mostrar as mediações, considerando a complexidade dos fenômenos e o movimento das ideias e se apresentando de uma maneira formal a partir das exigências do universo acadêmico.

Aproveito o ensejo também para destacar a escolha das frases introdutórias dos capítulos com a temática dos rios. A história da Amazônia está diretamente entrelaçada com as nossas estradas naturais que são as vias aquáticas por onde transita a vida, quer seja do colonizador, do ribeirinho, do boto, do peixe-boi ou dos seres míticos. Os rios norteiam nossos caminhos e devaneiam nossos pensamentos e, sobretudo, são fonte de vida, alimento e sustento. São profundos e, ao mesmo tempo, efêmeros, são legítimos em suas nascentes e ali adiante se encontram, mas nem todos se misturam. Alguns geram bifurcações, outros se agigantam em igarapés, delineiam ilhas e, por fim, desembocam, mas nunca se acabam... Essa exuberante bacia hidrográfica engendra elucubrações seminais feito estrela cadente. Deslumbro-me diante de sua grandeza e, dessa forma, procurei reverenciar as marcas ancoradas em mim. Eu rio-me.

A perspectiva ecossistêmica me encorajou a olhar o mundo de uma maneira diferente, ou seja, percebo hoje que não estou isolada do meu objeto de pesquisa, ao invés disso, somos parte e todo da mesma rede, que gera novos conhecimentos e novos saberes. Este estudo é um caminho que almejei percorrer. Ele é uma forma de declarar minha paixão por essa terra no sentido de contribuir com os estudos da comunicação no âmbito dos ecossistemas comunicacionais por intermédio do imaginário amazônico.

1 ACENDENDO A PORONGA

Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano ele treme de medo.
 Olha para trás, para toda a jornada, os cumes, as montanhas, o longo
 caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê
 à sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do
 que desaparecer para sempre. Mas não há outra maneira.
 O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar.
 Voltar é impossível na existência.
 Você pode apenas ir em frente.
 O rio precisa se arriscar e entrar no oceano.
 (O rio e o oceano, Osho.)

Pensar a pesquisa científica na Amazônia requer um olhar aguçado de razão e, também, de sensibilidade acerca de suas singularidades e universalidades. Só assim é possível reconhecemos a relação complexa e indissociável entre a natureza, os seres vivos e suas culturas. É preciso considerar suas dimensões territoriais, sua intensidade cultural, seu trajeto histórico e seus ecossistemas entrelaçados ao planeta e ao cosmos. Sob esse ponto de vista, este estudo propõe uma compreensão ecossistêmica do imaginário em Novo Airão (AM) a partir do fenômeno do boto, uma figura multifacetada, que ora se apresenta como atração para o turismo, ora como ente encantado. Este estudo tem abrigo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que tem como área de concentração os Ecossistemas Comunicacionais. Este trabalho se insere no âmbito da linha de pesquisa 2: Linguagens, Representações e Estéticas Comunicacionais.

A área de concentração do Programa propõe uma compreensão contemporânea e desafiadora em contraponto ao pensamento científico tradicional acerca dos estudos das Ciências da Comunicação. Ela permite uma nova forma de se fazer ciência, pois articula a diversidade de olhares sobre a Amazônia, não apenas no sentido de repensar o pensamento amazônico e sua formação sociocultural, mas de reconhecer as multiplicidades e as particularidades desse ambiente e, principalmente, de assumir a responsabilidade que temos em discutir e disseminar o conhecimento científico produzido aqui. Assim, é possível observar os fenômenos locais e suas interconexões e, para isso, o pesquisador precisa estar disposto a questionar conceitos canonizados em busca de evidenciar essa nova compreensão.

Evidenciar, sim! Acreditamos que a compreensão ecossistêmica cria uma abertura para uma nova perspectiva: o olhar epistêmico-metodológico sobre os

fenômenos socioculturais no âmbito da comunicação. Essa perspectiva reconhece que é preciso sentir, cheirar, participar, viver, se entranhar e considerar que tudo ao nosso redor comunica, se expõe, se diz e se entrelaça... E esses entrelaços só se dão por meio dos fenômenos comunicativos, uma complexa e rica interação de sistemas autopoieticos (MATURANA; VARELA, 2007). Os biólogos chilenos citados desenvolveram a teoria da autopoiese, uma construção conceitual que observa a autonomia dos organismos vivos por sua capacidade de reprodução, autossuficiência e adaptação ao ambiente. É essa circularidade que mantém a vida. São teias de relações que se estabelecem nas interações com o ambiente. É com o intuito de compreender as redes comunicacionais que envolvem os fenômenos relacionados à linguagem e representações que se evidencia a abordagem ecossistêmica pretendida por este estudo, por entendermos que a proposta metodológica que emerge do pensamento ecossistêmico é contextual. Ela não observa os elementos ou fenômenos isoladamente e, sim, as relações que se estabelecem dentro de um contexto e as transformações que os fenômenos desencadeiam nas realidades.

Fazer ciência na Amazônia nos desafia a assumir esse novo olhar. Ela nos inclina a um pressuposto conceitual que nos permita conectar conhecimentos e saberes para compreender o que acontece ao nosso redor e, por consequência, o que se reverbera dentro de nós. É um olhar amplo e ao mesmo tempo profundo, que permite a pluralidade de pensamentos, e não uma visão unilateral fragmentada e desconexa do real e do virtual. É um caminho em construção, pelo qual se busca conexão com outras áreas, entrelaçando, assim, os estudos do pensamento complexo.

É um olhar que surge como proposta para tentar dar conta de se fazer ciência na complexidade amazônica e que almeja não somente brotações de pensamentos científicos e florescimento no cenário da ciência com a produção de conhecimento novo, mas que pretende interagir com os frutos dos estudos de ontem e de hoje, produzidos na e para a Amazônia, a fim de que eles sejam polinizados³, amplamente discutidos, desenvolvidos, amadurecidos, colhidos e disseminados. Os pesquisadores

³ A ideia de polinização nos remete ao processo de transporte do pólen entre as plantas realizado especificamente pelas abelhas. Esse processo se configura como um dos principais mecanismos de promoção e manutenção da biodiversidade. Além disso, o termo também faz alusão ao mel produzido pelas abelhas a partir da diversidade do néctar das flores, tema bastante utilizado por Morin (1997) em suas explicações sobre a diversidade da vida. Uma metáfora do conhecimento que se alia ao pensamento ecossistêmico.

que se embrenham por esses caminhos de entrecruzamentos para pesquisar essa realidade complexa e diversificada evidenciam esse olhar porque rompem com os parâmetros e delimitações da pesquisa fragmentada e normativista.

Propomo-nos a esse desafio certamente. E é por essa razão que, ao invés de seguir a tradição clássica de uma *introdução*, apresento a ação de acender a poronga, para alumiar os conhecimentos adquiridos ao longo do período do curso de Mestrado, mas sem desconsiderar o conhecimento de mundo vivenciado em ser amazônida, as marcas pessoais e acadêmicas de minha trajetória e as inquietações que me trouxeram até aqui. Tudo faz parte de uma rede que se tece a muitas mãos, de uma teia que vai se construindo e desconstruindo outras para formar o que somos agora – eu e o meu antes sujeito-objeto de pesquisa. E, ao perceber essas teias, pude compreender melhor os caminhos percorridos e as escolhas feitas...

Cresci vivenciando a Amazônia. Lembro-me das viagens que fazia com meus pais pelo interior do Estado. Algumas deixaram fortes lembranças, como o Festival do Peixe Ornamental que acontece em Barcelos. Por lá, Cardinal e Acará-Disco, os dois peixes concorrentes, apresentam-se e disputam o título de melhor do ano. Nessas viagens de barco, cada paisagem era “fotografada” em minha memória. Era o meu emaranhado de memórias se formando. Fechando os olhos ainda consigo recordar o cheiro do mato molhado, o barulho da água batendo no casco do barco e lembrar das pessoas em suas janelas acenando para os passantes.

Com meu baú de lembranças da infância aberto, vou retomando por meio da memória o imaginário de minhas vivências amazônicas. Consigo recordar também do cheiro de um livro da minha mãe, com páginas amareladas e envelhecidas, já sem capa, mas daqueles capazes de nutrir nossa imaginação... Um livro de lendas que já havia passado por muitas mãos e habitado diversas histórias contadas aos primos. Em nossas brincadeiras de criança, eu gostava de ler e recriar as estórias. Nelas, o Boitatá podia encontrar a Yara no fundo do rio, ou o Mapinguari se juntar ao Curupira para formarem uma espécie de “liga verde da justiça”. Foi assim que conheci as lendas do Boto, da Vitória-régia, do Guaraná, da Cobra grande e da temida Mão de cabelo, uma senhora de cabelos nas mãos e que aparece para quem não quer dormir na hora que os pais pedem. Pensar na mão de cabelo era uma realidade mais aterradora e mais eficiente que contar carneirinhos...

Assim fui construindo vários personagens e conhecendo traços de nossas raízes. Um interesse que foi crescendo ao longo dos anos e me aproximando das manifestações culturais do imaginário amazônico. Aos poucos fui conhecendo as festas populares e me encantando ao perceber como os costumes e tradições estão organicamente presentes em nosso cotidiano e são, muitas vezes, inconscientemente incorporados na medicina, na música, na dança, na gastronomia e na nossa forma de falar. Hábitos como o de dormir em redes ou o de comer farinha, que nos são tão comuns, foram herdados dos costumes indígenas, assim como boa parte dos mitos e lendas envolvendo os seres encantados, os animais e a floresta. Lendas e mitos que são criados para explicar a vida que não se explica em sentenças cristalizadas.

Essas expressões culturais contribuem para a formação da nossa essência e constroem nossas subjetividades. Assim, vamos criando nossos significados e formando um repertório de sentidos. A vivência e o aprofundamento por meio da leitura e da pesquisa permitem juntar as coisas na tentativa de compreender a vida.

Não lembro exatamente quando comecei a me interessar pela pesquisa. Em meio aos meus lampejos de memória, apenas consigo relacionar a palavra à Enciclopédia Barsa. Eu era levada pela curiosidade a buscar assuntos que iam além das atividades escolares. Barsa e papel almaço eram meus companheiros das tardes. Eu lia por prazer, lia para sonhar. Meu pai fazia questão de ter sempre as atualizações dos volumes, eu era a “traça” da casa.

No meu mundo, tudo tinha que ter uma explicação. Nessa ilusão de completude fui construindo minhas verdades e ampliando meu conhecimento com a intenção de entender tudo ao meu redor. Foi lendo sobre a formação do universo e o *big bang* que me deparei com estudos sobre a lua. Fui além das pesquisas sobre as fases e os eclipses, eu queria entender a influência da lua na vida das pessoas, no crescimento dos cabelos, nas colheitas, nos nascimentos etc. Fui levada pelos livros às Ykamiabas, a temida tribo de mulheres guerreiras que viveram na Amazônia e só tinham contato com homens em períodos determinados apenas para procriação. Nas narrativas do Frei Gaspar de Carvajal, que acompanhou Orellana em sua expedição, no século XVI, podemos encontrar relatos sobre as Amazonas, como o dos índios Omaguas, que diziam que “nas bandas do Norte, aonde iam uma vez por ano, havia umas mulheres, e ficavam com elas dois meses, e se dessa união tinham parido filhos,

os traziam consigo, e as filhas ficavam com as mães” (CARVAJAL; ROJAS; ACUÑA, 1941, p. 111).

Segundo esses relatos, as Ykamiabas escolhiam seu parceiro e após o “ritual”, as índias entregavam um amuleto chamado Muiraquitã, uma pedra de cor verde que era retirada do fundo de um lago e moldada em formato de sapo. O talismã representava coragem, atraía sorte e promovia a cura de doenças. A magia do amuleto transformou-o em uma peça cobiçada e cheia de mistérios (MELO, 2004). As pesquisas me deixaram ainda mais apaixonada pela Amazônia, pela Lua e pelo mito das mulheres guerreiras. Em uma viagem à Terra Santa (PA) em 2012, comprei um Muiraquitã original, peça de colecionador que me acompanha em momentos importantes e decisivos.

A pesquisa levou-me também a percorrer os bancos da academia por duas vezes: fui acadêmica dos cursos de Letras – Língua e Literatura Inglesa e de Comunicação Social – Jornalismo, talvez ainda levada pela ideia de querer entender e explicar todas as coisas, mas principalmente pelas inúmeras inquietações que isso me causava. Dizem por aí que toda inquietação é criativa. Em meus pensamentos perturbadores, eu me perdia no mundo das ideias. Era preciso buscar mais entendimento, partir para a abstração.

Durante a graduação de Jornalismo, participei de alguns congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), evento que reúne alunos de graduação e pós-graduação, pesquisadores e profissionais da área. Apresentei artigos científicos nos grupos de Intercom Jr., em que acadêmicos se reúnem para discutir suas pesquisas. Esses congressos são muito mais que encontros de pessoas e de ideias, são momentos de valorização do trabalho acadêmico que proporcionam uma aprendizagem efetiva por meio da troca de diferentes olhares para compreender o mundo. Possibilitam-nos conhecer melhor o nosso lugar por estarmos em contato com o outro. É um conhecimento que é produzido para além da ciência dos jalecos brancos, da ficção científica ou dos laboratórios. Essa experiência me aproximou ainda mais do universo acadêmico e me direcionou para o aprofundamento nessa área.

Decidi participar da seleção para entrar no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da UFAM em busca de mais conhecimento. Passei e, imediatamente, tive que me debruçar sobre as teorias, pois a área de

concentração do programa, Ecossistemas Comunicacionais, é única no país e apresenta uma abordagem desafiadora.

Durante as primeiras semanas de mestrado, vivi um verdadeiro caos intelectual, fiquei à deriva tentando acompanhar aqueles conceitos novos e percebi que era preciso reconhecer a minha ignorância, o meu estágio de miséria intelectual. Passei por uma espécie de “desiluminismo acadêmico” e tive que romper com as tradições teóricas que me acompanhavam numa única verdade. Desconstruí meus conceitos ao perceber que nada se encerra, tudo está em processo num devir incessante. Ao observar o mundo a partir de uma nova concepção da realidade compreendi que pesquisar é também um caso de devir. Sob o mesmo pretexto de transformação e num compasso de atitude autopoietica, busquei desfragmentar meus conhecimentos e juntar as coisas. Tudo fez mais sentido assim. Depois que se conhece o pensamento ecossistêmico, você passa a ver o mundo a partir de outra perspectiva. Quando você compreende a ciência como parte da árvore do conhecimento e passa a enxergar as interações, você entra em um processo de imersão total, o olhar ecossistêmico permanece impregnado, você já não olha mais pela janela da mesma forma.

A dureza do ser metódico não é mais legitimada pelas verdades irrefutáveis. O processo de aprendizagem se dá enquanto aprendemos vivendo e vivemos aprendendo. E nessa aventura de desconstruir vamos questionando o que está ao nosso redor, o meio ambiente. A propósito, por que “meio” ambiente? Há uma metade homem, metade natureza? Será que não nos misturamos? Dessa forma, dividimo-nos? São tantas conexões que não observamos, mas que apresentam relação direta com o sistema de vida das pessoas. Apenas ao perceber o meio ambiente por inteiro é que podemos ser capazes de enxergar as interações. Nosso corpo, por exemplo, é capaz de produzir vitamina D, elemento importante na prevenção de doenças, apenas pelo contato com o sol; para sobreviver, todos os organismos precisam de energia, que é obtida a partir dos alimentos, numa cadeia chamada cadeia alimentar; a cadeia de produção de alimentos começa com as árvores, que transformam a energia do sol em energia química; a manutenção da vida se dá também por meio do movimento das águas na natureza: o ciclo hidrológico determina a variação climática que interfere no funcionamento dos rios, mares e oceanos e no desenvolvimento de plantas e animais.

É a interdependência da vida em que homem e natureza não podem ser separados. Nesse contexto, a ideia de ambiente equilibrado é questionada pelo novo pensamento científico. Essa constante busca pela harmonia nos leva a vias contraditórias, à entropia, esta tendência universal que nos leva da ordem à desordem. A partir desse pensamento, o equilíbrio se torna acomodação. É necessário o caos. É importante que as vontades se choquem para que as ideias avancem. O equilíbrio da natureza é um equilíbrio dinâmico, e é dessa forma também que devem ser compreendidos a cultura e o imaginário.

Parafrazeando Morin, estamos em processo de ampliação do conhecimento científico. Assim, a ciência tem o papel fundamental de oferecer melhorias para a sociedade, para os indivíduos e para o ambiente. A partir da visão ecológica/ambiental/cultural dos ecossistemas comunicacionais surge a proposta de desenvolver um conhecimento contextualizado.

“Eco” vem do grego e quer dizer “morada/habitat”, a morada do sistema evidencia a rede, o nó e o nós. Aqui, por exemplo, estamos diante de um pensamento que entrelaça o fenômeno comunicacional e as interações que se estabelecem a partir dele. É uma ideia em construção que permite que a sabedoria dos beiradões encontre diálogo com os teóricos promovendo a ciência para o bem comum.

É preciso encontrar novas formas de compreensão para a ciência e para a vida, é necessário discutir a ciência para buscar conhecimento num movimento que possa desfragmentá-lo. E, assim, criar alternativas que reposicionem o ser humano no ambiente em vez de dissociá-los um do outro. E isso também vale para os estudos da comunicação.

Como não perceber, por exemplo, a mudança no olhar da comunicação diante do apresentador do Jornal Hoje⁴, Evaristo Costa, se emocionando ao vivo com o depoimento de um pai que perdeu o filho após ser espancado até a morte? Ou do repórter Ari Peixoto chorando ao dar a notícia da morte do colega de trabalho Guilherme Marques na tragédia com o avião que levava o time da Chapecoense? É difícil manter a exigência de imparcialidade da notícia quando o jornalista está no conflito ou sente empatia pelas pessoas envolvidas. É o lado humano, real, que se coloca no lugar do outro. Será que esses profissionais deixaram de ser éticos por que

⁴ Jornal Hoje é um telejornal nacional produzido pela Rede Globo que vai ao ar no início das tardes. O programa é exibido de segunda-feira a sábado e, atualmente, é ancorado por Sandra Annenberg e Dony De Nuccio.

não conseguirem conter a emoção? Será que as pessoas que estavam assistindo condenaram essa atitude e desligaram suas televisões? Será essa uma mudança no fazer jornalístico? Estamos preparados para essa mudança?

As práticas jornalísticas vêm se alterando ao longo dos últimos anos, e principalmente a revolução tecnológica tem aberto espaço para novas formas de fazer. As regras continuam sendo fundamentais, mas, nos ideais de objetividade e de imparcialidade, abrem-se brechas para narrativas que carregam emoção, afeto, memória e sentidos. Jornalistas explicam o mundo por meio de palavras, mas não só de palavras. As palavras são instrumentos de uma linguagem. O jornalismo é um hipertexto com falas, luz, som, gestos etc. É na maneira de perceber os fatos humanamente que aparece a sensibilidade. Cada história, ao mesmo tempo que é particular, é de todos nós, são histórias que nos representam. Nessa complexa teia comunicacional, esses profissionais investigam situações, fatos, problemas e comportamentos que são percebidos por seu potencial valor comunicativo.

Repensar a comunicação é subverter a lógica das verdades absolutas, dos fatos descontextualizados e da atrofia de ideias. É se aproximar das singularidades para tornar mais preciso o nosso processo de conhecimento. Mas, para isso, precisamos estar dispostos às novas possibilidades, criando alternativas em um movimento que possa fluir como nossos rios.

Lembrei-me de um dos encontros da Usina de Saberes Amazônicos com a professora Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista⁵, em que ela declamou o poema de Osho, que acompanha o título dessa introdução e versa sobre o encontro do rio com o oceano. Há momentos em que nos deparamos com a vastidão à nossa frente. São tantas leituras, discussões e reflexões ao longo da jornada que é um curso de mestrado. Muitas vezes me vi em situações de insônia após dialogar com Morin, Capra, Boaventura. Como dormir depois de conversar com Kuhn sobre a Estrutura

⁵ A professora Maria Luiza Cardinale Baptista possui doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2000). Atualmente é professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade e do Curso de Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul (UCS). É também pesquisadora visitante sênior da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), onde é Pós-doutoranda em Sociedade e Cultura da Amazônia. Em janeiro de 2017, foi convidada a trabalhar uma disciplina no PPGCCOM, onde realizou o Projeto Usina de Saberes Amazônicos: Narrativas de Viagens Investigativas, vinculado ao Plano Estratégico de Ampliação e Qualificação da Produção Científica do PPGCCOM/UFAM, um movimento criativo que possibilitou aos mestrandos o desenvolvimento de seus projetos para a fase da qualificação.

das Revoluções Científicas? Quando o rio encontra o oceano, ele treme de medo... e não dorme. Tudo isso é muito perturbador, muito perigoso.

Estamos acompanhando um grande movimento a favor da Amazônia, não só com diversas campanhas de proteção, manutenção e preservação, mas também com o envolvimento de ONGs, órgãos e fundações como *Greenpeace*, SOS Amazônia, WWF Brasil e Fundação Vitória Amazônica. O tema esteve presente também no horário nobre da programação televisiva da Rede Globo⁶, na novela das oito, *A força do Querer*⁷, em que Ritinha, interpretada por Isis Valverde, era tida como filha do boto. Na trama, a personagem nadava com os botos e afirmava até que o pai do seu filho era o boto.

A Amazônia, esta região universal, clama por olhares que possam contemplar suas particularidades, que possam enxergar suas nuances. A comunicação está aberta às novas narrativas e à subjetividade. A ciência está em permanente processo de ampliação e de mudanças. Precisamos reescrever essa história, religando conhecimentos, saberes e vivências. Escrever é materializar o pensamento, é oxigenar as ideias, é costurar olhares. É deixar o rio correr para o oceano, mas, para isso, é preciso arriscar-se... Arriscamo-nos... E, assim, acendemos a poronga para abrir os caminhos e contemplar a construção de um novo conhecimento...

⁶ A Rede Globo é uma rede de televisão brasileira, fundada em 1965 por Roberto Marinho, com sede no Rio de Janeiro. Transmitida em território nacional e internacional, a emissora é também umas das maiores produtoras de telenovela do mundo.

⁷ *A Força do Querer* é uma telenovela brasileira que foi ao ar de abril a outubro de 2017. Produzida e exibida pela Rede Globo, a trama foi escrita por Glória Peres e abordou temas como sereísmo, transexualidade e tráfico de drogas. A novela atraiu a atenção da região Norte por ter cenas gravadas em Belém, Manaus e Iranduba e por mostrar características regionais como linguajar, músicas e atores locais.

2 A PARTIDA: ABRINDO CAMINHOS...

“O vento norte
Que seduz minha razão
Assobia e me banha de emoção...”
(Vento Norte – Ariosto Braga e José Augusto Cardoso – Boi Caprichoso, 1996).

Acredito que a inquietação é o que nos move. É o que move o mundo acadêmico também. Ela nos causa um banzeiro de sensações e de movimentos em direção ao desconhecido. E esses desdobramentos nos levam a percorrer caminhos incertos. Este estudo se propõe a contar a trajetória a ser percorrida em busca de respostas e, talvez, de mais inquietações a respeito do tema proposto.

Foi sentada à beira do rio Negro, após ministrar uma aula no município de Novo Airão (AM) em 2011, que percebi meus pensamentos caminhando para essa inquietação. Faço questão de falar sobre isso porque não consegui conviver passivamente com essa inquietude, e foi ela que me trouxe ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, turma de 2015.

O despertar para o tema proposto surgiu em julho de 2011, ao ministrar a disciplina Prática Curricular para o curso de graduação em Letras – Língua e Literatura Inglesa pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) no município de Novo Airão (AM). Ao trabalhar a contextualização dos assuntos abordados em sala de aula, experimentei traçar um paralelo da realidade dos alunos com os temas desenvolvidos na disciplina. Percebi que havia entre eles uma preocupação relacionada à imagem do município, que antes estava vinculada ao peixe-boi e hoje está marcada pela figura do boto multifacetado, que se tornou uma das atrações turísticas da cidade.

A cidade atrai muitos visitantes por suas praias de areias brancas e destaca-se por abrigar um dos maiores arquipélagos fluviais do mundo: Anavilhanas, o qual possui 350 mil hectares e é formado por cerca de 400 ilhas (VIDAL, 2011). Também chama atenção por suas histórias envolvendo o Velho Airão, a cidade fantasma que, segundo relatos dos antigos moradores, foi invadida por formigas carnívoras, situação que teria obrigado a população a fugir e se restabelecer na outra margem do rio. Rebatizada como Novo Airão (AM), a cidade está localizada na margem direita do rio Negro, a uma distância de 180 quilômetros de Manaus em linha reta. Novo Airão fazia

parte do município de Manaus até 1955. Atualmente, configura-se como região metropolitana (Figura 1) e limita-se com os municípios de Presidente Figueiredo, Manaus, Iranduba, Manacapuru, Caapiranga, Codajás, Barcelos e Estado de Roraima.

Figura 1 – Mapa da Região Metropolitana de Manaus



Fonte: Secretaria de Estado de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Manaus. Disponível em: <http://www.srmm.am.gov.br/download/mapa_rmm.pdf>. Acesso em: abril de 2017.

Com a construção da ponte sobre o rio Negro em 2011, a chegada ao município ficou muito mais fácil, o que ativou o turismo local nos últimos anos. Como antigamente era necessário atravessar o rio em balsas, o percurso era demorado e cansativo. Além da opção via terrestre, pelas rodovias AM-070, a Manoel Urbano (que faz a ligação entre Manaus e os municípios de Iranduba, Manacapuru e Novo Airão, e depois pela AM-352 (que interliga Manacapuru e Novo Airão), também é possível chegar ao município de barco ou lancha, a partir de Manaus.

Figura 2 – Mapa de Novo Airão (AM)

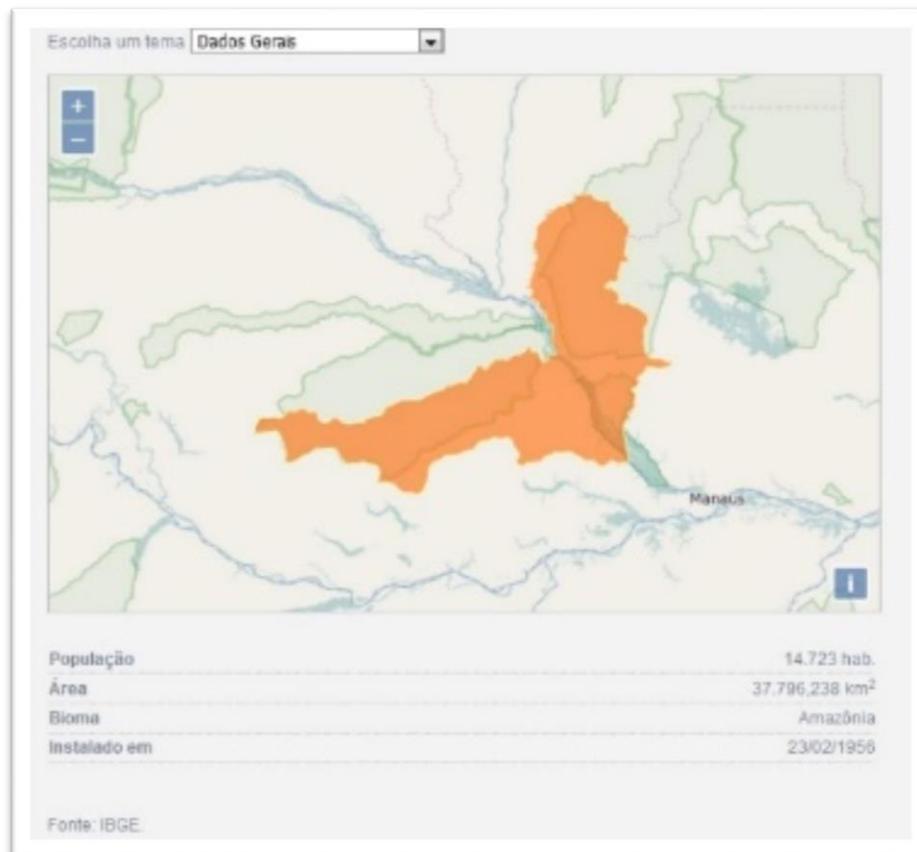


Fonte: Portal Amazônia. Disponível em: <<http://portalamazonia.com/noticias-detalle/turismo/cidade-dos-botos-saiba-como-chegar-em-novo-airao/?cHash=3c56e70e46eb55d4b04118272fe225e9>>. Acesso em: abril de 2017.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o município possui 14.723 habitantes com uma área de 37.796, 238 km². Novo Airão (AM) oferece muitas atrações para o turismo, é conhecida como Paraíso Ecológico por abrigar em seu território o Parque Nacional do Jaú. Criado em 1980, é o segundo maior do Brasil, estrategicamente localizado na bacia do rio Jaú, afluente do rio Negro. Além da Estação Ecológica Anavilhanas, um dos maiores arquipélagos fluviais do planeta, ambos fazem parte do Complexo de Conservação da Amazônia Central e foram reconhecidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO – *United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization*) como Patrimônio Mundial Natural, segundo informações do Portal Brasil⁸.

⁸ O Portal Brasil é um *site* do Governo Federal que reúne conteúdos de todos os ministérios e secretarias.

Figura 3 – Dados gerais IBGE – Município de Novo Airão



Fonte: IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=130320&search=amazonas|novo-airao|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>. Acesso em: abril de 2017.

O artesanato produzido na região, com destaque para os produtos em madeira e fibras naturais, também atrai os turistas. Na terra indígena Waymiri-Atroari, localizada no município, são tecidas peças de cestaria, utensílios e adornos que são comercializados pelos próprios índios em uma loja na sede da cidade. Há também a Fundação Almerinda Malaquias, que trabalha em parceria com a associação dos artesãos locais, a Nov'Arte, e oferece cursos de artesanato para a população. Esse trabalho ganhou repercussão nacional com a conquista do Prêmio Top 100 – Artesanato Brasil, organizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), nas edições de 2006, 2008 e 2011.

Além do artesanato, um outro aspecto característico de cidades do interior atraiu nossa atenção: o costume dos moradores em relação à praça da cidade. Localizada na rua principal, o local é uma opção de lazer e é ponto de encontro dos moradores que utilizam a academia ao ar livre, as redes de vôlei, as calçadas para caminhada e recreação das crianças. Há na área central uma parte coberta, um

coreto, onde geralmente são realizados ensaios de *hip hop* e outras danças, e onde é montado o presépio no período natalino. Ainda sobre a praça não poderíamos deixar de citar a famosa estátua do dinossauro que foi erguida e se tornou um *playground* para as crianças e parada obrigatória para os turistas. Perguntei aos alunos: mas, afinal, por que tem um dinossauro na praça? A primeira resposta deles está ligada ao fato de que arqueólogos teriam encontrado fósseis animais em Novo Airão; a segunda resposta, um tanto pitoresca, refere-se a um sonho de um prefeito que, imediatamente ao acordar, teria decidido registrá-lo erguendo a estátua do dinossauro na praça.

Figura 4 – Estátua do dinossauro na praça de Novo Airão



Fonte: Arquivo pessoal.

O movimento das águas proporciona cenários diferentes aos turistas. De novembro a abril acontece a cheia dos rios, época em que várias ilhas ficam submersas e os animais se concentram em terra firme; e de maio a outubro, a seca, momento em que é possível conhecer as inúmeras praias fluviais de areias brancas oferecendo um panorama único em cada paisagem. Novo Airão ficou conhecida também devido à qualidade na fabricação de barcos para a região. Por isso, durante o período da seca, é comum encontrar às margens dos rios barcos sendo construídos.

Essas informações turísticas estão disponíveis no Centro de Atendimento ao Turista de Novo Airão que fica logo na entrada da cidade. Lá também estão disponíveis panfletos e pôsteres dos restaurantes e pousadas.

Figura 5 – Centro de Atendimento ao Turista de Novo Airão (CAT)



Fonte: Arquivo pessoal.

A cidade oferece muitos atrativos para os turistas, como os supracitados. Contudo, nos últimos anos, outra atração tem causado fascínio entre os visitantes: o boto vermelho. O município ganhou notoriedade e passou a ser conhecido como a terra do boto cor-de-rosa⁹, recebendo visitantes do mundo inteiro que querem conhecer os “golfinhos de água doce” da Amazônia, como também são popularmente chamados. E é justamente desse quesito que emana a inquietação, a configuração da problemática deste estudo. Inicialmente percebo que Novo Airão (AM) é uma cidade dividida entre a representação midiática de dois símbolos: um reconhecido pelas instituições oficiais, que é o peixe-boi; e o outro, mais reconhecido pelos turistas e visitantes e também por parte da população local, que é o boto multifacetado em personagem do imaginário dos encantados¹⁰ da Amazônia e como produto turístico.

⁹ No documentário “Amazônia, viagem a mil rios”, Jacques Cousteau refere-se ao boto vermelho como boto cor-de-rosa. Ao ser veiculado na televisão brasileira e europeia, a expressão passou a ser largamente popularizada, tornando-se, inclusive, tema de música infantil em 1990.

¹⁰ Os Encantados, segundo Slater (2001, p. 203), “estão intimamente ligados a uma miríade de guardiões da floresta. São seres que habitam os rios e igarapés e se escondem nas matas. Possuem

Esses, possivelmente influenciados pela mídia, que neste trabalho será tratada como tecnologias do imaginário, abordagem teórico-metodológica desenvolvida por Silva (2006).

O peixe-boi se tornou emblemático no município em razão da abundância da espécie que havia na região. Até bem pouco tempo, a caça a esse e outros animais, como tartarugas, macacos, aves e várias espécies silvestres, era livre na Amazônia. O peixe-boi só passou a ser resguardado a partir de 1967 pela Lei de Proteção à Fauna. Antes disso, os animais eram capturados para o consumo da carne, considerada uma iguaria da culinária local, inclusive, mencionada nos registros de viagem do padre José de Anchieta¹¹, em que destaca: “É muito bom para se comer e mal se pode distinguir se é carne ou se antes se deve considerar peixe.” (VIOTTI, 1984, p. 35). Já o couro do peixe-boi, por ser muito resistente, também era aproveitado para fazer correias para máquinas. Até a banha do animal, além de se transformar em graxa para maquinário, já serviu de combustível para as lamparinas que iluminavam as ruas antes da energia elétrica (MAMIRAUÁ, 2013). Em 1967, a caça foi proibida. No entanto, a espécie está ameaçada de extinção.

O visitante, ao chegar em Novo Airão (AM), encontra um monumento com o brasão do município apoiado em dois peixes-bois.

um corpo humano e um corpo animal, suas manifestações, ou aparições são conhecidas como encantarias e seus lugares de morada são designados como encantos”.

¹¹ Missionário jesuíta que participou de missões religiosas na Amazônia, no período do Brasil Colonial – século XVII.

Figura 6 – Monumento na entrada de Novo Airão (AM)



Fonte: No Amazonas é assim. Disponível em: <<http://noamazonaseassim.com.br/novo-airao/>>. Acesso em: abril, 2017.

Na década de 1980, havia um aquário com chafariz e peixes-bois na praça principal da cidade. Foi desativado por determinação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) por não oferecer os cuidados de tratamento digno de acordo com as normas do órgão para a criação de animais em cativeiro.

Há, também, um festival folclórico em homenagem ao peixe-boi, já em sua vigésima segunda edição, protagonizado pelos grupos de brincantes das agremiações Jaú e Anavilhanas, os quais disputam o título de campeão do ano com apresentações temáticas que hoje evidenciam a preservação do meio ambiente. Paradoxalmente, esse festival surgiu para celebrar os caçadores que mais capturavam peixes-bois, como um prêmio de reconhecimento público pelos seus feitos.

Consta na Lei orgânica do Município de Novo Airão, de 05 de abril de 1990, no Artigo 39: “Que sejam fixados em lei, nos termos do Art. 24, inciso VII da Constituição da República, os Sítios Arqueológicos, a localidade de Airão e o Festival do Peixe-Boi, considerados patrimônio histórico, artístico e cultural, os quais serão protegidos pelo Poder Público Municipal”. E também há o desenho de um peixe-boi na placa indicativa de localização da Prefeitura de Novo Airão.

Figura 7 – Placa da Prefeitura de Novo Airão



Fonte: Arquivo pessoal.

É notória a presença do peixe-boi enquanto símbolo de Novo Airão (AM). No entanto, a cidade passou a ser conhecida como “terra do boto cor-de-rosa” certamente por influência da mídia na divulgação do boto domesticado por ribeirinhos da cidade.

A seguir, podemos acompanhar alguns trechos de matérias em portais e *sites* que evidenciam o boto como atração turística. A primeira delas, do Portal Uol (Figura 8), destaca: Terra do boto cor-de-rosa, Novo Airão é cercada de ilhas e belas paisagens; no *site* Descobrindo o Amazonas (Figura 9), o destaque vai para a imagem do boto interagindo com os turistas; e no Portal Brasil (Figura 10), o título sugere: Interação com botos é atração turística em Novo Airão (AM).

Figura 8 – Matéria Portal Uol

The screenshot shows a Uol travel article page. At the top, there's a navigation bar with 'uol viagem Destinos Nacionais' and various menu items like 'DESTINOS NACIONAIS', 'DESTINOS INTERNACIONAIS', 'ESTILOS DE VIAGEM', 'CRUIZEIROS', 'SERVIÇOS', and 'ÚLTIMAS'. Below this is a social media sharing bar with icons for Facebook, Twitter, LinkedIn, and Email. The main article title is 'Terra do boto cor-de-rosa, Novo Airão é cercada de ilhas e belas paisagens'. There's a sub-header 'ECOTURISMO' and a small video player with the title 'Novo Airão, no Amazonas'. To the right, there's a section titled 'Guias e roteiros' with several small image thumbnails, some labeled 'ECOTURISMO' and 'MOCHILEIRO'. At the bottom right, there's a 'Publicidade' label.

Fonte: Uol Viagem. Disponível em: <http://viagem.uol.com.br/guia/brasil/manaus/roteiros/terra-do-boto-cor-de-rosa-novo-airao-e-cercada-de-ilhas-e-belas-paisagens/index.htm>. Acesso em: abril, 2017.

Figura 9 – Descobrindo o Amazonas

The screenshot shows a website titled 'Descobrindo o Amazonas'. The main heading is 'O El Dorado é aqui'. On the left, there's a navigation menu with links: 'Home', 'Manaus', 'Presidente Figueiredo', 'Novo Airão', 'Outros Municípios', 'Agenda Cultural', and 'Comentários'. The main content area is titled 'Novo Airão' and contains the text: 'Novo Airão está localizada a pouco mais de 180 km de Manaus e é possível alcançá-la facilmente através da recém-inaugurada Ponte Rio Negro. A imponente obra de engenharia, que também se tornou um ponto turístico, eliminou o antigo sistema de balsas e as desgastantes horas de espera nas filas.' Below this, there's a section 'Onde a lenda ganha vida' with a small image of a boat on a river and text: 'A atração mais famosa da cidade é a possibilidade de interagir com os botos que regularmente visitam o flutuante da Dona Marilda. Há alguns anos, essa senhora e as suas filhas começaram a alimentar os botos que de vez em quando chegavam próximo às margens do rio. Os bichos gostaram tanto do agrado que passaram a voltar constantemente. O fato logo se espalhou e, hoje em dia, vários turistas vêm regularmente a Novo Airão para alimentar e ver de perto esse animal tão emblemático da fauna amazônica. A entrada no flutuante custa R\$10,00.'

Fonte: Descobrindo o Amazonas. Disponível em: <http://descobrindoamazonas.webs.com/novoairo.htm>. Acesso em: abril, 2017.

Figura 10 – Portal Brasil



Fonte: Portal Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/01/interacao-com-botos-e-atracao-turistica-em-novo-airao-am>>. Acesso em: abril, 2017.

O meu interesse por esse tema surgiu desses paradoxos que geraram alguns questionamentos. Como as narrativas que envolvem esse fenômeno relacionado à linguagem e às representações sociais desenvolveram esse imaginário? Como se manifesta o imaginário envolvendo o boto vermelho e as suas relações com a cidade? Será que a relação com a mídia provocou essa mudança e reconfigurou o fenômeno do boto encantado?

As respostas para essas perguntas devem contribuir para um novo entendimento das relações entre as populações da Amazônia com as tecnologias do imaginário e os interesses econômicos e culturais globalizados. É possível inferir, todavia, que o aparecimento do boto multifacetado nesse contexto pode estar relacionado com as contradições da própria mídia que, numa visão globalizante, almejava a hegemonização das culturas. Hegemonia essa que nem sempre é conquistada em razão das forças das culturas e dos saberes locais que se articulam também por meio de próprias redes e processos comunicacionais e, assim, acionam seus valores morais, suas éticas, seus símbolos de identidade e identificação, suas linguagens e suas estéticas. É importante conferir e compreender os fenômenos

socioculturais que surgem desses conflitos de visões de mundos distintos, porém complementares, antagônicos e concorrentes (MORIN, 2005). Nesse sentido, buscamos contextualizar as múltiplas significações do fenômeno do boto em Novo Airão (AM) a partir da compreensão ecossistêmica e dos estudos do imaginário. E para compreender o contexto em que o fenômeno está inserido, convido-o a voltar no tempo e conhecer um pouco da história do Airão Velho.

2.1 AIRÃO VELHO

A primeira vez em que ouvi falar de Novo Airão instigou-me saber o porquê da palavra “novo”. Se o novo remete ao antigo, então existiu um Airão antes, que deve ter deixado seus vestígios e pegadas. Tive vontade de conhecer as ruínas da cidade original para descobrir o que havia acontecido com ela. Em pesquisas preliminares, encontrei algumas histórias sobre o Velho Airão, mas me pareceram muito rasas e sem confiabilidade. Acredito que para compreender melhor meu objeto de estudo é necessário contextualizá-lo, observando as interações que existem entre os seres humanos, o ambiente e seu imaginário, como eles se relacionam e se comunicam entre si, como acentua Morin: “Conhecer o humano não é separá-lo do universo, mas situá-lo nele. Todo conhecimento, para ser pertinente, deve contextualizar seu objeto.” (MORIN, 2005, p. 37).

Airão foi uma das primeiras povoações nas margens do rio Negro, sendo mais antiga que a primeira capital do Amazonas, Barcelos. A cidade, à época de sua existência, foi importante como um porto de recebimento e distribuição da borracha em razão da sua localização estratégica.

Atualmente é conhecida como cidade fantasma, tendo várias versões para explicar o seu abandono. A mais pitoresca delas é a mais difundida e pode ser encontrada no Portal Amazônia (2011):

A história da cidade começou no final do século 19, com um devastador ataque de formigas. O incidente aconteceu na comunidade de Airão Velho, hoje uma cidade fantasma. A invasão dos insetos ao município obrigou a população a se mudar para a outra margem do rio Negro. Airão Velho abriga hoje apenas ruínas de uma igreja, enquanto a nova sede se desenvolveu e é lar de 15 mil habitantes.

Além da versão do ataque das formigas existem várias outras, como: o relato de que ataques dos índios Waimiri-Atroari foram determinantes para o abandono da cidade; ou a estagnação em virtude do uso não sustentável dos recursos naturais e do extrativismo exacerbado de drogas do sertão e de madeiras, por exemplo; ou a decadência ocasionada pela queda do ciclo da borracha diante da produção da Malásia, ou ainda a mudança da capital para Manaus, o que tirou Airão da rota principal de navegação pelo rio Negro (LEONARDI, 2013).

Talvez a combinação de todos esses fatores tenha contribuído com o despovoamento da região, mas é certo que, nessa época, houve um grande desastre demográfico que dizimou vários povos indígenas em razão das epidemias, pois os índios não estavam imunes às enfermidades trazidas pelos portugueses; além do processo de escravização dos índios para a mão de obra extrativista que gerou forte resistência e fuga, somado ao recrutamento forçado para atividades de resgate e escravização de outros povos indígenas, o que ocasionou, por exemplo, o enfrentamento com os Manaós que foram trucidados porque se recusaram a participar de tais atividades como aliados dos portugueses, o que também pode ser visto na história de resistência envolvendo Ajuricaba.

O historiador Victor Leonardi (2013, p. 26), em sua obra *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*, revela trechos de documentos e relatos de viajantes demonstrando a preocupação de Portugal com os territórios amazônicos:

No início do ano de 1693, o Conselho Ultramarino havia examinado em Lisboa, uma carta da Câmara do Pará, na qual seus oficiais queixavam-se da grande falta de missionários “no distrito do rio das Amazonas”. Segundo eles, a área a ser evangelizada era imensa e ínfimo o número de missionários, o que prejudicava “gravemente os tão católicos desejos de Sua Majestade”.

Debruçado na margem direita do rio Negro, o aldeamento dos índios Tarumã deu início ao povoado de Santo Elias do Jaú em 1694, primeiramente com os mercedários, e de maneira mais efetiva com os carmelitanos que construíram a igreja de pedra em homenagem a Santo Elias, que ainda figura entre as ruínas do Velho Airão.

O relato mais antigo de que se tem conhecimento sobre o povoado é do frei Vitoriano Pimentel acerca da viagem que fez no ano de 1702. Nesse período, Santo Elias do Jaú desenvolvia atividades missionárias e tinha sua economia com base no extrativismo, as drogas do sertão, mas não era considerada uma economia forte. O

papel principal do povoado que foi crescendo lentamente era geopolítico, como descrito por Leonardi (2013, p. 29) no trecho a seguir:

Santo Elias do Jaú era uma fronteira, no fim do século XVII, a ponta mais avançada do processo de expansão (mercantilista) português pela Amazônia. Frei Vitoriano Pimentel sabia disso, pois um dos objetivos principais da sua viagem em 1702 era tentar convencer o padre Samuel Fritz – jesuíta a serviço da Espanha, residente no Solimões – da legitimidade das reivindicações territoriais portuguesas sobre longos trechos desse rio.

Por sua posição estratégica, o povoado foi se estabelecendo e ganhando sobrados, além de atrair pessoas dos arredores para a festa do Divino Espírito Santo, evento celebrado com muita pompa na igreja dedicada a Santo Elias do Jaú. Aqui cabe ressaltar a homenagem dos carmelitas ao seu inspirador espiritual, o profeta Elias, que dá nome ao povoado e que, segundo o Antigo Testamento, tinha o poder de operar grandes milagres. Leonardi (2013, p. 239) destaca “Quando Pedro, Tiago e João perguntaram a Jesus, no monte da transfiguração, se Elias devia vir primeiro, o mestre respondeu: Elias, quando vier primeiro, reformará todas as coisas”. A escolha emblemática do nome do povoado, um dos primeiros nas margens do rio Negro, não pode ser descartada nesta pesquisa ainda que seja uma informação bíblica, pois o pesquisador não pode desconsiderar que os padres carmelitas que ergueram a igreja de pedra acreditavam que Elias viria primeiro “para reformar todas as coisas”, eles carregavam expectativas de que o povoado traria melhorias para a região.

Um processo de transformação aconteceu em 1759 quando o primeiro governador da capitania de São José do Rio Negro, Joaquim de Melo e Póvoas, eleva Santo Elias do Jaú à categoria de lugar, renomeado como Ayrão, conforme descrito por Leonardi (2013, p. 31):

Essa mudança de nome obedecia a uma política definida por Mendonça Furtado, irmão do marquês de Pombal, em um momento em que a demarcação das fronteiras amazônicas entre espanhóis e portugueses estava sendo feita – tratados de Madri, de 1750, e de Santo Ildefonso, de 1777. Segundo essa geopolítica, os povoados amazônicos deveriam adotar nomes portugueses. Outros tinham, desde o início, nomes desse tipo e assim permaneceram. A toponímia lusófona auxiliava, dessa maneira, os diplomatas de Lisboa. Surgiram, assim, na Amazônia, localidades com nomes idênticos aos de vilas e cidades da metrópole: Silves, Santarém, Faro, Barcelos...

E assim, Mariuá passou a se chamar Barcelos, e Santo Elias virou Ayrão. O século XVIII ficou marcado pela mudança de nomes dos povoados amazônicos e pela

construção de fortalezas na região. Cada vez mais expedições percorriam os rios amazônidas, com destaque para o relato do brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, uma das mais importantes fontes históricas para se estudar o Ayrão. De acordo com Leonardi (2013, p. 32), Ferreira foi escolhido para chefiar uma expedição científica pela Amazônia no final do século XVIII e descreveu com detalhes o que encontrou no povoado:

[...] das casas, que, nessa época, distribuíam-se em três linhas paralelas ao rio: a da frente tinha seis casas; a segunda nove, incluindo as residências do reverendo vigário e do diretor; a terceira linha, apenas duas casas. Havia ainda um armazém e uma casa de forno. Os 148 moradores existentes em 1786 somavam 20 brancos, 126 índios aldeados e dois pretos escravos.

Segundo os relatos do viajante, com quase um século de existência, não havia nada na localidade que indicasse prosperidade econômica e, embora possuísse uma grande riqueza florestal, isso não se refletia em sobrados opulentos, o próprio madeirame da igreja encontrava-se estragado.

Mas esse período de estagnação começou a mudar quando a Europa e os Estados Unidos aumentaram o consumo de produtos feitos a partir do látex das seringueiras para a fabricação de pneus, artefatos de borracha e materiais cirúrgicos, por exemplo. O Brasil, como maior produtor mundial, começou a exportar a matéria-prima, e a região amazônica, que possuía o maior número de seringueiras nativas, passou a receber os “soldados da borracha¹²”, imigrantes, principalmente nordestinos que vieram para trabalhar nos seringais.

Sobre esse período, há um fato extremamente interessante e pitoresco: um lugar chamado Caverna das Profecias, onde acontecia um ritual de entrada no Jaú, realizado pelos seringueiros para predizer a sorte:

Todos os seringueiros que cortavam seringa de machadinha nos rios Jaú e Carabini tinham por obrigação parar sua canoa ou batelão, que eram movidos a remo ou a vela, para passar, um por um, por esse buraco. Aquele que entrasse na parte de baixo da caverna e saísse na parte de cima sem dificuldades ia fazer muita borracha e gozar de muita saúde durante a safra, e passaria – ainda estaria vivo – o dia de São João do próximo ano. Porém, aquele que tivesse dificuldades para passar, ou por azar não pudesse sair, ia ter um péssimo fabrico de borracha e estava sujeito a adoecer e morrer ao

¹² A denominação foi dada ao exército de imigrantes, principalmente nordestinos, que foi mobilizado durante a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) para servir na Amazônia. Os jovens em idade militar eram convocados pelo Estado brasileiro e precisavam escolher entre os campos de batalha, na Itália; ou extrair o látex da seringa, na Amazônia; os que escolheram se embrenhar pela floresta ficaram conhecidos como Soldados da Borracha.

ser atacado pelo beribéri e o impaludismo que assolavam os seringais, esta pessoa jamais passaria o dia de São João do próximo ano. (LEONARDI, 2013, p.160).

Essas singularidades demonstram as idiosincrasias amazônicas e revelam características que não podem ser desconsideradas em uma pesquisa ecossistêmica. São especificidades locais e regionais que demonstram uma maneira de ver e sentir que é única e que pode ser compartilhada pelos conhecedores das sutilezas amazônicas. É notório que a história do Airão está envolta em versões e apresenta vários elementos enigmáticos, expressões da forma cabocla de ver a vida e da relação do homem com a natureza. Há uma força mítica na história de Santo Elias do Jaú que o colocava como local de esperança e que continua presente nas narrativas do Novo Airão. Santo Elias ainda figura na “nova Airão” nomeando um bairro na cidade. É preciso encontrar as conexões, as pontes entre a natureza, o homem e a sua história. Sem isso, estaremos fadados a ver fontes de conhecimento sobre a vida e a história se transformando em ruínas, como bem destaca Leonardi (2013, p. 237):

E foi assim que o Velho Airão virou ruínas. Quando o último morador, senhor João Bezerra de Vasconcelos Filho, abandonou a terra onde havia nascido, a pessoa que transportou sua mudança, senhor Carlos Gouvêa, retirou, pouco antes de partir do porto fluvial da velha povoação, a placa com o nome da rua principal. Esta placa está até hoje em sua casa no Novo Airão. Graças a esse senhor, ficamos hoje sabendo que a rua principal daquela pequena cidade em ruínas chamava-se rua Occidental. Esse nome concentra e expressa todos os paradoxos e contradições da história regional amazônica: terra de índios e caboclos, de sumáúmas gigantes e castanheiras generosas; mas, também, terra cujas elites sempre viveram de costas para a floresta e com os olhos voltados para Lisboa, Paris e Londres. Por isso, rua Occidental. Bela expressão literária de um fim que afinal se concretizou: os telhados das casas desabaram, a igreja de Santo Elias está em ruínas, no armazém do porto vivem borboletas e passarinhos, no cemitério o mato cresceu, e uma grande onça do tamanho de uma anta – disse-me o senhor Carlos Gouvêa, que já a viu – passeia por ali, tranquila, soberana, atravessando de dia e de noite a antiga rua Occidental.

De acordo com o histórico do município encontrado no *site* do IBGE, em 1833 Airão é Freguesia pertencente ao Termo de Manaus. Em 1938, é transformada no Distrito de Airão, ainda subordinada ao município de Manaus. Essa ligação com a capital permanece por alguns anos, como descrito por Leonardi (2013, p. 153):

Não se deve esquecer que, além disso, enquanto não foi criado o município de Airão, em 1955 – com sede posteriormente transferida para Novo Airão/Tauapessassu –, essa localidade pertenceu ao município de Manaus,

que capitaneava, assim, toda a política do baixo rio Negro na República Velha.

Finalmente, em 1955 o Distrito de Airão é desmembrado de Manaus e, em 1956, é elevado à categoria de cidade. Após a mudança da sede do município, os moradores começam a ocupar a área da margem direita do rio, abandonando definitivamente o antigo povoado de Santo Elias do Jaú (LEONARDI, 2013, p. 20):

No caso do Velho Airão, não houve apenas crise, houve, de fato, arruinamento, de forma total e definitiva: a cidade – Airão foi elevada à categoria de município em 1955 – não tem mais nenhum morador há muitos anos, nenhuma casa cujo telhado não tenha caído, nenhuma rua com algum vestígio recente de presença humana e convívio social. A própria rua Occidental – a principal rua do Airão – só é transitada hoje por animais silvestres. No entanto, Airão já teve escola, prefeitura, cartório, padaria, taverna, sobrados, armazéns, lojas, duas igrejas... Hoje tudo está estragado e destruído. Arruinamento é o ato ou efeito de ficar sem recursos. Foi exatamente isso o que aconteceu com o Velho Airão ao longo dos anos: ficou sem recursos, desacreditado, dia após dia, até perder-se, para sempre.

Segundo o blog *Novo Airão em foco*, quando o último morador deixou a cidade, em 1985, a Marinha do Brasil passou a usar a cidade abandonada como área para exercício de tiros de seus navios até que em 2005 foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nesse ponto da pesquisa surgiram indagações sobre como foi permitido usar um lugar tão cheio de memórias para testes de tiro e míssil, um bombardeio contra nossas entranhas históricas e contra a própria memória beligerante dos Tarumã, os guerreiros audaciosos que ocuparam inicialmente o lugar. Em viagem ao Airão, o historiador Leonardi (2013, p. 138) deixa-nos entrever sua percepção ao revelar que

[...] as ruínas do Airão suscitavam em mim uma sensação de estar diante de um enigma, quis dizer, justamente, o quanto a história da Amazônia é complexa e cheia de desigualdades: pelo Airão passavam máquinas a vapor, no século XIX, e passageiros a bordo daqueles barcos, e pelo Airão passavam também índios Waimiri-Atroari, com seus arcos, flechas e bordunas, tentando ainda disputar, com os brancos, uma terra para sempre conquistada...

Após anos de total abandono, em 2002 Airão Velho ganhou um guardião, um imigrante japonês chamado Shigeru Nakayama. Segundo ele, o local recebe visita de pesquisadores, jornalistas e turistas, principalmente estrangeiros. Em entrevista para o Portal A Crítica, no ano de 2015, o único morador virou especialista em assuntos

sobre o Airão Velho e chama atenção ao falar sobre o descaso com a conservação da estrutura e da história do local. Por conta disso, o guardião cuida com muita dedicação dos objetos encontrados por ele e revela em entrevista (AFFONSO, 2015):

Comecei a organizar um pequeno museu num dos quartos da casa onde moro com as coisas que acho [...] Para quem tem condições, é fácil e rápido montar um museu, mas para quem não tem, como é o meu caso, é aos poucos. E tudo que acho guardo: um pedaço de ferro, uma foto antiga. Mas tem também telhas portuguesas, uma garrafa holandesa antiga, um artefato indígena, uma espingarda do século passado....

Atualmente Airão Velho é patrimônio histórico, está situado no Parque Estadual Rio Negro Setor Norte e fica próximo aos Parques Nacionais de Anavilhanas e Jaú. Segundo o senhor Nakayama, o local “hoje, conserva apenas nove prédios, sendo só dois de alvenaria, além de três ruínas e um cemitério, com lápides que datam de meados do século 19.” (AFFONSO, 2015).

A Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SDS) realizou uma audiência pública em 2014, em Novo Airão, em que foi aprovada a proposta de criar uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) nas imediações do Parque Estadual Rio Negro. Segundo a secretária da SDS, Kamila Amaral, em entrevista ao Portal G1 Amazonas (COMUNITÁRIOS, 2014),

a finalidade de criar a RDS é a conservação da biodiversidade, proteção dos cursos d’água e conectividade biológica dos fragmentos florestais; além do acesso das mais de 200 famílias moradoras da região aos recursos e políticas públicas disponíveis.

Na ocasião, também foi debatida a questão da conservação e proteção do patrimônio histórico existente, especialmente as ruínas de Airão Velho.

Em que pese a proximidade a Manaus e a facilidade de acesso, o que se observa é que não houve movimentação após a aprovação e a história continua se transformando em ruínas. Leonardi (2013, p. 12) ainda nos alerta: “As ruínas do Airão ensinam que o futuro da Amazônia requer respeito e reciprocidade com os amazônidas e sua esplendorosa natureza”. São tantos paradoxos e contradições em uma história que nos permeia de questões e provocações. Airão Velho permanece tão enigmático quanto as águas do rio Negro.

3 ENTRONCAMENTOS E ATRAVESSAMENTOS: PERCORRENDO A TRILHA INVESTIGATIVA

O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes. (SILVA, 2006, p. 8).

A produção do conhecimento científico em Comunicação na América Latina é muito recente, uma ciência jovem, que ainda está em construção. As investigações acerca dos fenômenos comunicacionais têm apenas décadas de existência no Brasil, onde o primeiro curso de Jornalismo foi criado em 1947 na Faculdade Cásper Líbero (SP). A esse respeito França e Simões destacam que:

Em linhas gerais, pode-se dizer que a pesquisa em comunicação na América Latina teve início apenas a partir da segunda metade do século XX. Embora os primeiros cursos de Jornalismo datem dos anos 1930-1940, o início do século registra somente trabalhos esparsos sobre a história e a legislação do Jornalismo. A partir daí, e até o final do século XX, podemos grosso modo, identificar três fases: o surgimento dos primeiros estudos, sob influência americana; a fase crítica, de denúncias e proposições, por volta da década de 1970; o viés culturalista, a partir dos anos 1980. (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p. 163).

Isso pode explicar o desenvolvimento e a consolidação dos centros de pesquisa dos Estados Unidos e da Europa e a influência que eles exerceram e ainda exercem, por meio das suas teorias e práticas, na pesquisa em Comunicação no Brasil.

Vale ressaltar que as pesquisas em comunicação surgem na esteira das preocupações dos cientistas com os impactos do modo de produção capitalista – o que fez as tecnologias de um modo geral saltarem em quantidade e aperfeiçoamento – sobre a comunidade humana principalmente. Assim, as teorias e práticas comunicacionais privilegiam um jeito de conceber o mundo a partir da sua matriz ocidental e ocidentalizante. Aliás, uma matriz que, embora sinalize para uma necessidade hegemônica de entendimento do mundo, abriga uma enorme diversidade de pensamentos¹³.

Evidentemente que esse processo, no campo acadêmico e intelectual, está permeado por críticas e contrapontos aos avanços e limitações das teorias comunicacionais e suas aplicações. De certo modo, foi essa diversidade teórica e

¹³ Uma panorâmica destas abordagens é encontrada na obra *Teoria do Jornalismo* de Pena (2010).

prática que potencializou a pesquisa e os estudos da comunicação nas universidades e em seus centros de pesquisa ao longo desses anos. Não é demais lembrar que essa situação está vinculada, quase sempre, aos saltos tecnológicos que afetam o modo de pensar, viver e agir em partes significativas do planeta¹⁴.

O desenvolvimento das tecnologias e seus efeitos sobre a humanidade são, portanto, resultados de um longo processo de articulação tecnológica e científica, de experiências e vivências que contribuíram para a formação de áreas especializadas nos diversos setores do pensamento, com o intuito de organizar o mundo da ciência, da sua produção, disseminação e aplicabilidade. No geral, o pensamento ocidental clássico/moderno – desde Sócrates e, mais contemporaneamente, desde Newton e Descartes – tende a se organizar de modo racional e racionalizante em disciplinas, em fragmentos. Como já dissemos, isso tem uma lógica: a provável hegemonia de um modo de vida e suas variáveis de interesse. Não obstante, esse jeito de se pensar e se fazer ciência esteve e está sempre fustigado por outras formas de concepções, interpretação e viver no e para o mundo, como os conhecimentos de determinadas filosofias, das artes, das religiões, das cosmologias e cosmogonias étnicas indígenas que, em vez de se separarem da relação (comunicação) subjetiva do conviver e viver se mantêm inter-relacionados a elas¹⁵.

Entendemos, assim, que as sociedades clássicas/modernas fundamentaram seus conceitos nos saberes assentados a partir de cada novo paradigma, porém, paradigmas que almejam a verdade por meio de um único jeito de pensar: o racional, que, desdobrado nas suas variáveis de interesse, tende a se tornar racionalizante, no sentido de que só se deve chegar à verdade – e a uma única verdade – por meio dos pressupostos da razão.

Sabemos, agora de antemão, que as ciências se formulam, se fortalecem e se estabelecem no tempo e no espaço de momentos culturais, inclusive das culturas políticas, como nos comunica Kuhn (1997), e por elas estão influenciadas (ou por que não determinadas?!. Enquanto isso, outras formas ou contraformas de elaboração de conhecimento não são avalizadas pelo *establishment* acadêmico e, por isso, são colocadas na margem desse processo. Porém, como “o pensamento é atitude”

¹⁴ O livro *A Galáxia da Internet* de Castells (2003) faz um apanhado histórico e crítico desses avanços.

¹⁵ Embora este tema esteja presente em outros autores, inspiramo-nos especificamente para este trabalho, nos estudos de Durand (2010) sobre a relação razão-verso-desrazão no contexto do imaginário.

(GEERTZ, 2001), as ciências persistem em ação e, às vezes, latentes como sementes em busca de brechas para brotar autopoieticamente.

Por isso, seria prudente dizer que a produção de pesquisa e a construção de conhecimento estão inseridas em um contexto de diversidade cultural e de sabedorias múltiplas. No entanto, mesmo diante desse contexto, podemos perceber o quanto a rigidez epistemológica, inspirada nos moldes do método cartesiano, ainda busca alcançar a verdade científica absoluta. Perde-se, assim, o olhar da/e sobre a complexidade da vida, dando ênfase apenas aos resultados cientifizantes, separando o sujeito do objeto, a razão da desrazão, a certeza da incerteza, a natureza, a cultura e o cosmo do caos.

Levando-se em consideração que as pesquisas em comunicação também seguem paradigmas em que os “objetos” são observados de maneira isolada, a partir de uma perspectiva determinista, podemos perceber que, na tentativa de compreender o objeto que ele chama de seu, o pesquisador exacerbado no racionalismo acaba separando as conexões e os processos de conhecimento existentes entre eles. Tal postura implica análises e interpretações da realidade social encaixadas em métodos e metodologias previamente elaborados. Essa crítica, talvez um tanto radical, não nos leva a uma negação da racionalidade; ao invés disso, almeja ampliar a compreensão do ser racional pela inclusão de outras formas de articulação da vida, entre elas a dos seres humanos, que não se orientam pelo racionalismo ocidental.

No caso deste estudo, realizado no âmbito da perspectiva ecossistêmica, é possível desenvolver uma investigação que não se limita a uma verdade absoluta e, assim, compreenda o contexto dos fenômenos por meio de múltiplos olhares. Isso porque, como bem pontua Paes Loureiro (2015, p. 189), o imaginário é um recurso imaginal de criação de novos mundos e novas realidades, principalmente em se tratando de Amazônia. Então, acentua o pesquisador:

Esse caráter tão presente na vida amazônica decorre de um sistema de vida em que a relação do homem com a natureza propiciou essa necessidade de criar, pelo seu imaginário, novos mundos e novas realidades. O imaginário povoa esses mundos de deuses, mitos e lendas, e, ao mesmo tempo, de entidades de uma significação tão rica em modos de compreender a realidade e de interpretar o mundo por meio de uma reflexão alegórica. Essa particularidade na relação do homem com a natureza, com a solidão, com as distâncias, com os rios das águas doces correntes, deu, para o acervo do imaginário que temos, uma condição exemplar de intermediação entre o real e o não-real, o que é preenchido pelo imaginário como outra forma de

realidade. O que ocorre é que essa mitologia toda, essa simbologia que decorre da nossa cultura, não é de um caráter propriamente filosófico, de um caráter propriamente místico ou de um caráter normativo. Então, o nosso imaginário se configura e estimula essa dimensão poética nos produtores e nos receptores, tanto que a Amazônia sempre é encarada por toda a sua história, predominantemente, como uma dimensão do imaginário e como uma força poética desse imaginário capaz de poetizar todos os discursos.

A complexidade amazônica permeia esse mundo labiríntico em que o homem preenche e é preenchido pela floresta, pelos rios e pelo imaginário. Essa convivência visceral do homem com a Amazônia estabelece uma relação quase mágica, como enfatiza Paes Loureiro (2015, p. 136):

Vivendo dentro de um espaço, o homem tem com ele uma relação permanente de trocas. Na Amazônia, esse espaço físico está preenchido pelos rios e pela floresta. É uma geografia do esplendor da tropicalidade, da qual emana o sentido do sublime, do imedito, da exuberância cósmica.

A Amazônia, essa região universal, já recebeu vários olhares numa tentativa de defini-la. Ideias que oscilaram entre Inferno Verde, Paraíso Tropical, Eldorado Brasileiro, País das Amazonas, Pulmão do Mundo são alguns exemplos de como autores enxergaram essa terra tão alegórica. Nesse contexto, é importante considerar que:

Qualquer autor que se aventure a escrever sobre a Amazônia, seja no campo da poesia, da prosa, da filosofia, da história ou das demais ciências, não deixará de se deparar com a Amazônia construída pelos estrangeiros, portanto com uma terra oriunda da junção de vestígios das mais variadas origens, com despojos ou o mais profundo de cada homem que para cá, a favor ou contra a sua vontade veio. (PAES LOUREIRO, 2015, p. 11).

A dimensão do cotidiano amazônica exprime um olhar contemplativo diante das grandezas hiperbólicas da região: a maior floresta tropical do mundo, o maior rio de água doce, a maior biodiversidade, o maior bioma, as grandes distâncias... Se a visão do estrangeiro, muitas vezes, evoca uma floresta impenetrável, o olhar do amazônica, habituado naturalmente à complexidade das coisas, contempla questões que compreendem a totalidade em que se insere a realidade amazônica, e, diante disso, Paes Loureiro (2015, p. 211) ressalta:

A admiração como produto de uma emoção que transforma a relação e a qualidade da vivência do caboclo, do homem amazônico. A contemplação do rio, da curva do horizonte líquido, da floresta, da chuva e do sol, do dia e da

noite, traduz-se numa densidade emocional intensa, dando uma colaboração de entusiasmo, de encantamento diante da natureza, evidenciando seu sentido interior.

Essa relação do homem com a mata, as águas e a terra caracterizam as vivências amazônicas que desembocam na própria construção da identidade e na formação das subjetividades. A realidade amazônica só pode ser estudada na sua totalidade se ela for compreendida a partir de si mesma, como bem destacam Monteiro e Colferai (2011, p. 40):

Há a clara necessidade de pensar a Amazônia como totalidade, com partes que se intercomunicam, mesmo que isso signifique extrapolar as fronteiras tradicionalmente constituídas dos campos de conhecimento. Essa é uma condição prévia para dar conta da tarefa que a pesquisa em comunicação na Amazônia impõe.

Tarefa essa que desafia o homem cartesiano a vencer o pensamento domesticado, fruto de uma educação fragmentada, e a religar o que foi desligado.

Nessa tentativa, com a proposta de contextualizar o fenômeno do boto em Novo Airão (AM), a partir da compreensão ecossistêmica e dos estudos do imaginário amazônico, este trabalho foi conduzido a partir dos entroncamentos e atravessamentos provocados pelos “diálogos” com Silva (2006), Paes Loureiro (2015) e Slater (2001) Morin (2005), Capra (2006), Maturana e Varela (2007), Monteiro (2011), Pereira (2011) e Colferai (2014). Esses estudos, na sua diversidade de abordagem epistêmico-metodológica, têm várias questões em comum, entre elas, a de que o desenvolvimento das ciências se dá pelo rompimento de fronteiras e limites e, conseqüentemente, pela religação dos conhecimentos e saberes. Para o desenvolvimento desta pesquisa, o pensamento desses autores e seus desdobramentos foram importantes porque o fenômeno do boto multifacetado não está somente no campo do imaginário, uma vez que ele ocorre na comunidade de maneira real.

Sem a compreensão ecossistêmica, essas teias e conexões ocultas se restringiriam apenas ao campo do folclore e das lendas amazônicas. Não há aqui uma pesquisa engessada por se tratar de um trabalho que buscou contextualizar um fenômeno comunicacional. Acompanhamos esse “banzeiro teórico” a que nos propomos por considerarmos que “o complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças e modos de vida que delinearão a

organização social e o sistema de conhecimentos”, como já assinalava Benchimol (2009, p. 217).

Coadunamos também com o pensamento de Colferai (2014, p. 15) quando destaca em sua tese uma forma de fazer pesquisa que respeite o movimento das ideias e aceite o desafio de religar e contextualizar. Assim, ele afirma que:

Chegou ao longo do processo de apropriação do modo de fazer pesquisa sem um traçado prévio, sem a rigidez de métodos que pouco deixam espaço para a criatividade. Escrevo em primeira pessoa por compreender que não posso ser separado daquilo que digo e que mesmo quando falo a partir de outros autores, ou quando os cito de maneira direta, ainda assim trata-se de uma decisão minha dar voz a eles e quais das suas ideias destacar.

É preciso aprender a pensar de maneira crítica e a refletir para problematizar. É preciso perceber os entrelaços, os entroncamentos que podem ser indicativos dos caminhos para a pesquisa e para a vida e contextualizar os atravessamentos para religar os saberes.

3.1 A COMUNICAÇÃO COMO CIÊNCIA

A comunicação permeia a vida e todas as atividades humanas. Ela dá sentido às relações entre os seres humanos e o meio em que habitam. As pinturas rupestres estão entre os primeiros vestígios da preocupação dos nossos ancestrais em repassar às futuras gerações conhecimento sobre o modo como viviam e pensavam. Entre essa e outras formas de codificar, armazenar e disseminar informações, a composição do alfabeto pelos antigos sumérios, aperfeiçoada pelos gregos e pelos romanos, constitui-se no salto mais importante e significativo para o avanço da comunicação entre os povos em todo o planeta (HOHLFELDT, 2001) aliada às navegações internas e ultramarina. Refiro-me, nesse contexto, principalmente à comunicação que se realizou a partir do Ocidente, uma vez que as sociedades orientais desenvolveram outras formas para finalidades idênticas, a exemplo dos ideogramas asiáticos.

Outro evento impulsionador da comunicação em nível mundial é a invenção da prensa móvel pelo alemão Johannes Gutenberg, no século XV, que logo proporcionaria a confecção de livros, jornais e outros impressos em larga escala, como a Bíblia de Gutenberg em 1455 (OLIVEIRA, 2007). Nada se compara, todavia, aos avanços tecnológicos derivados da descoberta e domínio da energia elétrica, que

possibilitaram a invenção do telégrafo, do telefone, do rádio e da televisão. Os dois últimos potencializam a ideia de comunicação de massa, uma referência à disseminação indiferenciada de informação e conhecimento que já se efetivava desde a invenção dos veículos impressos, principalmente do livro e do jornal.

Não menos significativa é a criação da comunicação mediada por computadores, a Internet, desenvolvida primeiramente no âmbito da inteligência e das estratégias militares norte-americanas, com o nome de Arpanet, e depois entregue ao uso doméstico. No Brasil, a Internet começa a se instalar em 1990 e hoje tem seu uso disseminado em quase todo o País. É possível afirmar que os computadores, por intermédio das suas plataformas, redes e suportes digitais, revolucionaram o funcionamento dos meios de comunicação em todo o mundo, porque modificaram o modo de produção, distribuição, recepção e consumo de informações (SANTAELLA, 2003). A noção de comunicação de massa se esmaece, nesse novo momento, diante da ação dos usuários de computadores que podem, por meio de suportes como o telefone celular, realizar os mesmos processos comunicacionais antes privilégio dos meios tradicionais.

Essa, certamente, é uma abordagem sucinta do desenvolvimento da comunicação e das suas tecnologias em várias épocas. Porém, esse não é o foco do nosso tema; sua inclusão tem o objetivo de contextualizar as mudanças que ocorreram em cada um desses momentos da vida humana – e não somente humana. Isto é, cada mudança gera novas preocupações sobre a organização da vida. Essas preocupações podem ser percebidas na história das ciências. As ciências da comunicação envolvem-se, também, com a busca de respostas a questões que se colocam como cruciais para as sociedades e suas épocas. Não é à toa que os primeiros estudos relevantes dessa área se voltem para a formação da opinião pública, para a comunicação de massa, para a indústria cultural e mais especificamente sobre a relação entre emissor, meio e receptor a partir do rádio e da televisão. As pesquisas da área sempre privilegiaram os meios técnicos de comunicação e principalmente a sua relação com o mercado, seja afirmando a sua importância ou criticando seu poder de controle e manipulação social.

Hoje o esquema explicativo do funcionamento dos meios baseado no movimento da mensagem de um emissor para um receptor não corresponde mais como modelo do processo de comunicação diante do desenvolvimento dessa ciência,

embora tenha a sua importância e aplicação em casos específicos de soluções para o mercado de transmissão de dados e informações, para a qual foi pensada originalmente.

Os sistemas comunicacionais computadorizados e suas plataformas e suportes possibilitaram a convergência de mídias, que passaram a articular novos modos de viver, de pensar e de fazer a ciência. Não é mais recomendável que os fenômenos comunicacionais sejam pensados sem a consideração dos seus múltiplos contextos. Reconhecemos, assim, que esses estudos estão para além dos meios tecnológicos de comunicação, porque abarcam as realidades nas quais se inserem. Ou ainda, porque não há ciência que, isolada, possa compreender a vida em sua complexidade. Colferai (2014 p. 08) reforça que os aparatos eletrônicos provocam mudanças nas percepções e destaca que:

Como as relações sociais mudam a cada nova tecnologia desenvolvida e incorporada pelos seres humanos, a cada momento há perturbações sofridas por meio de aparatos técnicos que fazem com que adequações constantes sejam requeridas pelo ambiente em que está inserido o ser humano. Assim o indivíduo deve ele mesmo, ininterruptamente, adequar-se ao ambiente em que está imerso.

Nessa perspectiva, os ecossistemas comunicacionais, na sua condição de conhecimento emergente e aliado às vertentes teóricas também emergentes, ultrapassam as centralidades do cientificismo ocidental e, assim, permitem a aproximação, o religamento e o cruzamento de saberes de diferentes áreas do pensamento humano e das suas relações com os demais seres vivos e seus ambientes.

Podemos observar o estudo das ciências da comunicação a partir de uma epistemologia transformadora, capaz de articular conceitos de outras disciplinas e agregar esses conhecimentos para construir abordagens próprias. Essa possibilidade de novas conjugações em uma abordagem aberta para a pluralidade permite confrontar o conhecimento científico e suas construções conceituais disciplinadoras, e, desta forma, saltar para a pesquisa inter e transdisciplinar. De acordo com Freitas e Pereira (2013, p. 149), esse é, portanto:

[...] um campo de estudos que focaliza a diversidade e ao mesmo tempo a unidade de fenômenos interconectados e interdependentes que envolvem as práticas comunicativas, instituindo processos em rede que tensionam as

fronteiras disciplinares da investigação científica frente à complexidade do objeto, exigindo pesquisas interdisciplinares e transdisciplinares.

É importante destacar que o transdisciplinar não deve ser confundido com uma simples justaposição de disciplinas, cada uma percorrendo seu próprio caminho. Para Maldonado (2008, p. 37), o pensamento disciplinar está diretamente ligado à necessidade de organização e sistematização das ciências; o transdisciplinar, ao campo da superação de um conhecimento desenvolvido no âmbito disciplinar. De modo que “[...] o transdisciplinar tem como uma de suas condições epistêmicas a realização do disciplinar. É necessário estabelecer relações, intercâmbios, convergências, atravessamentos, reformulações teórico/metodológicas”.

Buscar fundamentação em outros campos do conhecimento é não negar o que é desenvolvido em outras áreas, é estabelecer um diálogo múltiplo que permita reinterpretções constantes em um movimento de aprofundamento e reformulação com o objetivo de avançar esse conhecimento. No entanto, é preciso destacar que essa abordagem aberta para a pluralidade exige, também, um trabalho de contextualização, uma vez que não existe situação de comunicação sem contexto, mas os conceitos explicativos ou reflexivos não devem ser trazidos de outras áreas de maneira aleatória. Por exemplo, neste trabalho, quando usamos a noção de imaginário (SILVA, 2006), estamos pensando em sua relação ecossistêmica com o fenômeno comunicacional estudado, no caso o boto vermelho, que para ser compreendido em sua constituição mítica e real precisa ser investigado a partir do seu contexto ecossociocultural. Essas relações precisam ser confrontadas entre si dialogicamente, para produzir atravessamentos que contribuam efetivamente para a produção de conhecimentos sem amarras.

A esse respeito, Santos (2010, p. 69-70) chama a atenção para a necessidade de um olhar multidisciplinar considerando as ciências naturais e sociais:

Em resumo, à medida que as ciências naturais se aproximam das ciências sociais estas aproximam-se das humanidades [...] A superação da dicotomia ciências naturais/ciências sociais tende assim a revalorizar os estudos humanísticos. Mas esta valorização não ocorrerá sem que as humanidades sejam, elas também profundamente transformadas.

O autor discorre também acerca de uma nova perspectiva em que valores da vida cotidiana sejam reaproximados do conhecimento científico. Ele propõe (2010, p. 91) que a ciência deve “sensocomunizar-se”:

A ciência pós-moderna, ao sensocomunizar-se, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que, tal como o conhecimento se deve traduzir em autoconhecimento, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida. É esta que assinala os marcos da prudência à nossa aventura científica.

No que foi dito, Santos lançou os fundamentos para uma nova proposta metodológica, que foi tratada, posteriormente, como Epistemologias do Sul. Essa proposta denuncia a lógica excludente que silencia os povos e culturas em detrimento dos saberes locais, desvalorizando e hierarquizando formas peculiares de saber que são suprimidas por um modelo epistemológico rígido pautado no pensamento moderno ocidental. Assim, Santos e Meneses (2010, p. 07) consideram que:

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes.

A ideia da ecologia dos saberes está centrada na renúncia a qualquer epistemologia geral e valoriza “o reconhecimento de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 54). Além disso, privilegia o pensamento pluralista e o intercruzamento de saberes, reconhecendo a existência de múltiplas visões a partir da diversidade do mundo. O que se propõe, então, é a superação do pensamento moderno ocidental, tomado como única forma de conhecimento válido, a saber, o pensamento abissal. Esta forma de pensamento reparte o mundo através de uma linha imaginária e o polariza em Norte e Sul. Essas linhas abissais de lógica dicotômica e excludente dividem o mundo entre os que estão “do lado de lá da linha” correspondente ao Sul, e o “lado de cá da linha” o Norte.

Nesse sentido, percebe-se claramente que as palavras de Santos e Meneses se encontram com o pensamento ecossistêmico, pois, além de promoverem o diálogo entre os diversos saberes, contemplam as subjetividades e as peculiaridades respeitando a diversidade e, assim, contribuindo para a ampliação dos horizontes da experiência humana e para a construção de um conhecimento que ensine a viver.

O reconhecimento dessas confluências e dissonâncias só enriquecem os estudos das ciências da comunicação em sua pluralidade, já que essas continuam em constante movimento. Logo, a construção de conhecimentos não deve ser estática, ela deve permitir deslocamentos e desdobramentos em um trabalho de observação contextualizada, que contribua de forma a levantar novos questionamentos e constantes reinterpretações.

3.2 A COMPLEXIDADE DO OLHAR ECOSISTÊMICO

A narrativa científica sobre a Amazônia – e não somente sobre a Amazônia – geralmente desconsidera a diversidade regional desse ambiente e a importância dos saberes desenvolvidos fora do âmbito científico, como os jeitos de viver e de interpretar a vida dos caboclo-indígenas, com os seus mitos, artes, éticas, astronomia e medicina próprios. A literatura científica tradicional não costuma relacionar a vida na Amazônia às suas dimensões biológicas, sociais e culturais, preferindo separá-las, quando não exotizá-las, expondo o seu persistente atrelamento a paradigmas científicos ultrapassados. Porém, essa noção de ultrapassagem, mais uma vez, não nega esses paradigmas em sua totalidade porque as ultrapassagens sempre levam consigo elementos fundamentais de conhecimentos que permanecerão posteriormente.

No âmbito da pesquisa em comunicação, há um esforço pela mudança desse cenário, principalmente a partir da implantação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da UFAM e da Universidade Federal do Pará (UFPA), respectivamente nos anos de 2008 e 2010. Ambas desenvolvem pesquisas interdisciplinares e transdisciplinares e têm contribuído com publicações que valorizam a comunicação contextualizada nas realidades locais e suas articulações com os eventos globais. Como propõe Morin (2005b), precisamos religar os saberes para alcançarmos a compreensão do todo. Mas como adverte o mesmo autor (2005b, p. 491), esse todo não se reveste de um sentido holístico, em vez disso, trata-se de uma postura pascaliana de pensar,

Quando nos limitamos às disciplinas compartimentadas – ao vocabulário, à linguagem de cada disciplina – temos a impressão de estar diante de um quebra-cabeças cujas peças não conseguimos juntar a fim de compor uma figura. Mas, a partir do momento que temos um certo número de instrumentos

conceituais que permitem organizar os conhecimentos [...] temos a possibilidade de começar a descobrir o semblante de um conhecimento global, mas não para chegar a uma homogeneidade no sentido holístico, uma homogeneidade que sacrifique a visão das coisas particulares e concretas em nome de uma espécie de névoa generalizada. Sem dúvida, é a relação que é a passarela permanente do conhecimento das partes segundo a perspectiva de uma frase de Pascal¹⁶ pela qual sinto um apego especial.

A pesquisa da comunicação na Amazônia requer esse olhar transversal, sem limites conceituais e isso implica em enxergar para além das narrativas cristalizadas nos determinismos científicos, pois como destacam Monteiro e Colferai (2011, p. 34):

Ao pensar a comunicação na Amazônia, uma extensa lista de elementos surge como fator de particularização. É o caso das monumentais distâncias a serem vencidas, dos obstáculos naturais para a locomoção, como a floresta e os rios; da natureza exuberante, mas exigente, que obriga a sucessivas adaptações e as práticas culturais daí advindas; a história da região, que remonta aos primórdios da civilização humana, com povos e línguas próprios e os do colonizador europeu; os discursos sobre a Amazônia a partir de sua apropriação como reserva da biodiversidade, desde o clichê “pulmão do mundo” até a reorientação da política estratégica para a região.

Vale salientar que o PPGCOM/UFAM nasce da inquietação de pesquisadores com a ausência de um jeito de fazer ciência que reconhecesse a importância dos saberes locais, muitos dos quais imemoriais, e suas articulações (complementares, concorrentes e antagônicas) com o jeito de viver advindo da modernidade. Uma cartografia do processo de desenvolvimento dos pressupostos da área de concentração do Programa, os ecossistemas comunicacionais, pode ser encontrada com mais detalhes na tese de doutoramento de Colferai (2014), orientado por Monteiro e defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, UFAM. Parte da produção do Programa já conquistou reconhecimento em publicações da área, com livros editados em parceria com o PPGCOM/UFPA, como as obras *Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação* (2011), *Comunicação Midiatizada na e da Amazônia* (2011), *Processos Comunicacionais: tempo, espaço e tecnologia* (2012), *Comunicação: visualidades e diversidades na Amazônia* (2013) e revistas qualificadas pela Capes.

¹⁶ A Frase de Pascal a qual se refere Morin: “Sendo todas as coisas causadas e causadoras, auxiliadas e auxiliares, mediatas e imediatas, e sustentando-se todas mutuamente por meio de um elo natural e sensível que liga as mais distantes e diferentes, eu assevero que é impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes” (PASCAL, 1976 apud MORIN, 2005a, p. 491).

Pereira (2011, p. 49-50), possivelmente preocupada com o imobilismo e a descrença da inteligência colonizada e colonizadora, faz uma exposição da importância desta área de concentração para o desenvolvimento das ciências da comunicação:

[...] o estudo dos ecossistemas comunicacionais constitui uma área bastante ousada dentro dos estudos da comunicação, o que confere ao Programa da UFAM a oportunidade de tornar-se mais que um programa periférico na geopolítica da área: abre a possibilidade de ele tornar-se um centro de referência, sobretudo em razão do lugar que ele ocupa no planeta, a Amazônia [...] o estudo dos ecossistemas comunicacionais não está relacionado à exuberância natural da região, uma vez que ele pode ser desenvolvido em qualquer espaço em que haja comunicação [...] A Amazônia, contudo, pode tornar-se um lugar emblemático para o desenvolvimento desse campo de estudos, visto que sua exploração solicita uma compreensão científica que considere o mundo não a partir de uma coleção de partes, mas como uma unidade integrada na qual a diversidade da vida, seja ela natural, social, cultural, tecnológica possa ser investigada a partir das relações de interdependência que regem a vida. Assim, estamos diante, portanto, de uma visão ecossistêmica da comunicação.

Nesse cenário, estudos como os dos ecossistemas comunicacionais, do pensamento complexo e do imaginário encontram solo fértil na Amazônia. A complexidade amazônica não se revela a investigações isoladas na biologia, na botânica, na sociologia, na antropologia, na química ou na física. Para um indígena da etnia tucano, por exemplo, uma árvore não é apenas uma árvore; ela pode ser um parente ou uma entidade mítica que compartilha espaços e participa da vida e da vivência dos humanos. Há, portanto, uma comunicação intensa entre seres humanos e natureza por ligação de vidas. Situações como essas estão nos momentos ordinários e extraordinários do cotidiano das populações amazônicas. Então, a ciência na Amazônia não será honestamente desenvolvida sem entrelaçar a diversidade de conhecimento considerado até então não científico, sem pensar os seus objetos de estudos de forma diferenciada e inclusiva. A noção de ecossistemas vivos em que as relações de vidas se dão de forma interdependente nos ajuda a entender melhor como se constituem os ambientes de comunicação, como destaca Colferai (2014 p. 22):

A Região Amazônica, como a compreendo, é ao mesmo tempo a natureza e a sociedade, sem a possibilidade de apartá-las, e como qualquer outra região é cada vez mais profundamente alterada pela presença crescente de aparatos tecnológicos de comunicação. É nas multiplicidades que esta região se apresenta – nas suas complexidades internas e externas – como parte constituidora do planeta, ao mesmo tempo em que é por ele constituída. Pelas tecnologias da comunicação e informação se ampliam os alcances da

percepção e da interação, e a junção não redutora destes elementos altera a percepção que temos de nós e de nosso ambiente.

Por entendermos que os ecossistemas comunicacionais se estabelecem a partir das interações e das práticas sociais em que a comunicação envolve um ambiente cultural, é mister que se observe os acontecimentos do cotidiano não apenas com um olhar científico. Assim, os estudos comunicacionais nos remetem a uma reflexão acerca dos eventos, acontecimentos, ocorrências ou mesmo fatos de modo entrelaçados com seus ambientes, sejam eles culturais ou naturais, como enfatiza Pereira (2011, p. 51):

Investigar os processos comunicativos na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende, antes de tudo, entender que a comunicação não é um fenômeno isolado; ela envolve um ambiente cultural que ao mesmo tempo interfere e possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa que o ambiente que a envolve é constituído por uma rede de interação entre sistemas diferentes e que estes, embora diversos, dependem um do outro para coexistir. Significa ainda que modificações nos sistemas implicam transformações no próprio ecossistema comunicativo, uma vez que este tende a se adaptar às condições do ambiente, e no limite, na própria cultura.

Consoante a autora, essa investigação da realidade amazônica a partir de uma visão ecossistêmica permite compreender o mundo como uma teia, onde tudo está entrelaçado e as relações são dinâmicas como a correnteza de um rio. Ao considerar a realidade no processo de pesquisa, o pesquisador pode contemplar os entroncamentos e os descaminhos outrora intencionalmente ignorados. A decantada promessa de uma verdade implacável responsável por imprimir um conhecimento verdadeiro e completo cria uma desigualdade científica que despreza o senso comum e o conhecimento de mundo por meio das experiências de vida. Nesse sentido, são elucidativas as palavras de Mariotti (1999, p. 2):

O mundo em que vivemos é o que construímos a partir de nossas percepções, e é nossa estrutura que permite essas percepções. Por conseguinte, nosso mundo é a nossa visão de mundo. Se a realidade que percebemos depende da nossa estrutura – que é individual –, existem tantas realidades quanto pessoas percebedoras. Eis porque o chamado conhecimento puramente objetivo é inviável: o observador não é separado dos fenômenos que observa.

Na Amazônia essas percepções muitas vezes incorporam variáveis ambientais, ambiguidades, complexidades e incertezas. São contingências que são negadas e

desvinculadas, consideradas como inaceitáveis para o universo acadêmico. Essa visão limitada formatada pelo pensamento linear desprivilegia a visão de mundo e desconsidera a complexidade como um modelo de pensamento integrador. Destarte, Morin (2011, p. 13) define que “a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico”. Em consonância com essa definição, o autor (2011, p. 13) ainda enfatiza que a complexidade “se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza...”. Um caminho de pensamento quando não leve em conta as particularidades e eventualidades da Amazônia corre o risco de não expressar a densidade dessas relações. Para realizar tal deslocamento, de acordo com o supracitado autor (2014, p. 189), faz-se necessário,

[...] encontrar o caminho de um pensamento multidimensional que, é lógico, íntegro e desenvolva formalização e quantificação, mas não se restrinja a isso. A realidade antropossocial é multidimensional; ela contém, sempre, uma dimensão individual, uma dimensão social e uma dimensão biológica. O econômico, o psicológico e o demográfico que correspondem às categorias disciplinares especializadas são as diferentes faces de uma mesma realidade; são aspectos que, evidentemente, é preciso distinguir e tratar como tais, mas não se deve isolá-los e torná-los não comunicantes. Esse é o apelo para o pensamento multidimensional. Finalmente e, sobretudo, é preciso encontrar o caminho de um pensamento lógico.

Ademais, é preciso considerar que essas dimensões envolvem ainda sentimentos e emoções que não devem ser subestimados ou ignorados. São aspectos da existência humana que não podem ser simplesmente negados no processo de pesquisa. A esse respeito, Baptista (2001, p. 03) delineou que

o sujeito só produz, se deseja, se algo o mobiliza. A paixão é plena de dispositivos de mobilização. E é assim que me situo – falo do lugar de quem vive, pensa, ensina, estuda, investiga Comunicação, como um dos sustentos existenciais. Trago para compartilhar pistas de um conhecimento que venho produzindo, contaminado de emoção assumida. Sim, porque vivemos muito tempo produzindo saber com a emoção escondida e, mais que isso, negada, como se fosse crime

Nesse contexto, o prazer da pesquisa se confunde com a paixão que a Amazônia desperta e desemboca na emoção de poder perceber os encaixes entranhados por marcas pessoais e acadêmicas e de transformá-los em um instrumento para o conhecimento. Ao mapear as subjetividades que compõem meu

repertório, percebo como as experiências pessoais se entrelaçam com meus interesses acadêmicos, balizando minha posição de conhecimento frente ao mundo e meu envolvimento como parte do processo de pesquisa. O olhar ecossistêmico permite que o pesquisador não esconda essas emoções, pois considera que precisamos reconhecê-las para compreendermos as interseções que delineiam nosso modo de fazer pesquisa e nossas escolhas de vida.

3.3 O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

A Amazônia por sua íntima condição povoa o imaginário do mundo. Um imaginário que foi se construindo ao longo do tempo e sofreu grande influência a partir do olhar dos viajantes que deixaram registros de suas passagens em terras amazônicas. Contudo, esse imaginário não se descortina somente após a chegada do europeu, ele perpassa a Amazônia indígena, nativa, cabocla e abraça os movimentos da história da região, uma história que, vale ressaltar, não teve início só com a “descoberta”. Desde as maneiras mais abstratas de ideias sobre a Amazônia até as imagens de que por aqui, onças e macacos andam livremente pelas ruas ou que apenas índios habitam a região e vivem desnudos... Esse imaginário construído navega pelos rios e pelo tempo deixando vestígios e marcas como descrito por Giacomini Filho e Goulart (2011, p. 19):

Desde a infância as pessoas são estimuladas a pensar na Amazônia como floresta exuberante e desafiadora, o que, somado ao reforço oferecido, dentre outros, pelos conteúdos didáticos e a indústria da comunicação (novelas, filmes, jornais), resulta num imaginário carregado de sentidos nem sempre reais ou equilibrados.

Em meu imaginário pulsa uma Amazônia que encanta e desencanta, que é metáfora de paraíso e de inferno, é plural e singular ao mesmo tempo e, por isso, fascina a imaginação mundial. É uma terra alegórica onde temos a percepção de que tudo é amplificado pela distância, e essa distância é medida pelo número de dias necessários para percorrer os caminhos dos rios até determinado lugar. A Amazônia faz parte do mapa do imaginário do mundo e apresenta características extraordinárias em um repertório de grandezas reais. São tantos números hiperbólicos que nos dão as dimensões exuberantes dessa região. No entanto, os estigmas perpetuam a ideia de região inóspita. Isso acontece principalmente quando ela é percebida por meio do

olhar do outro, um outro entendido aqui como alguém que não é natural desse espaço, externo. Diante disso, Paes Loureiro (2015, p. 34) afirma que é importante:

[...] olhar a cultura amazônica pelo olhar “não sustentado pela rotina, mas pela pertença a um espaço cultural”. Será entendida como importante condição de fortalecimento da observação a capacidade de perceber o brilho evanescente de uma estética à qual é sensível um receptor que vivencia essa cultura. A pertença do espaço cultural é fato importante e não inibidor.

Esse sentimento de pertencimento é parte de um olhar mais humanizado acerca da pesquisa na Amazônia que considera a emoção e as sensações provocadas por essa região. Paes Loureiro (2015, p. 52) enfatiza que isso acontece porque a região vivencia “uma cultura dinâmica, original e criativa, que revela, interpreta e cria sua realidade. Uma cultura que, por meio do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda”. E somente esse olhar pode ser capaz de compreender de uma maneira mais singular essa abundância de recursos naturais potencializada em um ambiente extremamente satisfatório para centros de pesquisa e ensino. O próprio Polo Industrial de Manaus se utiliza de resultados gerados nesses centros para a produção de seus insumos. Diante desse contexto, Monteiro e Colferai (2011, p. 33) destacam que “os processos de comunicação na Amazônia têm recebido cada vez mais atenção por parte de pesquisadores, principalmente diante das narrativas que apresentam a região de fora e se concentram no exótico e no estranhamento”. Ao contrário do que apontam esses estigmas, a Amazônia apresenta diversas atividades sociais, econômicas, políticas e culturais desenvolvidas também em diversas instituições de ensino e pesquisa que contribuem com o pensamento amazônico e nossa maneira própria de estarmos no mundo, como destaca Paes Loureiro (2015, p. 15):

Ouve-se dizer, com frequência, que a região amazônica é uma das mais importantes do planeta, inclusive no momento de construção de uma consciência ecológica; sabe-se, entretanto, que não é fácil construir um pensamento que se expresse com objetividade e alcance profundidade e verossimilhança para apreender o que, de fato, ela é. Para isso, seria necessário compreender, por outras vias, a sua formação; criar conceitos que signifiquem a sua realidade; apreender o estar no mundo dos seus povos.

Para além das ideias folclóricas sobre a Amazônia, nossas impressões sobre o mundo demarcam espaços no imaginário, percorrem nossa história e constroem nossa identidade. Silva (2006, p. 7) assevera que “o ser humano é movido pelos

imaginários que engendra”, como uma espécie de tecido, uma narrativa construída inconscientemente. O autor (2006, p. 11) reforça ainda que, o imaginário

[...] agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal.

Por pertencer ao campo da abstração, a questão imaginal é, por vezes, tratada como algo que não merece ser estudada. Isso é fruto de uma universidade preconceituosa que contempla apenas aspectos centrados na racionalidade. O imaginário se constrói a partir da experiência humana, é uma camada legítima que se entrelaça com o real. Nela, acumulamos significados que se nutrem na realidade que nos circunda e vão se cristalizando em nossos pontos de vista. Diante disso, Paes Loureiro (2015, p. 17) destaca que:

Antes que venha a ser apenas ficção, os estudos sobre a Amazônia, com direção própria, empenhadas com o “novo conhecer”, são urgentes. Os povos aqui instalados possuem maneira diferenciada de compreender o mundo. Os caboclos, mesclados até o âmago da cultura indígena, criaram um olhar próprio. No que um dia se acreditou ser o “Paraíso perdido”, o tempo em que “da terra jorrava leite e mel”, a “Terra sem mal”, ainda sobrevivem, como peregrinos de si mesmos, sujeitos capazes de nos mostrarem outras possibilidades para a nossa existência.

Esse olhar próprio nos permite contemplar a aura de mistério e “fantasia” em face da compreensão ecossistêmica. O supracitado autor (2015, p. 81) ainda assevera que “sob o olhar do natural, a região se torna um espaço conceptual único, mítico, vago, irrepetível (posto que cada parte desse espaço não é igual a outro), próximo e, ao mesmo tempo, distante”. Observando por esse prisma, nosso sentimento de tribo, de pertencimento, carrega essa sensação de estar junto. Maffesoli (2001, p. 80) delinea que “o imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma ideia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não racional”. Assim, o autor defende a ideia de que só há imaginário coletivo, portanto, o imaginário é tribal, partilha sentido coletivo sem negar o individual. Nesse contexto, Silva (2006, p. 11) considera que o imaginário é:

[...] uma represa de sentidos, de emoções, de vestígios, de sentimentos, de afetos, de imagens, de símbolos e de valores. Pelo imaginário o ser constrói-se na cultura. Assim, o imaginário não é a cultura, nem a crença, menos ainda a ideologia. Por meio do imaginário o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece-se a si mesmo.

Vamos observar sucintamente os três termos destacados por Silva: “[...] o imaginário não é a cultura, nem a crença, menos ainda a ideologia”. Para Maffesoli (2001, p. 75), “[...] a cultura é um conjunto de elementos e de fenômenos passíveis de descrição [...] o imaginário tem, além disso, algo de imponderável”. O autor (2001, p. 75) se preocupa em explicitar os espaços da cultura, da ideologia e da crença. A saber:

A cultura pode ser identificada de forma precisa, seja por meio das grandes obras da cultura, no sentido restrito do termo, literatura, música, ou, no sentido amplo, antropológico, os fatos da vida cotidiana, as formas de organização de uma sociedade, os costumes, as maneiras de vestir-se, de produzir etc.

Esses elementos revelam a expressão da sociedade, a forma como ela cria e recria sua realidade. Por muito tempo (e, podemos afirmar que até hoje ainda é) a distância e o mistério impediram que nossos modos de proceder e de pensar se encontrassem com outras formas, o que contribuiu com a ideia folclórica. No entanto, essa cultura amazônica, reflexo do pensamento caboclo, apresenta-se como dinâmica e original. Para Paes Loureiro (2015, p. 48):

Envolvida em isolamento e mistério, a Amazônia foi construindo um sistema de vida e trabalho ribeirinho e extrativista integrado por pescadores, coletadores de castanhas, mateiros, extratores de seringas, de peles, de couros, de resina de árvores, de ouro e de diamantes. Acrescente-se a eles os lavradores, os seringueiros, os vaqueiros e fazendeiros, os comerciantes, os empresários, os biscateiros e os artesãos das mais diversas categorias que vivem em função de produtos da floresta e do rio. Uma cultura de profundas relações com a natureza, que perdurou, consolidou e fecundou, poeticamente, o imaginário (até o final dos anos 1950) desses indivíduos isolados e dispersos às margens dos rios.

Assim, Silva (2006, p. 18) sintetiza que “imaginário e cultura, portanto, coabitam, justapõem-se e coexistem, mas não se equivalem”. Quanto aos aspectos ideológicos Maffesoli (2001, p. 75) destaca que: “A ideologia guarda sempre um viés bastante racional. Não há quase lugar para o não-racional no olhar ideológico. No fundo ideológico há sempre uma interpretação, uma explicação, uma elucidação, uma

tentativa de argumentação capaz de explicitar”. Nesse sentido, Silva (2006, p. 20) complementa que:

[...] a ideologia insere-se na ordem da explicação; o imaginário, na da compreensão. A ideologia obedece ao princípio da racionalização; o imaginário ao da empatia. A ideologia vincula-se ao aparelho da manipulação; o imaginário, às tecnologias da sedução.

O imaginário se nutre de hipertextos que são acessados involuntariamente, acompanhando o banzeiro da vida. Como o lápis que colore, ele vai dando sentido e agindo no campo da compreensão. O imaginário pode ser descrito em suas manifestações, pois sua estrutura dissipativa permite que ele possa se evoluir e se embrenhar, não carrega, portanto, conceitos de verdadeiro e falso ou certo e errado. Logo, o imaginário, como já dissemos, não é crença. Para Silva (2006, p. 49):

Não se crê no imaginário. Vive-se nele. [...] Os imaginários, diferente das crenças, não respondem a faltas ou carências. São cumulativos, espontâneos, gratuitos. A crença faz parte da prosa da vida; o imaginário, da poesia existencial. Todo imaginário é uma leitura. Toda crença, uma inscrição. Todo imaginário é uma interpretação. Toda crença, uma explicação. Todo imaginário é um comentário, uma narrativa. Toda crença, uma definição.

O imaginário é pororoca, é o estrondo do rio enfrentando o oceano. Para Paes Loureiro (2014, p. 13) “é a rebeldia do rio diante das margens que o comprimem. A pororoca é uma explosão libertária do rio, de seu desejo de liberdade, da angústia de se libertar dos limites”. Tal como a pororoca, ele simplesmente acontece e faz com que nossas impressões do mundo percorram os espaços da memória, dos afetos e das emoções. Já para Silva (2006, p. 09):

O imaginário não é um mero álbum de fotografias mentais nem um museu da memória individual ou social. Tampouco se restringe ao exercício artístico da imaginação sobre o mundo. O imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente.

Sensações essas que podem surgir de maneira espontânea, ou podem ser induzidas. Silva (2006, p. 8) afirma que “os imaginários difundem-se por meio de tecnologias próprias, que podem ser chamadas de tecnologia do imaginário”. Esses dispositivos interferem na produção simbólica construindo sentidos e criando um repertório próprio. Assim, Silva (2006, p. 22) reforça que “as tecnologias do imaginário

são, portanto, dispositivos (elementos de interferência na consciência e nos territórios afetivos aquém e além dela) de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida”. São estratégias de envolvimento que disseminam visões de mundo e operam engenhosamente no universo mental. Nesse sentido, o supracitado autor (2006, p. 65) destaca ainda que “as tecnologias do imaginário valorizam o aqui e o agora, o *carpe diem*, o dionisíaco, o que é, a emoção, o passional, o lúdico e o estético. No entanto, ele enfatiza (2006, p. 26) que esse envolvimento, essa “fabricação do olhar interior” deve ser observada cuidadosamente, já que:

O termo fabricação pode levar a um equívoco, o de tornar-se as tecnologias do imaginário como dispositivos de manipulação. Nada mais incorreto. Se a ideologia busca impor uma visão de mundo, se a catequese procura incutir uma crença, se a propaganda tenta persuadir com pseudoargumentos, se a publicidade trabalha para vender pela sugestão, as tecnologias do imaginário querem simplesmente seduzir.

A persuasão manipula as mentes e trabalha com estímulos para convencer na tentativa de romper os filtros de percepção dos receptores, como na propaganda, que trabalha com a ideia de “estimular a liberação de desejos reais”. Já a sedução, desliga-se da razão e se aproxima da paixão, tem força de piracema, é, portanto, “imaginal por natureza”, passional e irracional. Na opinião de Silva (2006, p. 71):

O imaginário transborda o racional e faz da bacia semântica um lago sempre pronto a vazar. Imaginário é rio. Aos que pretendem represar o imaginário, cabe lembrar das inundações. Só há uma maneira de inundar o imaginário: entrar no seu jogo, na sua corrente, na sua fluência. As tecnologias do imaginário dão aos indivíduos somente o que eles querem? Ou os indivíduos querem porque as tecnologias do imaginário assim decidem e os induzem a tanto? Velha questão.

O autor, tal como o remo, abre caminho para questões singulares, mas não isoladas. Diante delas, pairam também as dúvidas sobre como esses imaginários são nutridos e quem poderia compreendê-los a ponto de documentá-los? A esse questionamento, Silva (2006, p. 51) contempla que:

Os melhores cartógrafos de imaginários são os escritores, os romancistas, os cronistas do cotidiano e os repórteres. Todos aqueles que procuram captar os flagrantes do vivido, livres da obsessão explicativa, impulsionados pelo vírus da empatia, da compreensão, da descrição, da fotografia. O imaginário é sempre irredutível. Não se reduz ao utilitário, ao explicável, ao ideológico, à crença, à razão, ao científico, ao cognitivo, à cultura. Atravessa todas essas categorias, apropria-se e deturpa-as delas, instala-se nelas, desvia-se delas, recorta-as e deturpa-as. O imaginário é sempre desvio, divergência,

apropriação, reinterpretação, releitura, desconstrução, reconstrução e nova afirmação. Pelo imaginário, cada um faz da sua vida uma obra de arte. O autor, no caso, cria, involuntariamente, seus próprios parâmetros, seu público, seu cânone e a sua forma de narrar. Todo imaginário é uma imaginação do real.

Os cartógrafos do imaginário buscam aproximar-se dos “flagrantes do vivido” para desvelar, decantar... Eles são os pesquisadores da fluência que acompanham a correnteza. Para Silva (2006, p. 73):

O pesquisador das tecnologias do imaginário precisa “estar à altura do cotidiano”, como disse Max Weber. Mais do que demonstrar isto ou aquilo, deve mostrar, dar a ver, fazer vir, desentranhar, fazer emergir, revelar, descobrir, desvendar, expor à luz. Não lhe basta conhecer o poder (institucional explícito), deve perceber o fluxo da potência (subterrânea). Se não pode provar o que aconteceu no passado nem prever o futuro, cabe-lhe narrar bem o presente. Mescla de antropólogo, de fotógrafo, de repórter, de cronista e de romancista, necessita captar e narrar a fluência, o extraordinário e a complexidade do vivido.

Silva (2006, p. 73) chama essa fluência de “narrativas do vivido”, pois considera esse o papel dos pesquisadores de imaginários, narrar de dentro, situar-se na trama que constrói. Eis o nosso método: “Se não pode provar o que aconteceu no passado nem prever o futuro, cabe-lhe narrar bem o presente”. Não é tecer sobre a história da história, é narrar com o olhar ecossistêmico, interpretação física, real e latente.

Ao acompanhar o movimento das ideias, ele vai tecendo uma narrativa e ligando pontos. Para Silva (2006, p. 83), os objetivos das narrativas do vivido são:

Descrever, mostrar, relatar, “reportar”, fazer a crônica, levantar os diversos pontos de vista em conflito, dar voz, fazer falar, radiografar, cartografar, relacionar, construir perfis, “retratar” uma comunidade, refazer a história de vida de um indivíduo ou grupo, “biografar”, contar, cobrir, descobrir, fazer vir, fazer emergir, produzir um mosaico, montar um painel, tecer os diversos fios de uma realidade imaginária e de um imaginário realizado. As narrativas do vivido são biografias de atores sociais contemporâneos em movimento.

O autor (2006, p. 57) ainda sintetiza um outro ponto importante na construção dos imaginários, a transformação advinda dos choques perceptivos que ocorre quando “situações paroxísticas de gozo ou de trauma, de êxtase ou de perplexidade, deixam vestígios no DNA imaginal de cada um. Assim, [...] os choques perceptivos alteram a forma de ver o mundo”. Para Silva (2006, p. 84), esses choques perceptivos acontecem em virtude de um estranhamento em um processo que se delinea da seguinte forma:

O sujeito torna-se narrador por um choque perceptivo que o afasta do conhecimento e o situa, então, como narrador. Fora disso, a descrição até pode acontecer, mas não terá densidade nem consistência. Nesse sentido, a condição inicial da narratividade é sempre passional, empática, afetiva, pessoal. O narrador nasce de um desequilíbrio, o choque que lhe afeta a percepção a ponto de incitá-lo a querer levantar o véu do familiar ou da distância cultural. Esse choque se caracteriza, essencialmente, pela determinação a pôr-se no lugar do outro para melhor senti-lo e descrevê-lo. Porém, o narrador não cristaliza no lugar do outro. A situação narrativa é sempre dialógica. Depois do estranhamento, deve acontecer o entranhamento (mergulho total no outro) e, finalmente, o retorno a si mesmo. A situação narrativa, portanto, obedece a três passos: estranhamento, entranhamento, retorno a si mesmo.

A Amazônia é permeada por uma cadeia de significações próprias, é um universo legítimo de complexidade e diversidade. Ela abriga uma realidade hiperbólica em paisagens habitadas por seres encantados e coisas desmedidas que, ao serem colocadas em evidência, inundam de subjetividade e encantamento essa morada polissêmica. O encanto é geralmente o primeiro sentimento, ele abre galerias na memória visual e afetiva gestando os imaginários. Assim, a fascinação gerada por uma paisagem, por exemplo, faz vagar a mente mais absorta em pensamentos clandestinos, o que deu sentido à *flanerie* benjaminiana, descrita por Paes Loureiro (2015, p. 33):

Flanar pela cultura amazônica, deter-se aqui e ali, recorrer ao passado, reenviar-se ao presente, distrair-se minuciosamente num lugar, apressar-se atentamente noutro, em suma, caminhar sem a obrigação imediata de um fim. Uma flânerie de viagem labiríntica em um mundo em que os deuses ainda não estão ausentes, as pessoas são capazes de prodígios diante da natureza e da vida.

Esse magnetismo atrai o olhar de quem vem de fora e do próprio caboclo, que parece não se deixar acostumar. Flanar pelo universo amazônico favorece o devaneio. Nesse sentido, Paes Loureiro (2015, p. 101) concede-nos uma colocação significativa:

Para isso o imaginário exerce um papel deflagrador desse processo. Ele atua num ambiente que é propenso ao devaneio propiciado pela realidade que a natureza amazônica oferece ao homem da terra. Para o não natural da região, esse imaginário está eivado de estereótipos, também fundamentados nessa realidade, mas que expressam uma forma diferente de concebê-la. Na literatura legada à Amazônia, eles aparecem nos textos escritos por naturalistas, exploradores em geral, nos relatórios de viagem ou nos relatórios de fiscalização e administração, por meio de expressões como: impenetrabilidade da região, temores do desconhecido no mato adentro,

brenhas, terras-do-sem-fim, inferno verde, paraíso em criação, densidade verde da floresta, labiríntica orografia. Sem as conotações que a consideram região inóspita, exótica e fora da civilização, o homem da região se relaciona com essa realidade natural que lhe é aparente de uma forma distinta daqueles. O homem segue governado pelos sentidos, atento a tudo, sensível aos odores, às luzes, aos sons; às estrelas, às margens, às nuvens, aos ventos; às cores, aos brilhos, à epiderme dos rios; ao tempo e ao mistério das coisas.

Essa “floresta impenetrável” provoca uma experiência sensorial que emana poesia. Como ler a Amazônia? A esse respeito, Paes Loureiro (2015, p. 73) aborda, como exemplo, as diferentes formas de interpretação de um poema em que cada pessoa o recriará a partir das suas percepções, de acordo com “as variantes do prazer no imaginário de cada um, ao compreender os diferentes significados [...] Há um livre jogo que as infinitas possibilidades do devaneio permite”. Essa característica que plasma o universo amazônico é destacada por Nogueira (2014, p. 10):

Caracterizo o imaginário amazônico como constitutivo de imagens, sentimentos, lembranças, experiências e visões do real capazes de expressar e/ou representar modos de vida, coisas e a natureza de um lugar/região social e territorialmente localizado. O imaginário recria e reordena a realidade e, por isso, atua no âmbito do real, mas sem necessidade de quaisquer controles de cunho racional. Dotado de faculdade transgressora, o imaginário poderá recorrer aos tempos imemoriais, à história e ao futuro sem, necessariamente, estar preso em nenhum desses lugares-tempo. Ao imaginário é possível reconstruir o passado ou construir o porvir, mesmo que estes não tenham ocorrido ou não venham a ocorrer. O imaginário é uma complexa teia de relações reais ou imaginadas que se entrelaçam e articulam entes culturais.

Esses entrelaços permeiam o imaginário do homem amazônico que consegue vislumbrar essa teia complexa, colhendo toda a generosidade que a floresta oferece. Como um pescador que lança sua tarrafa¹⁷ no rio, o imaginário enrosca tudo que vem na rede, acolhe, recolhe e faz emergir. O espaço e o tempo assumem novos sentidos. Tal como assinala Paes Loureiro (2015, p. 79), estamos

libertos do espaço pelas asas do imaginário, por meio do qual explicitam e submetem à sua medida a noção de espaço, os homens estabelecem, em plenitude, sua relação com o tempo. Sob a liberdade que o devaneio permite, o espaço é quase como que absorvido pelo tempo, assumindo uma leveza que compensa as duras fainas e jornadas na floresta ou nos rios. São inúmeras essas envolventes atitudes de contemplação operativa, em que o real e o imaginal se interpenetram livremente. Nesse sentido, habituaram-se a apreender o espaço de forma descontínua – cada segmento desse vasto

¹⁷ A tarrafa é um instrumento usado na pesca, muito comum na região. É uma rede arredondada, que geralmente é arremessada com as mãos, tarefa que exige prática, técnica e precisão para alcançar a abertura da rede na área desejada.

espaço unitário é um espaço natural reconstruído socialmente e, por isso único, ao mesmo tempo que igual e integrado ao espaço universal.

Um espaço, como já dissemos, polissêmico e encantador. Em virtude dessas características, cada um pode reinterpretar a Amazônia à sua maneira, criando visões estereotipadas, o que, do ponto de vista de Giacomini Filho e Goulart (2011, p. 17):

Não é de hoje que as pessoas no Brasil e no exterior possuem em seu imaginário impressões sobre a Amazônia, tanto visões que se aproximam das lendas e folclore, como as que se ajustam à complexidade socioambiental da região na atual sociedade globalizada. No entanto, há uma sensação de que os conteúdos dos meios de comunicação tendem a contribuir com um imaginário estereotipado.

A esse respeito, Bueno (2002) pondera que o imaginário dos brasileiros sobre a Amazônia resulta principalmente do que é difundido pelos meios de comunicação. Esse olhar lançado sobre a cultura local tende a retratá-la com distanciamento, como assinala Amaral Filho (2011, p. 85):

Essa cultura reportada pela mídia é mostrada quase sempre por uma narrativa de redescoberta, apresentando um mundo distante e a ser conhecido, com os seus perigos e encantos próprios do misterioso e do desconhecido. A lógica espetacular da mídia oferece a aproximação e o afastamento. A aproximação, quando o repórter “entra” na realidade para mostrá-la detalhadamente; o afastamento, provocado pela atmosfera criada – um ambiente único a ser mostrado para o espectador.

Esse ambiente único e, ao mesmo tempo, fértil tem sido cada vez mais procurado pelos meios de comunicação. Silva (2006, p. 102) levanta alguns questionamentos acerca do assunto:

A provocação original, no entanto, é a do próprio jornalismo em relação aos fatos e seus protagonistas. Como funciona o jornalismo? Por meio de técnicas (coleta de dados, construção de notícias, elaboração de uma versão dos acontecimentos) e de tecnologias (meios de transmissão). O uso das técnicas jornalísticas interpela o acontecimento e o sujeito desse acontecimento, assim como a extração de minério provoca a natureza. Não há neutralidade. O jornalismo não é como moinho que apenas abre suas pás ao vento sem afetar o meio ambiente, mas como o explosivo que abre as entranhas da terra para ter acesso ao seu patrimônio. [...] O que quer o jornalista? Tornar-se senhor das técnicas do jornalismo, orientá-las para os seus fins, dirigi-las para as suas missões (informação, formação, conscientização). O que consegue o jornalista? Enganar-se. Toda vez que acredita na neutralidade das suas técnicas, resvala para as mitologias da sua profissão e em lugar de controlar as suas técnicas vê-se ameaçado de controle por elas. O grande problema do jornalista consiste em confundir “exato” e “verdade”. Quando um jornalista diz que sua função é informar, está

correto. É exato. Quando garante que as técnicas do jornalismo servem para o cumprimento dessa tarefa, também é exato. Com frequência, o que é dito num jornal é exato. Mas não é verdade. O jornalismo produz versões. [...] Revelar. Essa seria a essência do jornalismo.

Ao decantar essas versões, está o jornalista contribuindo com a construção de imaginários ou manipulando e distorcendo realidades? Silva (2006, p. 71) segue levantando ainda mais interrogações

Quem somos? De que somos feitos? Até que ponto somos reais, claros, identificáveis? Até que ponto somos uma construção, uma imagem em movimento, um filme, um olhar sobre nós mesmos? Diante do espelho, sempre nos surpreendemos um pouco. Sentimo-nos atraídos pelo estranho que nos contempla com ar curioso. Nunca saberemos quem realmente somos. Mas temos certezas imaginárias que nos orientam, consolam, guiam, realizam-se.

Essas “certezas imaginárias” norteiam nosso modo de vida e nossas formas de pensamento, muitas vezes, desconsiderados pelos pesquisadores. Nesse sentido, compreendemos que o imaginário é, certamente, uma das janelas para conhecer e estudar a Amazônia, e é por meio dele que contaremos essa história no capítulo a seguir: os filhos do encantado.

4 FILHOS DO ENCANTADO

Imaginário é rio.
Aos que pretendem represar o imaginário,
cabe lembrar das inundações.
Só há uma maneira de inundar o imaginário:
entrar no seu jogo, na sua corrente,
na sua fluência. (SILVA, 2006, p. 71).

O Brasil é conhecido mundialmente por sua diversidade. Num mesmo país, tantos falares, tantas crenças e tantas culturas (LARAIA, 1986). É nesse terreno plural que muitas histórias começaram a ser construídas para a formação cultural do Brasil. O Boitatá, Boi-Bumbá, Cobra Grande ou ainda o Boto que encanta as moças em noite de lua cheia são alguns dos exemplos que enchem o imaginário do povo. São traços culturais distintos que marcam a diversidade do povo brasileiro.

No contexto local, olhar a Amazônia por meio dos fenômenos comunicacionais é ver como interagem os grupos humanos em seus ambientes, principalmente, pela capacidade de articulação ao alimentar e propagar o imaginário de suas vivências. Constituem-se, assim, expressões da vida amazônica articulada com as culturas que se universalizam nos movimentos dos seres humanos pelo planeta. A esse respeito, não há exemplo mais seminal que o das guerreiras indígenas que teriam sido encontradas pelo espanhol Francisco de Orellana, na foz do rio Nhamundá, no século XVI, durante a descoberta do rio que ele batizou de rio das Amazonas (DREYER-EIMBOCKE, 1992). Orellana e seu escriba Frei Gaspar de Carvajal transplantaram esse mito da Ásia Menor para o Novo Mundo e assim estabeleceram um vínculo imaginário com o desconhecido, transformando as mulheres guerreiras em um elemento mítico inspirador.

Relacionar as manifestações culturais e os fenômenos comunicacionais implica reconhecer os aspectos que estão diretamente ligados ao contexto dos agentes sociais envolvidos. Pela riqueza de sua sociobiodiversidade, a cidade de Novo Airão atrai biólogos, ecologistas, antropólogos, sociólogos, engenheiros florestais, jornalistas, escritores, enfim, “especialistas” dos mais diversos campos do conhecimento. Diversos projetos de pesquisa são desenvolvidos a fim de conhecer, registrar e preservar o patrimônio do município. Incluímo-nos nessa viagem com um novo olhar: o olhar ecossistêmico. Esses movimentos em fluxos narrativos se disseminam por meio das tecnologias do imaginário e geram visões de mundo.

Como citado no segundo capítulo deste estudo, o encontro com o tema não se deu por acaso. Levada por uma inquietação, comecei a observar os alunos e moradores. Tive longas conversas com o pipoqueiro da cidade, o senhor E.T., que tradicionalmente “estaciona” seu carrinho de pipoca, todos os dias, na praça de Novo Airão, próximo à estátua do dinossauro; com o dono do restaurante Sabor do Sul, um gaúcho que prepara a especialidade da casa: escabeche de tucunaré; com o secretário de turismo, Kleber Bechara, que me revelou os planos para o município alavancar a visita dos turistas; com a dona da pousada Cabocla, Fátima Santana, que infelizmente faleceu durante a realização da pesquisa, deixando-nos sem algumas respostas; com Marilda Medeiros Granjeiro, a dona do flutuante dos botos, onde toda essa a história começou, e tantos outros...

A partir das conversas informais, traçamos alguns caminhos para a viagem e seguimos os banzeiros da pesquisa de campo. Acompanhamos a circulação das ideias na tentativa de aproximar as diferentes áreas envolvidas e principalmente, valorizar as experiências humanas. A esse respeito Flusser (1994, p. 10) declara: “Todos os dias, lemos intuitivamente os gestos do mundo codificado ao nosso redor”. Seguimos acompanhando os fluxos gerados no decorrer da pesquisa e considerando também as palavras de Silva (2006, p. 71), reiteramos: “Imaginário é rio. Aos que pretendem represar o imaginário, cabe lembrar das inundações. Só há uma maneira de inundar o imaginário: entrar no seu jogo, na sua corrente, na sua fluência”.

Pela correnteza, fomos diretamente levados ao Flutuante¹⁸ dos Botos, propriedade de Marilda Medeiros Granjeiro, mais conhecida como Marilda dos Botos, nome inclusive, registrado no cartório de Novo Airão, conforme informado por Marilda em nossas conversas¹⁹. Marilda ficou conhecida também como a “encantadora dos botos”. Ela é a personagem principal deste estudo que tenta compreender como o boto transformou o imaginário de Novo Airão.

¹⁸ Flutuantes são comuns na região e muitas vezes servem de morada para o caboclo. As casas flutuantes são construídas sobre uma plataforma que pode ser transferida de um lugar para outro. A facilidade de locomoção acompanha as mudanças nos níveis dos rios. Além de serem usadas como casas, há também armazéns, postos de combustível etc.

¹⁹ Marilda Medeiros Granjeiro é a proprietária do Flutuante dos Botos e nos cedeu algumas tardes de conversa em visitas que fiz a Novo Airão.

Figura 11 – Flutuante dos Botos



Fonte: Arquivo pessoal.

Marilda revelou que sua relação com os botos começou ainda pequena, no rio Purus. Ela conta que sua mãe sempre carregava farinha quando ia “andar de canoa” com a filha, pois, segundo a mãe, a mesma atraía os botos. A farinha era para jogar nos animais e, assim, espantá-los.

Marilda contou que, em Novo Airão, adquiriu um restaurante flutuante e o ancorou na principal praia da cidade. Os restos de comida eram jogados no rio e atraíam os botos. Com o tempo, os hotéis da região e os guias começaram a levar turistas para o local. Aos poucos, Marilda percebia que não era o restaurante que chamava a atenção dos visitantes, e sim a possibilidade que eles vislumbravam de ver os botos de perto. A partir daí, em vez de jogar os restos de peixes, Marilda guardava as porções para vender aos turistas que quisessem alimentá-los.

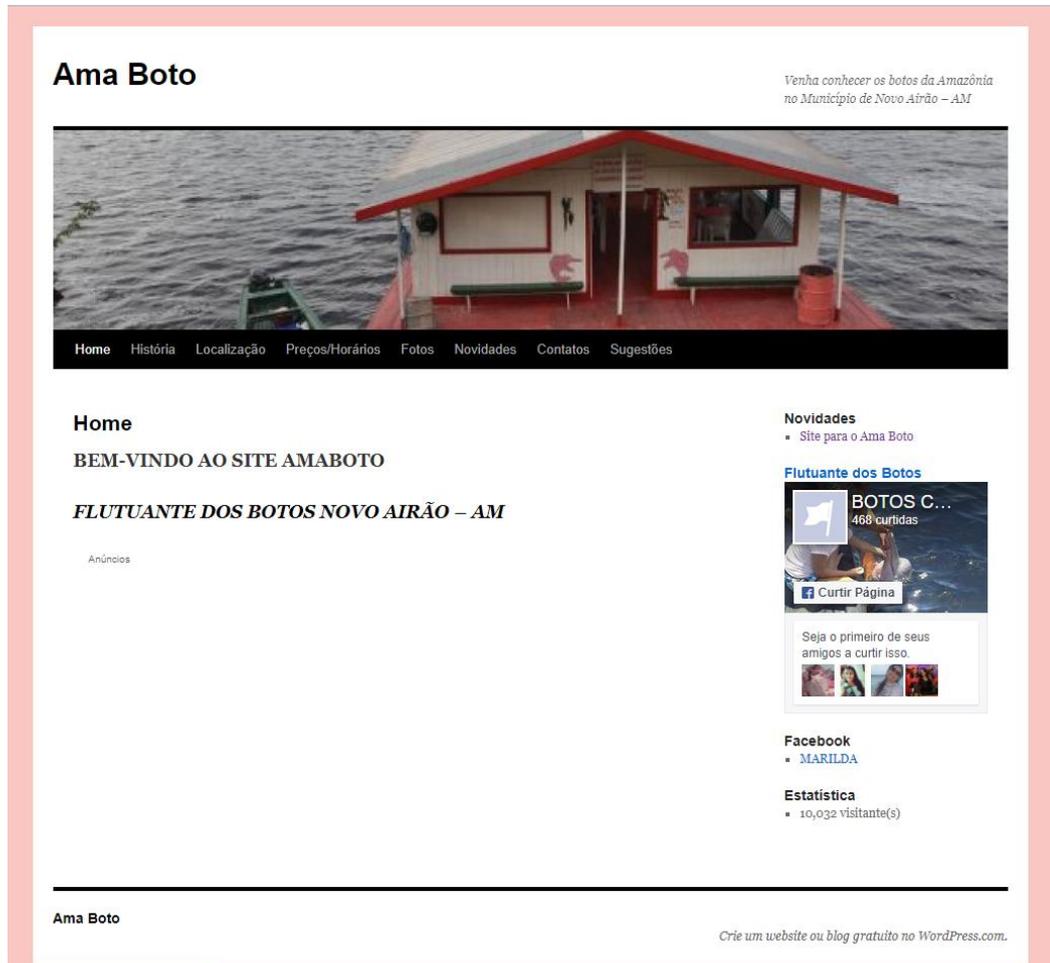
A interação frequente com os animais começou a acontecer a partir de 1998. As filhas de Marilda já nadavam com eles, os turistas então tomaram coragem para entrar no rio e interagir com os botos, o que passou a ser visto como atividade turística e terapêutica, pois “pesquisas indicam que esses contatos permitem ampliar o conhecimento sobre as espécies, o que é benéfico para sua conservação, e podem, em alguns casos, ajudar no tratamento de certas deficiências físicas e mentais em humanos” (VIDAL, 2011).

A partir de então, o Flutuante dos Botos tornou-se o principal ponto turístico da cidade (ROMAGNOLI, 2009). Por R\$ 10,00 (dez reais) era possível comprar uma porção de peixe e alimentar os botos de perto. No entanto, não havia nenhum controle quanto à quantidade de comida que era oferecida a cada animal. Com o tempo, alguns animais ficaram obesos e debilitados, por isso, órgãos como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) começaram a dar suporte a essa atividade, orientando e organizando as visitas. Os turistas passaram a adquirir ingressos para entrar e recebiam orientações, por meio de informativos, sobre educação ambiental e cuidados com a floresta e os animais.

Ao perceber que deveria observar com mais atenção o cuidado com o meio ambiente, Marilda decidiu participar de um congresso ambiental na Venezuela. A experiência sinalizou algumas adequações que ela deveria fazer a fim de garantir a preservação do lugar. O primeiro cuidado foi com o óleo de cozinha que era despejado diretamente no rio; outro ponto que deveria ser observado: o fim da venda de produtos alcoólicos que, mais tarde, cedeu espaço para as peças de artesanato produzidas na cidade; e as caixas de som foram retiradas por serem consideradas impróprias para os animais. Mais tarde, uma outra adequação seria destacada pelos órgãos ambientais, a correta utilização da caixa de dejetos.

Marilda passou a organizar o flutuante e adaptá-lo de acordo com os parâmetros destacados pelos órgãos ambientais. Ela criou um *site* onde o turista pode se informar e conhecer o que é oferecido no flutuante. No endereço <https://amaboto.wordpress.com> é possível obter informações acerca da história, localização, valores, horários de visita, fotos e muito mais. Há também uma página na rede social *Facebook*, com informações atualizadas, informes e fotos dos visitantes.

Figura 12 – Página Ama Boto



Fonte: Página Ama Boto. Disponível em: <<https://amaboto.wordpress.com>>. Acesso em: abril, 2017.

Atualmente, ao visitar o flutuante, o turista preenche um formulário, que é o controle de monitoramento de visitantes, e paga R\$ 15,00 (quinze reais). Menores de 10 anos e maiores de 60 pagam meia entrada. O horário de funcionamento é de 09:00 às 17:00 horas todos os dias. A alimentação, por determinação dos órgãos ambientais, só pode ser feita pelos funcionários do flutuante e tem a duração de 15 minutos. A alimentação dos animais é dada pela manhã às 09:00, 10:00, 11:00 e 12:00 horas; e no período da tarde às 14:00, 15:00 e 16:00 horas.

Figura 13 – Formulário de controle e monitoramento de visitantes do flutuante

ICMSIO		CONTROLE DE MONITORAMENTO DE VISITANTES		ICMSIO	
NÚMERO DE CONTROLE 017868		Nome/ Name:		NÚMERO DE CONTROLE 017868	
TKT DE CONTROLE		Gênero/ Gender:		TKT DE ENTRADA	
Data:		Idade/ Age:		Data:	
/ /		M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>		/ /	
Hora:		Pais de Procedência/ Country of Origin:		Hora:	
:		Estado de Procedência/ State or Province of Origin:		:	
		Cidade de Procedência/ City of Origin:			
		Pretende fazer ou fez algum passeio de barco em Anavilhanas? Intends to do or has done any boat ride in Anavilhanas?			
		Sim/Yes <input type="checkbox"/> Não/No <input type="checkbox"/>			
		Que tipo de meio de hospedagem você utilizou em sua visita? What kind of hosting you used on your visit?			
		<input type="checkbox"/> Pousada/ Hotel Inn/ Hotel			
		<input type="checkbox"/> Residência Residence			
		<input type="checkbox"/> Embarcação Vessel			
		<input type="checkbox"/> Outros Other			
		<input type="checkbox"/> Não Pernoitei Not spent the night			

Fonte: Arquivo pessoal.

Na página Ama Boto também é possível encontrar informações acerca do histórico do flutuante e da repercussão para a cidade:

A dança dos botos proporcionou notoriedade para a família. As mulheres encantadoras de botos, como foram denominadas, também geram renda para o município. Uma parcela grande que se hospeda em Novo Airão e circula pela cidade, vai para lá por causa do Flutuante dos Botos. Marilda também revende o artesanato produzido por moradores da cidade.

Um estudo publicado na Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, realizado por Vidal et al. (2013), traçou o perfil e a percepção ambiental dos visitantes do flutuante e indicou que

o turismo com botos no Parque Nacional de Anavilhanas é positivo sob o ponto de vista ambiental, já que as regras de interação com os cetáceos foram bem aceitas pela maioria dos entrevistados e que o modelo de turismo implementado é visto pelos visitantes como uma ferramenta que contribui para a conservação dos botos. No entanto, levando-se em conta a facilidade de acesso e proximidade com o maior centro urbano da região norte – a cidade de Manaus – e ser um ecossistema com características ecológicas únicas no rio Negro, são necessários investimentos volumosos no Parque para se alcançar padrões mínimos de gestão efetiva (infraestrutura, pessoal, fiscalização, pesquisa...).

A pesquisa foi realizada com 119 visitantes do Flutuante dos Botos nos meses de janeiro e fevereiro de 2012 e revelou ainda que, além da questão ambiental, a atividade turística também é positiva no âmbito econômico-social pois promove geração de renda para o município, o que pode ser confirmado a partir dos dados expostos no *site* do flutuante:

O ritual começou com as filhas da dona do flutuante, Marilda Medeiros, que passaram a defender os botos da própria população local que antes maltratava e depois passou a cuidar e alimentar os animais e, depois de certo tempo, a nadar junto com eles. Quando a imprensa descobriu que os humanos estabeleceram uma relação de interação com os golfinhos amazônicos, tão dóceis como os golfinhos marinhos, a notícia correu o mundo e desde então atrai romarias de turistas de todas as partes para a cidade de Novo Airão.

Outro dado pertinente revelado pela pesquisa (VIDAL et al., 2013) está no quesito características da visita ao flutuante, em que é possível observar que cerca de 46% dos entrevistados conheciam o boto apenas pela televisão:

Do total de entrevistados, 55 (46,2%) conheciam os botos apenas pela televisão, 27 (22,7%) conheciam os animais pessoalmente de outros momentos, e 15 (12,6%) não os conheciam. Aqui se observa novamente a importância da mídia na divulgação do turismo interativo com botos. No Flutuante dos botos as produções midiáticas (reportagens para jornais e revistas impressas, documentários turísticos e conservacionistas...) são frequentes e, quando feitas de maneira adequada, contribuem efetivamente para a conservação dos animais e divulgação de outros atrativos presentes no Parque Nacional de Anavilhanas.

Esses dados nos são relevantes, pois apontam para o caminho que a pesquisa fora levada e que discutiremos mais adiante. Os veículos de comunicação atuaram diretamente na divulgação do atrativo, fato que ganhou destaque também nas páginas do Ama Boto:

A família já foi tema central de dois documentários produzidos pela TV japonesa NHK, BBC de Londres, *Discovery* (participação no Filme Fundo do Abismo), SBT, *Aventura Selvagem* com Richard Rasmussem, *National Geographic*, *Animal Planet*, Globo, Record, Band e outros. Outras centenas de reportagens já foram publicadas sobre ela e os botos. Vários famosos passaram pelo flutuante como Bill Gates, Ana Hickmann, Otávio Mesquita, Lawrence Wahba, Sandra Annenberg, Ernesto Paglia, Marcelo Rosenbaum entre outros.

Com a divulgação nacional e internacional, a visita aos botos de Novo Airão foi crescendo exponencialmente, e, assim, Marilda foi seguindo as orientações dos órgãos e atraindo cada vez mais visitantes e animais. No início, de acordo com o site Ama Boto, eram de quatro a cinco botos; em 2017, ela já consegue contar 16 animais, todos com características próprias, o que permitiu que a família batizasse cada um deles: “Os nomes dos botos são: Curumim, Ricardo, Dani, Eidi, Fefa, Lawrence,

Josefa, Reginaldo, Vi, Doidinha, Cauã, Alexandre, Marimoni, Bob, Rafinha e Pimentinha”.

Marilda conta que os moradores de Novo Airão, a princípio, não gostaram da ideia da domesticação dos botos em razão das lendas contadas na região. Em virtude delas, muitos maltratavam os animais no intuito de mantê-los afastados. Para os moradores, Marilda estaria atraindo energias negativas e males para a cidade.

Aqui vale destacar que os botos são particularmente temidos por seu poder maligno. A esse respeito, Galvão (1976, p. 67) destaca: “Os botos têm hábitos muito peculiares. Quando um deles segue a canoa, o melhor é ignorá-lo, fingir que não viu o boto. Fazer zoadas ou simplesmente observá-lo é atrair sua malignidade”. Muitos atribuem doenças à malineza do boto, por isso, afirmam que eles não devem ser provocados. A crença na maldade dos botos inspira medo aos ribeirinhos pois acreditam que o animal tem intenções maldosas. Galvão (1976, p. 71) ressalta o pensamento dos que temem o animal:

Os botos são evitados, nunca perseguidos ou arpoados, ou sua carne utilizada para alimento. Mas se encontrados mortos, o que acontece algumas vezes nas armadilhas de pesca, praticamente todas as partes do seu corpo são retalhadas para uso medicinal ou de mágica. Os olhos servem de talismã para despertar o amor, a carne serve para a cura da lepra, o cérebro para despertar o faro dos cachorros, e uma infinidade de outros usos. Serve, sobretudo, ao preparo de milongas (feitiços).

Um outro ponto negativo que Marilda enfrentou foi o *bullying* com suas filhas. Ela conta que precisou tirá-las da escola em Novo Airão e transferi-las para Manaus porque apelidos como “pitiú²⁰” e “meninas do boto” eram atribuídos a elas, alcunhas pejorativas que causaram uma série de incômodos.

As histórias do boto povoam o imaginário do caboclo, ora como um ser sobrenatural, elemento mágico, ora como sedutor, encantado. Mas, sobretudo, o boto é animal, um mamífero aquático dos mais carismáticos e inteligentes, com características próprias, como destaca Vidal (2011, p. 73):

O boto-vermelho (também conhecido como boto-cor-de-rosa) é a maior das duas espécies de cetáceos que vivem nos rios amazônicos. Tem a pele rosada e atinge até 2,5 m de comprimento e 185 kg de peso. A outra espécie é o boto-cinza ou boto-tucuxi (*Sotalia fluviatilis*), que chega a 1,5 m e quase 60 kg. Essas duas espécies, excelentes nadadoras, alimentam-se de peixes e outros animais aquáticos. Precisam subir à tona periodicamente para

²⁰ É um odor forte, característico de peixe.

respirar, mas podem ficar submersos por longos períodos, e têm um biossonar para localizar os peixes de que se alimentam e orientar-se dentro d'água.

Presente nas histórias do folclore familiar que envolvem a metamorfose dos botos de água doce da Amazônia em seres humanos, esses seres encantados usam esse disfarce para se transformar e encantar moças (SLATER, 2001). Conta a lenda que, em noites de festa, geralmente vestido de branco e usando um chapéu, o boto disfarçado em homem seduz as mulheres, as engravida e depois some. Nogueira (2008, p. 164) expõe mais detalhadamente:

Contam os índios e os caboclos que o boto amazônico, nas noites de lua cheia, desencarna-se do animal e se transforma num belo homem sedutor de virgens nas festas dançantes dos beiradões. Os filhos sem pais declarados são logo atribuídos aos encantos dos botos. Mas o poder mágico não se encerra nesse metamorfoseamento. O olho e os órgãos reprodutivos do animal servem como cagila (amuleto) para amolecer corações durões. Acrescenta-se ao tucuxi uma estreita amizade com os pescadores a ponto de conduzirem cardumes de peixes para as suas redes ou até mesmo salvá-los em naufrágios, empurrando-os para as margens do rio com o focinho. O boto vermelho teria um temperamento mais agressivo e, para as populações ribeirinhas, encarna a maldade. Mulheres em dias de menstruação devem evitar o contato com rios infestados por botos, uma vez que elas podem ser influenciadas por maus espíritos e sofrer perturbações mentais. Assim determinam os costumes dos índios e caboclos da Amazônia.

Para justificar a gravidez das moças, quando acontece fora do casamento ou se o pai for desconhecido, o caso passa a ser atribuído ao boto, e muitas vezes a criança passa a ser chamada de “filho do boto”. Essas histórias são contadas em diversas gerações, carregadas de ambivalências e ambiguidades, são histórias do mundo, são experiências em narrativas de pessoas das mais diversas classes sociais que acreditam tanto em seus enredos que as tornam reais. Para Slater (2001, p. 16, grifo nosso):

Embora as pessoas que dispõem de poucos recursos e que tiveram uma educação limitada estejam mais aptas a recontar essas histórias, os botos aparecem nas capas das listas de telefones locais, em festivais folclóricos que envolvem uma ampla gama de classes sociais, em filmes produzidos para uma plateia urbana e de classe média e em propagandas políticas da televisão. Uma vez que representam coisas completamente diferentes para o pescador **isolado** numa comunidade rural, para o aluno de primeiro ou segundo grau numa cidade pequena e para o trabalhador de fábrica nascido no interior e que mora atualmente num grande centro urbano, essas criaturas inspiram discussões e, com frequência, acirrados debates.

As colocações de Slater nos parecem curiosas pois, ao vê-la exemplificar com a capa das listas telefônicas poderíamos imaginar que isso torna o assunto como um tema do passado. No entanto, como já mencionado anteriormente, as histórias do boto preencheram a trama da novela “A força do querer” (Rede Globo) em pleno 2017. O evento folclórico a que se refere a pesquisadora é o Festival dos Botos do Çairé, que acontece em Alter do Chão, no Pará, onde as agremiações Boto Tucuxi e Boto Cor de Rosa disputam o título de campeãs desde 1997.

Figura 14 – Página Oficial do Festival dos Botos do Çairé



BOTOS

Em 1997, com as inúmeras mudanças ocorrentes na Festa do Çairé, surgiu a idéia de dar notoriedade, também, no lado folclórico do evento, criando-se duas agremiações de competitividade dando a defasagem nas danças apresentadas no Çairé. Como a Lenda do Boto é autenticamente paraense, conhecida e difundida somente a partir do século XIX, já representada pelo Grupo Cheiro do Çairé no final da década de 80, foi aproveitada para esse fim. A inexistência ou desconhecimento dessa lenda nos séculos anteriores nos leva a crer que ela tem origem branca e mestiça, com projeção nas comunidades caboclas, que se difundiu por toda a Amazônia brasileira. O ano de 97 também foi marcado pela primeira apresentação de botos, sob a coordenação do Sr. Mauro Luiz Lobato de Vasconcelos que apresentou um único grupo de cordão de botos. Em 1998, após sorteio ficou definido a criação das duas agremiações, ficando o Boto Cor de Rosa com o Sr. Mauro e o Boto Tucuxi com o Sr. Edilberto, mas nesse ano após a negociação entre as duas entidades pré formadas não ocorreu a disputa de títulos, apenas houve uma apresentação informal, devendo pra ser realizada a disputa somente no ano seguinte.

BOTO COR DE ROSA

LENDA DO BOTO

Diz a lenda que em noite de lua cheia, que tem festividades na comunidade boto cor-de-rosa sai do rio Tapajós transformado em um lindo rapaz. Jovem, bem vestido, alinhado em um ternó branco, e com um chapéu branco, para encobrir o rosto e disfarçar o nariz grande e pontiagudo sai em busca de jovens belas desacompanhadas. Com seu jeito galanteador, seduz a moça mais bonita e a encanta. O boto rapaz leva a moça ate a margem do rio, onde a convida para um mergulho. No fundo do rio a engravidá. Na manhã seguinte o rapaz

BOTO TUCUXI

LENDA DO BOTO

A lenda do boto aparece pela primeira vez no Estado do Pará, no século XIX. Não se conhece a origem de tal lenda, só há registros de que se difundiu por toda a Amazônia. O boto Tucuxi é um golfinho muito dócil e amável que vive principalmente nas águas dos rios Tapajós e Amazonas. Boto Tucuxi ou Piraguara (Sotalia Brasilensis, Sotalia Fluviatilis, Stheno Tucuxi) boto bondoso, capaz de resgatar pessoas em naufrágios, descobre segredos não conhecidos pelos homens, conduz os peixes para a rede (malhada) do pescador, vive nos rios amazônicos,

Fonte: Festival do Çairé. Disponível em: <<http://www.festivaldoçaire.com.br/botos.php>>. Acesso em: abril, 2017.

Ainda sobre a colocação supracitada de Slater acerca da campanha política, ela refere-se ao ex-governador e ex-senador Gilberto Mestrinho, conhecido como Boto Navegador, que utilizou em sua campanha, no ano de 1990 um *jingle* com o título Feitiço do Boto Navegador, que virou uma espécie de *hit* eleitoral e foi cantado, inclusive, em seu velório em 2009. Em homenagem a ele, duas balsas que faziam a travessia de pessoas e veículos de Manaus para o Cacau Pirêra (Distrito de Iranduba), foram batizadas de Boto Navegador 1 e Boto Navegador 2 e funcionaram por mais de 20 anos antes da construção da ponte até serem leiloadas em 2016 e 2017.

Esses fatos demonstram que o boto é um animal que chama a atenção da população amazônica por meio de suas múltiplas faces. A narrativa mítica que os

envolve é intrigante. São histórias intensas que evocam forças enigmáticas e seres encantados. Acerca do tema, Paes Loureiro (2015, p. 107, grifos do autor) destaca que:

Aos encantados no mundo amazônico foi reservado um *locus* próprio: as encantarias, espécie de limbo onde as entidades dessa diversificada teogonia estariam reunidas. Segundo Napoleão Figueiredo, os encantados cultuados pelas regiões populares *são entidades do mundo sobrenatural da religiosidade popular amazônica, que habitam a floresta e o fundo dos rios e que protegem, não somente os homens, mas também as comunidades em que os mesmos vivem; venerados sob as formas mais diversas garantem a prosperidade, saúde, felicidade a quem as reverencia*. As encantarias, lugar onde moram os encantados – incluindo aí também aqueles que não são objeto de culto religioso – estariam localizadas acima das nuvens e abaixo do céu, como também nas florestas e no fundo dos rios. Embora sob uma nomenclatura indígena que perdura até hoje, nesse “panteão caboclo, muitas dessas entidades podem ser obscurecidas através de um terreno genérico muito apropriado: são os encantados”.

Entre os que contam histórias sobre o boto enquanto ser encantado há sempre um fio de narrativa em comum. Muito embora não se saiba quando isso se iniciou, temos nas declarações de um dos mais famosos estudiosos do folclore brasileiro o reconhecimento da antiguidade desse ciclo de narrativas. Cascudo (1976, p. 141) ressalta que nada “leva a acreditar em sua existência entre os índios do Brasil pré-colonial”. É sabido que hoje, quando percorremos os rios, encontramos várias Amazônias com características e histórias próprias. Em cada canto é possível ouvir declarações de pessoas que foram vítimas das estripulias do boto. Slater (2001) resgatou em seus estudos diferenças regionais e locais presentes nas narrativas que envolvem o boto e os seres do encantado. Eles serviram de inspiração para diversas obras, em destaque um dos trabalhos mais famosos sobre os seres mágicos, o poema lírico *Cobra Norato*, de Raul Bopp, publicado em 1931; a obra de Márcio Souza *A resistível ascensão do Boto Tucuxi*; e os filmes *Where the water runs black* e *Ele, o boto*, com produção americana e brasileira, respectivamente.

O mistério que envolve as histórias atribui aos encantados fenômenos naturais e acontecimentos sobrenaturais. Imagine-se perdido em meio à floresta! Para os seres encantados, ela é tida como lugar impenetrável, um santuário que não deve ser invadido e, como todo bom santuário, há sempre um guardião. No caso da floresta amazônica, o Curupira, que desorienta com gritos longos e estridentes caçadores e exploradores que se atrevem a embrenhar pelas matas. “[Os Curupiras] também imitam a voz humana, num grito de chamada, para atrair vítimas. O inocente que ouve

os gritos e não se apercebe que é um Curupira e deles se aproxima, perde inteiramente a noção de rumo” (GALVÃO, 1976, p. 72). Ainda sob o pretexto do encantado, muitos pescadores e caçadores se recusam a matar um boto, com receio de ficar panema²¹ e só ser curado pelas mãos de um pajé²². Também é possível compreender o termo “encantado” a partir das palavras de Galvão (1976, p. 66) ao se referir aos bichos visagentos:

O conceito de encantado baseia ou entremeia as descrições de sobrenaturais de origem indígena, é em muitos casos um empréstimo europeu que não se deve desprezar porque constitui atualmente parte integrante e ativa da crença. [...] é definido localmente como uma força mágica atribuída aos sobrenaturais. Seres humanos, animais, objetos podem ficar encantados por influência de um sobrenatural.

Os sobrenaturais podem habitar o fundo dos rios, lagos e igarapés ou se esconder nas matas. Podem aparecer na forma de visagens e assombrar as pessoas, digo, qualquer pessoa. E por falar em visagens, peço licença para contar um fato que aconteceu comigo e um professor da UFAM em Novo Airão... Tínhamos encerrado as aulas em que conversamos com os alunos sobre contextualizar os conteúdos e trazer assuntos locais (foi quando surgiram as histórias do cavalo de fogo que rodeia o cemitério de Novo Airão, das moças que recusavam os encantos do boto e amanheciam com vários hematomas pelo corpo e tantas outras) e decidimos sair para comer algo. Caminhamos pela cidade e passamos pela escola em que estávamos trabalhando. Enquanto conversávamos, uma bela jovem passou por nós e fitou-me bem nos olhos, não consegui encará-la, mas pude perceber que era morena e tinha os cabelos longos e negros. Ela passou por nós e, quando virei para olhá-la novamente, havia sumido. Continuamos a conversar, mas aquele fato me estremeceu. Na hora, fiquei tão atônita que não consegui comentar com o professor que me acompanhara. Contudo, no dia seguinte, na hora do café da manhã, não me contive e perguntei se ele tinha percebido aquela moça que passara por nós na noite anterior e, para minha surpresa, ele repetiu as minhas palavras. Aquilo foi um alento, um assustador alento... Eu não tinha visto aquela “visagem” sozinha! Compartilhamos a

²¹ Panema: termo muito utilizado na região que se refere ao indivíduo sem sorte, malsucedido, que caiu em desgraça. É uma força ou poder imaginário que pode acometer humanos, animais ou objetos.

²² Pajé: mestre curandeiro que possui poderes sobrenaturais e utiliza remédios caseiros feitos com ervas e plantas.

sensação de viver algo “sobrenatural”. Dito isto, enfatizo que os sobrenaturais podem acometer até os mais céticos.

Voltando ao ponto, o que se observa nas histórias com seres visagentos é que há um fio de narrativa comum. Elas geralmente carregam alguma atitude de proteção à floresta, algum sinal de que é preciso transitarmos entre seus limites da ficção e da realidade. Galvão (1976, p. 79-80) salienta que:

Os casos e as descrições dos sobrenaturais, “encantados” como os companheiros do fundo ou os botos, bichos visagentos, curupiras e anhangás, acentuam as concepções básicas que definem as relações entre estes seres e o homem. Todos os bichos são malignos, quando não efetivamente, como no caso dos botos ou dos curupiras, pelo menos, em potencial, como os animais comuns – o veado, o macaco, o inhambu que dependendo das circunstâncias podem se tornar visagentos. [...] A malineza, porém, não é uma simples atitude de antagonismo entre o homem e forças extraordinárias. Ela resulta do fato que os bichos visagentos dominam ou controlam um setor do ambiente natural, a mata e os rios. São como que entidades protetoras que guardam a natureza contra sua depredação pelo homem. A crença nas mães de bicho ou nas mães do rio, do igarapé, do porto, é o fulcro dessa concepção. Nada acontece ao indivíduo que mata um ou outro animal, ou que de qualquer maneira se utiliza dos recursos naturais à sua disposição, mas quando chega ao abuso [...] as consequências são más para o indivíduo. O caçador que não segue a mesma trilha dia após dia, ou o pescador que evita frequentar repetidamente o mesmo pesqueiro, definem as atitudes apropriadas. Em segui-las está a garantia contra a malineza. Não se conhecem outras normas de propiciação para obter a boa vontade ou interferência desses sobrenaturais, que seguem a regra fundamental de evitar o abuso, ou simplesmente evitar a própria entidade quando se apresenta inesperadamente.

É oportuno destacar que nem todas as narrativas que envolvem os botos ou outros seres encantados representam uma reação consciente de conscientização. Diante disso, Galvão (1976, p. 338) afirma ainda que “os encantados desafiam todas as dicotomias e, até mesmo, a ordem estabelecida. Reinventados constantemente, os Encantados sugerem imediatamente o poder da tradição e de sua volatilidade natural, revelando pressões e solidariedade coletivas”.

Reinventadas, essas narrativas acompanham um movimento perpétuo de constante recriação, numa autopoiese que as mantêm sempre vivas. São histórias que causam fascinação e surpresa e instigam explicações quase sempre fabulosas a partir de uma linguagem muito própria, como assinala Paes Loureiro (2015, p. 105):

Na Amazônia seus mitos, suas invenções no âmbito da visualidade, sua produção artística são verdades de crença coletiva, são objetos estéticos legitimados socialmente, cujos significados reforçam a poetização da cultura da qual são originados. A própria cultura amazônica os legitima e os institui

enquanto fantasias aceitas como verdades. Assim, nesse mundo, os homens, por meio da cultura, passam a usufruir a confiança de estar em seu mundo, expressando uma linguagem poética que vem diretamente da alma, que faz a alma se extravasar como uma fonte incessante, que permite a essa alma nativa se descobrir em um mundo que é seu e no qual funda a compreensão da vida e da natureza nas quais ela está inserida.

E essa compreensão sobre a vida e a natureza permite experiências de abstração muito particulares. Vamos fazer o exercício de imaginar as notícias chegando aos rincões mais afastados trazidas pelos viajantes, após “dias de rio”. Essas notícias chegavam sem imagens, acompanhavam os que vinham de longe e, muitas vezes, já chegavam obsoletas. Mais tarde, com o advento do rádio, comunidades tiveram a experiência de receber informação de uma maneira mais efetiva, mas, ainda assim, possibilitando espaço para a imaginação, como destaca Paes Loureiro (2015, p. 12):

É por isso que, para se estudar ou conhecer a Amazônia, é necessário que comecemos por fazer um estudo arqueológico. Arqueologia a ser feita não é somente de objetos ou de fósseis, mas também da palavra. A Amazônia, na condição de abstração, precede ao conceito virtual, à realidade virtual, pois, quando voltamos o olhar para o século XVI, vemos que, superposta a uma região habitada por seres (nem humanos, nem pessoas), criou-se uma terra imaginária e extemporânea.

Essa condição de abstração, que nos constrói enquanto seres contemplativos e participativos é uma das marcas da peculiaridade do nosso olhar amazônico, condição exemplificada por Paes Loureiro (2015, p. 48):

Nesse contexto, isto é, no âmbito de uma cultura dissonante dos cânones urbanos, o homem amazônico, o caboclo, busca desvendar os segredos de seu mundo, recorrendo predominantemente aos mitos e à estetização. Uma região que é verdadeira planície de mitos, na expressão de Vianna Moog, onde o homem da terra viveu e ainda vive habitando isoladamente em algumas áreas, alimentando-se de pratos típicos, celebrando a vida nas festividades e danças originais, banhando-se prazerosamente nas águas do rio e da chuva e imprimindo “este ritmo fracionado e múltiplo, indefinidamente enraizado na chance de uma evasão na imensidão amazônica”. Essas características se transportam para as condições em que se exercem o trabalho do caboclo – grande mobilidade e aproveitamento dos movimentos da natureza (safra de peixes, de frutas etc). Integrados ao meio, os caboclos, na condição de pescadores, mateiros, plantadores, remadores etc., seguem as nuances de uma natureza monumentalizada pelas suas grandes proporções, que lhes exige criatividade e os instiga à compreensão imaginativa.

Compreensão imaginativa essa que denota uma forma alternativa de encarar a Amazônia e a própria experiência humana que advém dela. Ela cerca de devaneio e alimenta a poética vivência amazônica, como afirma Paes Loureiro (2015, p. 97):

Essa leveza que, num outro ângulo da mesma perspectiva e na forma de uma poética do imaginário, é a que vem sendo trazida até nossos dias, pela sociedade amazônica, no seu devaneio inundado de poesia. Sem ignorar a natureza visível em torno e da qual não duvidam, os homens não a percebem por uma visão direta, objetiva, pragmática, pesada. Mas indiretamente, como se aquele denso mundo de floresta e água se transformasse num vitral de transparência pura, por meio do qual uma outra realidade é contemplada. Busca de leveza imanente numa realidade compacta e poderosa. As Anhangas (almas de demônio) vagam sobre as ondas dos rios; o rosto fulgurante da lara flutua à flor das águas; a mãe do vento voa; o boto é aquele que dança e seduz com doçura e se deita com suavidade no corpo da mulher desejada; a assustadora pororoca resulta de meninos fazendo diabruras sobre as ondas enfurecidas dos rios.

Essa realidade amazônica atrai o olhar e chama atenção de um público cada vez mais diversificado. O exótico desperta o interesse das pessoas, quer seja em busca de conhecimento, aventura, curiosidade ou entretenimento. Nogueira (2008, p. 53) expõe que:

As culturas correntes na Amazônia estão hoje no olho do furacão dos meios de comunicação modernos. É a própria Amazônia uma marca fetichizada. Modos de vida e festas populares tradicionais em qualquer lugar do planeta terão sempre espaço privilegiado na mídia. Mas na Amazônia, a tendência é de que fiquem supervalorizados graças aos interesses dos leitores, telespectadores, ouvintes, internautas e anunciantes por suas peculiaridades. Quem investe em cultura popular na Amazônia está agregando à sua marca um produto conhecido em todo o planeta: a própria Amazônia.

Diante disso, não demoraria muito para a mídia “descobrir” e “explorar” esses novos olhares. A tecnologia permitiu que os lugares mais distantes geograficamente se tornassem próximos ao público de qualquer lugar do planeta, basta estar conectado. Experimentamos assim, a onipresença, pois a mobilidade, a virtualidade e a ubiquidade nos mantêm acessíveis, interagindo com o mundo. A experiência de conhecer um lugar sem sequer estar fisicamente nele, permitiu que as pessoas “teletransportassem” suas mentes e se imaginassem em meio à “selva amazônica”, o que é advertido nas palavras de Silva (2006, p. 102): “Afim, não há mais imaginário sem tecnologia. Tampouco há tecnologia sem imaginário. Entre o conduzir e o seduzir, há um abismo de palavras e de imagens. O simbólico nasce do imaginário”.

O olhar da mídia, no entanto, observa a Amazônia como espetáculo natural e cultural, e essa espetacularização é capaz até de “cristalizar” imaginários. Para Silva (2006, p. 106):

Assim como a extração de carvão afeta a natureza, independentemente do uso que se fará desse minério (aquecimento de casas ou energia para máquinas), a formatação do acontecimento modifica a percepção do destinatário e irriga a sua bacia semântica de modo a influir, com o tempo, no seu imaginário. Se a produção de petróleo afeta o mundo, indiferentemente ao uso desse combustível (mover carros de passeio ou caminhões), a produção jornalística afeta o olhar, fabricando visões de mundo.

Assim, é possível dizer que imaginário e espetacularização, transformados em mercadoria, conquistam espaços de divulgação na mídia também pela sedução, e não somente porque são apropriados pelo mercado. Aqui vale destacar o fio de Ariadne... Um dos momentos da pesquisa em que os caminhos enredados encontraram encruzilhadas, atravessamentos que foram nos conduzindo por nosso trajeto. Um *hiperlink*, um fio condutor que nos permitiu reconhecer as confluências e seguir tecendo a teia, tal como o labirinto que conduz a passagens que se desdobram em outras passagens.

Ariadne Bitar foi com quem tive uma das conversas mais instigantes para o desenrolar deste estudo. Ela é moradora antiga e viu a cidade ganhar suas ruas iniciais e receber seus primeiros turistas. Em uma conversa agendada para acontecer no gabinete do prefeito (que não nos recebeu por causa de um apagão que ocorreu na cidade e, por conta disso, tratou de se dirigir pessoalmente a Manaus para resolver o assunto com urgência), fui encaminhada aos cuidados de Ariadne, formada em Ciências Naturais e Filosofia.

Entre tantas histórias e fatos vivenciados por Ariadne, o caso das formigas do Velho Airão foi o que mais chamou minha atenção. Ela afirmou que a queda do preço da borracha foi um dos principais fatores para o abandono da cidade antiga. No entanto, mobilizações do Ibama, responsável pelo Parque do Jaú, retiraram várias famílias da área. Esses, conforme as palavras de Ariadne foram os principais motivos para a instalação do Novo Airão. Porém, ela abre espaço para um novo olhar sobre a narrativa das formigas de fogo que teriam expulsado os habitantes. Ela conta que, em 1989, o jornalista Marcos Losekann, na época repórter da Rede Globo na região amazônica, esteve em Novo Airão e visitou as ruínas do Velho Airão. Segundo ela, o jornalista teria feito uma “brincadeira” sobre as formigas da cidade e pedido ao

cinematografista que fizesse imagens que aumentassem a proporção das mesmas. Ela conta que havia realmente muita formiga na cidade, mas nada que pudesse, de fato, atrapalhar a vida das pessoas. As imagens conduzidas de baixo para cima, aumentaram o tamanho do inseto e ganharam o texto fantasioso das formigas de fogo, tão avassaladoras a ponto de expulsar os moradores. A lenda já existia, o que Losekann fez foi transformá-la em um fato sensacionalista. Após a veiculação do material na televisão, com a história espetacular, a população de Novo Airão, segundo Ariadne, passou a fazer piada sobre o fato. Contudo, sendo uma história fantástica ou não, sabe-se que essa é mais uma das narrativas que envolvem a cidade de Novo Airão e a enchem de mistério.

Não nos cabe aqui analisar os fatos que levaram o jornalista a defender essa história, ou mesmo buscar possíveis “verdades” que envolvem a narrativa. O fato aqui é que sua repercussão trouxe deslocamentos e acrescentou sentidos ao imaginário local. Sabe-se que uma das funções do jornalismo é informar. Diante do exposto, Silva (2006, p. 105) assevera que:

Em princípio, esta deveria ser a revelação como enunciação da verdade. Porém, a verdade que se enuncia, o que sobrevém, o que emerge, é o fato de que a técnica jornalística espetaculariza o acontecimento, levando ao não-acontecimento. O jornalismo espetacular forja o seu destinatário, cria o seu receptor e programa o seu jornalista. Instala-se, de ponta a ponta, um imaginário.

Desta feita, trata-se, do imaginário transformado em mercadoria e que carrega na sua espetacularização um ar dramático. Aproveita-se a polissemia que a marca Amazônia carrega para fabricar visões de mundo impregnadas de recursos fantásticos e fantasiosos. A esse respeito, Silva (2006, p. 102) mais uma vez é enfático ao se referir à prática jornalística:

Cobrir é descobrir. Monta-se um dispositivo de recobrimento de uma situação para se atingir um desvelamento. A cobertura jornalística deve ser um descobrimento. A investigação dá à luz o que está protegido por alguma sombra. Vale enfatizar: só há de fato, cobertura quando ocorre descobrimento. Cobre-se para descobrir. Fora disso, há encobrimento.

O deslumbramento causado pela contemplação amazônica, muitas vezes, encobre-a de sombras. Os pesquisadores que se “atrevem” a trilhar os caminhos do imaginário devem encará-lo com uma atitude de respeito. Um respeito às causas

amazônicas que vai além dos seus movimentos simbólicos e invoca proteção. A Amazônia é tida como patrimônio mundial. Essa impressão gera certos incômodos para os amazônidas e brasileiros, mas é fato que ela chama a atenção do mundo quando se fala em meio ambiente, sustentabilidade e biodiversidade.

Existem várias Organizações Não Governamentais (ONGs) que defendem causas ambientais e realizam atividades de preservação. Uma delas, ocorrida em julho de 2014, por iniciativa do Instituto de Pesquisas da Amazônia (INPA) e Associação Amigos do Peixe-Boi (AMPA), com apoio da Prefeitura de Manaus me chamou a atenção. A campanha intitulada Alerta Vermelho teve como objetivo sensibilizar a população sobre a matança indiscriminada de botos na região, com a exposição de um boto cor-de-rosa inflável nas águas do rio Negro.

Figura 15 – Campanha Alerta Vermelho na Praia da Ponta Negra



Fonte: Notícias Bol Uol. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/fotos/imagens-do-dia/2014/07/28/imagens-do-dia---28-de-julho-de-2014.htm#fotoNav=1>>. Acesso em: agosto, 2017

A figura gigante se destacou no Complexo Turístico da Ponta Negra alertando para um crime ambiental bárbaro: a captura de botos para servirem como isca para a pesca da piracatinga²³. Quando eu estava trabalhando como jornalista na TV A Crítica,

²³ Piracatinga: é um bagre que passou a ter alta capacidade de comercialização desde que “ganhou” o nome de “douradinha”. O peixe, que antes era consumido apenas em Manaus, está sendo comercializado em supermercados de outras regiões do Brasil e até exportado, de maneira ilegal, para a Colômbia. A piracatinga é conhecida popularmente como “urubu do rio” por ser considerado um peixe carniceiro. Ele é atraído pelo sangue dos animais e se alimenta até dos que estão em decomposição. E é aí que entra o boto. Ele serve de isca para captura da piracatinga. Por ser de fácil captura com o uso de arpões e redes, o boto é assassinado com crueldade, geralmente com fortes golpes na cabeça.

em 2010, fiz uma matéria denunciando essa prática. Minha equipe e eu estávamos voltando do Museu do Seringal quando os agentes da Polícia Ambiental nos disseram que receberam uma denúncia anônima e que iriam averiguá-la. Decidimos acompanhá-los até a Vila do Cacau-Pirêra, no município de Iranduba (a 25 quilômetros de Manaus), e a cena que encontramos foi lamentável: oito botos foram encontrados presos em uma área de pesca, um deles, estava com um arpão no corpo e não resistiu ao ferimento. O caso resultou na prisão de sete homens e na doação do animal morto aos especialistas do INPA; para minha equipe, o flagrante rendeu matéria para o principal jornal da Rede TV nacional, da qual eu era correspondente.

Figura 16 – *Frame* da matéria que foi ao ar pela Rede TV



Polícia Ambiental flagra crueldade contra botos no AM

74.051 visualizações

310 32 COMPARTILHAR



REDETV MANAUS
Publicado em 23 de mai de 2011

INSCREVER-SE

Fonte: Rede TV Manaus. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=pXSCEjIZgwg&list=PL9NipkiqB-6sn0MyofHfC4yCnF7Vc3qM&t=69s&index=1.7>>. Acesso em: agosto, 2017.

Outro momento em que o boto chamou a atenção especial da mídia foi durante a passagem da Tocha Olímpica pelo Amazonas em 2016. Durante a cerimônia de revezamento, a tocha seguiu um trajeto fluvial e passou pelo município de Iranduba (AM) para interagir com o boto.

Figura 17 – Revezamento da tocha olímpica pelo Amazonas



Fonte: Folha Uol. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-norio/2016/06/1785670-ativistas-protestam-contramorte-da-onca-juma-em-manauas.shtml>>. Acesso em: agosto, 2017.

Esse encantamento envolvente do boto o coloca como figura de destaque e ícone da preservação. Protegido por lei desde 1967, o boto está atualmente em risco de extinção. Em matéria publicada no G1 em 2014, a pesquisadora do INPA Nívia Salgado foi enfática: “Caso a matança nas comunidades ribeirinhas continue em ritmo acelerado, o animal pode ser extinto em até dez anos” (HENRIQUES, 2014).

Seja como mercadoria turística, isca para outros animais ou foco de preservação, o boto continua presente no imaginário dos povos da Amazônia e do mundo. Atualmente, existem normas ambientais e fiscalização constante para garantir o bem-estar dos botos e a segurança dos turistas que com eles interagem em Novo Airão.

Em visita ao Centro de Preservação e Pesquisa de Mamíferos Aquáticos (CPPMA), em Balbina (AM), pude entender melhor os impactos ambientais ocasionados por conta da caça e da pesca abusivas, da poluição dos rios e do

desmatamento. O CPPMA foi criado como medida compensatória aos impactos ambientais causados pela construção da Usina Hidrelétrica de Balbina. É um dos principais centros de reabilitação de mamíferos aquáticos da região e já recebeu mais de 70 filhotes de peixes-boi para tratamento. Segundo o folheto ilustrativo do CPPMA (2015):

O peixe-boi é uma das espécies mais ameaçadas da Amazônia. Os filhotes são capturados e amarrados, e quando suas mães se aproximam, são arpoadas e mortas. Por essa razão, a maioria chega gravemente ferida; outros muito fracos e alguns muito doentes.

O peixe-boi da Amazônia também passou a ser resguardado a partir de 1967 pela Lei de Proteção à Fauna, mas, segundo informações da AMPA, “no período de 1954 a 73, só o Estado do Amazonas comercializou 1847 toneladas de carne de peixe-boi” (AMPA, 2017). O cineasta Silvino Santos registrou em 1923, na gravação do filme *No país das Amazonas*²⁴, “um flagrante de dezenas de peixes-bois mortos num único dia em uma praia, banhada pelo Lago Ayapuá, em Beruri, município do Estado do Amazonas, distante da capital 170 km” (AMPA, 2017).

²⁴ Silvino Santos (1886- 1970) foi um cineasta português radicado no Amazonas que fez vários registros da vida na Amazônia. O documentário *No País das Amazonas* mostra o porto de Manaus, seus armazéns e o movimento da época, e foi o primeiro longa-metragem exibido no Brasil sobre a região.

Figura 18 – Fotograma do documentário com cena da caça ao peixe-boi



Fonte: Historiamundi. Disponível em: <<http://histormundi.blogspot.com.br/2015/02/o-documentario-no-paiz-das-amazonas.html>>. Acesso em: agosto, 2017.

A vulnerabilidade dos mamíferos aquáticos, entre os quais os botos, exige projetos que, além de incentivar a pesquisa, possam sensibilizar moradores das comunidades ribeirinhas, caçadores, turistas e consumidores de carne em programas educativos e campanhas para valorização e preservação desses animais. Registrei um peixe-boi em tratamento em um dos tanques do centro; ele foi resgatado gravemente ferido com um arpão. Castanho, como fora batizado, teve sua cauda amputada e, hoje, pesa cerca de 400 quilos (Figura 19). Há no centro vários tanques com animais em reabilitação. É um criadouro científico onde os animais são monitorados e tratados para ser reintroduzidos no ambiente natural. Antes de conhecer os tanques dos peixes-boi, o visitante assiste a um vídeo educativo de cerca de cinco minutos sobre os aspectos da biologia, hábitos e preservação do peixe-boi.

Figura 19 – Castanho, peixe-boi no tanque do CPPMA



Fonte: Arquivo pessoal.

4.1 CONEXÕES E ENTRELAÇOS: O DESAFIO ECOSISTÊMICO

Observar a associação entre a natureza, o homem e as relações que se estabelecem entre eles é perceber as conexões, os entrelaços que permeiam a Amazônia, um espaço em que os campos do conhecimento se conectam e se intercomunicam, local em que o pensamento complexo se pronuncia e favorece o olhar ecossistêmico, onde a pesquisa tradicional geralmente não consegue dar conta de uma realidade entrelaçada e peculiar ao mesmo tempo. Por isso, este estudo é complexo, pois, como descreve Nogueira (2014, p. 22):

Teorias que se fecham disciplinarmente não dão conta dessa complexidade. Ou são, no mínimo, pouco esclarecedoras em razão de iluminarem partes em detrimento do todo. Ao mesmo tempo, possuem conceitos que, quando postos em processo dialógico, tornam-se importantes e necessários à problematização, prospecção e contextualização dos fenômenos no tempo e no espaço.

Ao imergir na relação do imaginário envolvendo o boto encantado em Novo Airão, fomos levados a compreender como esse fenômeno ecossociocultural se

manifesta na sua relação com o ambiente citadino. O estudo se encaminhou a partir do fenômeno comunicacional e desembocou no entrelaçamento do interesse da mídia e, por consequência, do turismo. As articulações geraram efeitos sobre a cidade que, apesar de deturparem e descontextualizarem suas características ontológicas, fenomenológicas e epifânicas, geraram (e ainda geram) lucro aos envolvidos. Marilda, os proprietários de pousadas e hotéis da cidade, os restaurantes e lanches, todos lucram diretamente com os turistas que visitam a cidade. Consideremos, neste contexto, os três aspectos do boto destacados por Slater (2001, p. 22):

No primeiro caso, os botos aparecem como extensões da natureza, e, contudo, as pessoas os consideram ameaçadores precisamente devido aos seus traços demasiado humanos, no segundo, são personagens que fazem valer uma ordem social patriarcal e amantes experimentados cujos feitos desafiam as definições prevalentes de macho ativo e fêmea passiva. No terceiro caso, esses alienígenas dominadores, enganadores e insaciáveis cobiçosos aparecem cada vez mais como incorporações e até mesmo defensores das crenças e práticas.

Aspectos que alimentam o imaginário local e permitem que tantas histórias se perpetuem e acompanhem gerações. O imaginário amazônico é “a fonte que alimenta e retroalimenta a arte de criar e recriar sonhos, fantasias e realidades” (NOGUEIRA, 2014, p. 17). Nesse contexto da criação, Nogueira (2014, p. 21) destaca ainda que:

Mitificar é uma prática humana universal. O real nem sempre se encerra em si mesmo; às vezes carece de explicações fabulosas para se incorporar ao cotidiano – e, nos ditos tempos modernos, para permanecer no mercado. O mito, nesse caso, é o real e o real é mito”.

E são exatamente as “explicações fabulosas” que atraem os olhares do mercado por meio dos ávidos turistas que desejam “ver para crer” e vivenciar a experiência de perto. Paes Loureiro (2015, p. 21) sinaliza que:

[...] são muitos os que percorrem a Amazônia, tanto literal como metaforicamente. Em diferentes épocas, sob perspectivas diversas e em distintas linguagens, percorrem a floresta e o rio, a realidade e o mito, em busca do desconhecido, inextricável. Em suas narrações científicas, filosóficas e literárias, empenham-se em classificar o que é, o que teria sido e o que poderá ser essa região – uma espécie de reserva ecológica de todo o mundo, uma invenção poética de todo mundo.

Essa “invenção poética” permite o espanto filosófico e abre espaço para as explicações fabulosas. Nesse contexto, observamos a importância da lenda como

algo que dá sentido e preenche a vida das pessoas, em um processo de humanização. Silva (2006, p. 170) explica que:

[...] o homem é homem por construir imaginários que o impulsionam no processo infindável de humanização [...] serve de pista para a compreensão das necessidades simbólicas do ser humano. Diante do inexplicável, o homem forja explicações fictícias. A imaginação supre o vazio racional.

São as necessidades simbólicas que criam explicações, forjando realidades e reconfigurando fenômenos. Diante do exposto, busquei a compreensão da dinâmica da mudança simbólica, considerando as palavras de Nogueira (2008, p. 165) ao afirmar que:

O boto mágico está contido no imaginário das populações ribeirinhas como explicação de eventos e fenômenos da vida vivida. O pensamento das populações ribeirinhas opera na lógica da relação natureza-cultura, codificando e decodificando fenômenos naturais e sociais por metáforas e hipérboles. E assim, para cada fenômeno, existe um discurso, uma teatralização, quer mágica, religiosa ou profana, um meio de transmitir esse conhecimento às futuras gerações: essa ciência do concreto. É o mundo fantástico que encanta e reencanta plateias urbanas que se deslocam, também, para lugares varridos pelos ares da modernidade.

Neste caso, reiteramos o trecho extraído do *site* Ama Boto: “Quando a imprensa descobriu que os humanos estabeleceram uma relação de interação com os golfinhos amazônicos, [...] a notícia correu o mundo e desde então atrai romarias de turistas de todas as partes para a cidade de Novo Airão”.

O trecho é ilustrativo e nos insere (eu e o leitor) no âmbito da interlocução com as ideias de Silva (2006, p. 170) quando afirma que “a imaginação supre o vazio racional”. Diante do exposto, observamos que a própria mídia, nesse caso, tornou-se uma filha do boto, forjando explicações e reconfigurando o fenômeno no imaginário local. Esse fato é favorecido pela influência dos interesses do mercado turístico em atrair cada vez mais visitantes encantados pelas histórias dos botos.

O depoimento de Marilda também é ilustrativo, pois nos coloca diante dos resultados que essa interferência tem ocasionado. Os hotéis da cidade, os restaurantes e cafés da manhã, as lojas de artesanato, a associação dos guias, os moradores do entorno do flutuante dos botos que alugam seus terrenos para estacionamento dos visitantes e até o vendedor de água de coco que está próximo à atração turística, todos lucram com a observação e interação dos turistas com os

botos. Marilda, em suas colocações, ainda nos brindou ao declarar que o papel do caboclo é “respeitar e viver com a natureza viva”, salientando a importância da conservação da espécie e do meio ambiente.

Figura 20 – Filha da Marilda alimentando os botos



Fonte: Arquivo pessoal.

Todos esses elementos expostos fazem parte de um todo que não se desassocia, o boto, o peixe-boi, a natureza, o imaginário, os rios, a preservação são parte de uma Amazônia que precisa e merece ser estudada. Precisamos escutar mais a Amazônia, por meio de seus bichos, árvores, minerais, os quais adquirem voz na ciência feita com a consciência de que os seres vivos e não vivos são uma única comunidade de destino.

5 SINGRANDO OS RIOS

Como um rio

Ser capaz, como um rio
que leva sozinho
a canoa que se cansa,
de servir de caminho
para a esperança.

[...]

Como um rio, que nasce de outros,
Sabe seguir, junto com outros sendo
e noutros se prolongando e construir o encontro
com as águas grandes do oceano sem fim.

Mudar em movimento,
mas sem deixar de ser
o mesmo ser que muda.
Como um rio.

(Thiago de Mello).

Sim! Precisamos escutar mais a Amazônia... Mobilizar olhares capazes de entender que há cumplicidade entre o rio e a floresta, entre o natural e o sobrenatural, entre os seres humanos e os entes encantados. Precisamos perceber os entrelaces e entender que são dinâmicos. Eles não são hierárquicos, eles são aquilo que Capra (2006) chama de conexões ocultas, articuladas em redes.

A pesquisa, a partir da compreensão ecossistêmica, exige estratégias metodológicas que alcancem as especificidades e totalidades amazônicas, considerando suas dimensões territoriais, sua intensidade cultural, seus ambientes comunicacionais e seu imaginário. Além disso, ela deve considerar que “a realidade a ser pesquisada é infinitamente maior, mais complexa e mais diversificada do que qualquer formalização didática da atividade do pesquisador” (LUNA, 2013, p. 12). Por sinal, esse é um aspecto sinalizado por Geertz (2001, p. 24) na sua revisão da pesquisa antropológica:

O importante, no que concerne ao desenvolvimento de minha apreensão das questões no meu modo de ver, é que a pesquisa de campo, longe de separar as coisas, misturou-as ainda mais. O que numa sala de aula em Harvard era um dilema metodológico, um enigma a decifrar, passava a ser, numa cidadezinha javanesa de curva de estrada abalada pelo impacto de mudanças convulsivas, uma condição imediata, um mundo no qual se engajar. Por mais espantosa que fosse, “a vida entre os javaneses” era mais do que um quebra-cabeça, era preciso mais do que categorias e definições, e bem mais do que a sagacidade de sala de aula e a facilidade com as palavras, para nos situarmos ali.

É preciso considerar os desdobramentos e mutações que a realidade estudada pode nos apresentar, e cabe ao pesquisador observar também de maneira sensível essa realidade. Ao conduzir a pesquisa, ele deve assegurar o *status* de cientificidade, sem abrir mão da sua sensibilidade, para garantir uma investigação que produza um conhecimento teórico, socialmente justo e relevante. É necessário, nesse caso, que o pesquisador adote procedimentos que religuem as categorias e os conceitos canonizados – aqueles que ele considere indispensáveis – com aqueles que ele mesmo poderá formular em decorrência da sua revisão literária e viagem investigativa em razão da interação que o mesmo venha a realizar. Como bem destaca Colferai (2014 p. 20):

Um elemento pragmático surge do contato com as realidades amazônicas, realidades que – acredito – não são totalmente apreendidas pela pesquisa em Comunicação, e é minha percepção que, em larga medida, isso ocorre por não haver conceitos e categorias, neste campo, capazes de apreender as realidades amazônicas. Ao se valer de arcabouços teórico-metodológicos forjados a partir de outros contextos o pesquisador pode deixar escapar particularidades da região.

Como já foi dito em outras oportunidades, o pesquisador de formação e/ou em formação ecossistêmica não antecipa realidades ou virtualidades; em vez disso, ele procura compreendê-las em cada um dos seus momentos singulares, para então revelá-las por meio de uma narrativa igualmente singular. Ao definir esses procedimentos provisórios, o pesquisador evita o engessamento da sua pesquisa e livra-se das normas metodológicas dogmáticas. É necessário ter consciência de que as ações encadeadas propostas poderão nos encaminhar para trilhas alternativas, porque o processo de pesquisa é tão dinâmico quanto o processo comunicacional. Nesse sentido, as variáveis teóricas sugerem encaminhamentos e apontam direções, numa espécie de pulsação que parece evocar e ecoar a pesquisa, porém são pulsações e ecos e assim devem ser tratados. Podem ser sinalizadores da pesquisa, mas não a pesquisa em si. Esse entendimento nos livra de se ter uma realidade previamente recortada para se encaixar em uma metodologia previamente concebida.

A primazia metodológica a partir da compreensão ecossistêmica está no entendimento contextualizado de um fenômeno comunicacional que não se apresenta apenas como um recorte estático, mas como um deslocamento polissêmico que considera as relações e conexões que se estabelecem nessas práticas comunicativas.

O poeta espanhol Antonio Machado traduz em versos do poema Cantares²⁵, o sentimento metodológico que acompanha essa pesquisa: “Caminhante não há caminho, o caminho se faz ao andar”. Ao adentrar nessa trilha metodológica sentimos como se estivéssemos embarcando em um Recreio²⁶, com uma rede para atar e propostas dos caminhos que pretendíamos percorrer, mas esses caminhos foram se definindo pelos caprichos dos rios, pelos acontecimentos, pelas subjetividades que nos acompanharam de um modo clandestino, enfim, por todas as variáveis possíveis nesse ambiente e nós não deixamos de considerá-las. Morin (2005) destaca que o campo é que dá o método. Enfatiza ainda, sempre orientado pela ideia da poesia de Machado, que “o método é o percurso”.

Esta pesquisa procurou tecer seus caminhos a partir não de uma metodologia específica, mas de estratégias que nos permitiram fundamentar essa compreensão do fenômeno comunicacional, uma vez que fazer ciência é construir interpretações, é buscar respostas para entender o mundo. Procuramos um delineamento que considerasse o fenômeno investigado e seus detalhes. Para Volpato (2010, p. 129), a classificação do tipo de pesquisa é algo puramente formal que não diz muito sobre a pesquisa:

Tenho notado que, muitas vezes, o tipo de pesquisa assume uma posição maior que a lógica da pesquisa. As pessoas se enquadram num deles e isso acaba sendo maior que a própria pesquisa. Vira uma igreja que segue religiosamente. [...] Muitas vezes essa informação não traz elementos que ajudem o leitor a entender a lógica da pesquisa.

Ao buscar conexões entre os estudos do imaginário, do pensamento complexo, dos ecossistemas comunicacionais estamos entrelaçando um diálogo que abre caminho para a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, como destacam Monteiro e Colferai (2011, p. 40):

A busca de novos caminhos não se apresenta como uma tarefa simples, pois requer, antes, abandonar a segurança dos caminhos já conhecidos e percorridos. Da maneira como Morin (2007) propõe um pensamento complexo, é possível se lançar à pesquisa para além dos paradigmas tradicionais, colocando não como parâmetros, mas como elementos a serem associados, a natureza, o homem e as relações que entre e a partir daí se constroem.

²⁵ Disponível em: <<http://blogs.utopia.org.br/poesialatina/cantares-antonio-machado/>>. Acesso em: março, 2017.

²⁶ Barco regional. Nome popular dado às embarcações típicas do norte do país.

Percorrer um caminho novo não é uma tarefa simples. É preciso estar disposto a encarar os descaminhos, as trilhas insinuadas e é necessário, acima de tudo, paciência, tal como a resignação de um ornitólogo esperando o canto do uirapuru. A ave de cores exuberantes só pode ser ouvida durante quinze dias por ano, período em que constroem os ninhos e apenas durante o amanhecer, por cerca de cinco a dez minutos. Conta uma lenda amazônica que quando o uirapuru canta, todos os outros pássaros da floresta se calam para ouvir seu canto melodioso.

Durante muito tempo, a Amazônia foi considerada um grande vazio, recebendo o olhar dos políticos no sentido de “preenchê-la”. Como destaca Leonardi (2013, p. 236), “a partir de 1960, a tecnoburocracia brasileira elabora programas de “desenvolvimento” para a Amazônia como se essa região fosse um enorme espaço vazio, sem história, sem experiência de vida e sem tradições”. A multiplicidade amazônica abre espaço para o novo e para o desconhecido. Novos caminhos que apontam para novos olhares metodológicos contemplando as amazonidades que se impõem naturalmente no contexto de pesquisa e nas diversas nuances da comunicação na região. Como assinalam Monteiro e Colferai (2011, p. 42):

O que chamamos a atenção é para a busca por caminhos que possam dar conta da totalidade da Amazônia ao nos determos em objetos constituídos a partir do campo da comunicação. Isso significa manter-se atento às intersecções com outros campos, que podem oferecer bem-vindas ultrapassagens. É também tomar o conhecimento prévio, adquirido fora do meio acadêmico, como parte componente da pesquisa e de seus resultados. É considerar os sentimentos – algo tão estranho e renegado – um dos caminhos para chegar à criatividade, ao novo imprescindível para a compreensão de um objeto complexo como a comunicação sobre/na/da/ desde a Amazônia.

Dentre as principais dificuldades estão as barreiras impostas disciplinarmente, a segurança dos caminhos já percorridos e os recortes que desconsideram a vida em movimento. Como resultado desse cenário, Monteiro e Colferai (2011, p. 33) asseveram que,

[...] os trabalhos que vêm à luz são reflexos de um pensamento sobre a região construído com base em paradigmas que pouco apreendem das particularidades locais e das suas ligações com o global. O que pretendemos aqui é discutir a necessidade de assumir posições a partir das quais pensar a comunicação para a Amazônia na Amazônia, sem apropriar-se de modelos pré-concebidos, que a priori podem alijar o pesquisador das nuances criativas que o trabalho de pesquisa nesta região pode fazer emergir.

Assumimos posições e buscamos não cair em simplificações metodológicas. Carrascoza (2016, p. 64) assinala que “o método é, apenas, uma prescrição para a viagem”, um direcionamento para os caminhos que pretendemos percorrer. Não fui neutra como pesquisadora, tomei posição de forma subjetivamente consciente, uma vez que me inseri no ambiente sendo parte da pesquisa, considerando que sou parte do processo, numa observação (quase!) participante (NOGUEIRA, 2014). Escolhi não ser uma pesquisadora camuflada. Meus sentimentos e opiniões aparecem no trabalho com meus registros de memória, os escritos da viagem, como destaca Paes Loureiro (2015, p. 29):

Os escritos de viagem – “cofres mágicos cheios de devaneios” – de certa maneira representam essa modalidade de percurso que se abre à emoção. Instrumentalizam o sensível paralelamente a uma racionalidade compreensivo-interpretativa de novas realidades. Eles revelam um conhecimento maravilhado, que confere uma alma expansiva do “eu” aos temas objetivamente analisados e oferecidos ao conhecimento do outro.

Aqui o método é reconhecer que o caminho se faz ao caminhar. No (des)envolvimento/desentranhamento do trabalho, optamos por construir uma pesquisa honesta que levasse em conta a contextualização a partir de conversas informais com registro dos escritos de viagem, pois consideramos que gravações e entrevistas aplicadas para estudos no campo do imaginário poderiam inibir o participante a falar de suas subjetividades, ou ainda, criar uma realidade desconexa a fim de não se expor.

Existem coisas que não são quantificáveis. Como dar conta disso em uma pesquisa que evidencia o imaginário e o olhar ecossistêmico? O sentimento, como já citado, sempre abnegado na pesquisa, surge quando você se depara com uma pessoa denominada “a encantadora de botos”, contando emocionada sobre seu “envolvimento” com o animal desde criança: “Minha mãe dizia que eu chamava os botos! Bastava eu estar na canoa que eles apareciam. Eu colocava a mão na água e eles subiam! Nunca me fizeram mal”; ou quando você ouve o depoimento de uma das idealizadoras do Festival do Peixe-boi, ao contar que, no início, a celebração homenageava os caçadores que mais matavam animais. É sobre isso que Silva (2006, p. 75) trata:

Assim, o pesquisador está no pesquisado, que se torna pesquisador para melhor caminhar. O pesquisador do imaginário mergulha na bacia semântica do outro e trilha o seu trajeto antropológico, na contramão das verdades de acostamento e das certezas de retrovisor. Torna-se ele mesmo parte do imaginário repisado. Não há, nunca, metaponto de vista capaz de garantir a exterioridade total do observador em relação ao observado. Mas nada impede o auto-estranhamento. O imaginador imagina o imaginado através dos imaginários dos imaginantes.

A viagem investigativa também encontrou iluminação nas leituras, ancoramos em referências, mas não como se os textos fossem sagrados. A rigor, buscamos encaminhamentos teóricos para compreender os contextos, encontrar respostas, mas não no sentido de reduzir meu objeto a uma explicação, por entender que não há uma explicação única no campo dos imaginários. Silva (2006, p. 73) coloca essa questão em cheque quando expõe que:

As tecnologias do imaginário são dispositivos de fabulação/mitificação que semeiam possibilidades criativas, grãos de percepção e concentrados existenciais a partir de choques perceptivos. Como descrevê-los? Captá-los, identificá-los, trazê-los para o campo do saber? A intuição conta muito nesse trabalho de coleta. Não basta. Como passar da intuição ao conhecimento? Como sistematizar o disperso, examinar o desconexo, condensar a repetição, capturar a diferença, decantar o objeto?

Na tentativa de fazer emergir, revelar, desvelar, o pesquisador das tecnologias do imaginário traduz seus escritos de viagem transformando-os em narrativas do vivido para fazer ver o que está encoberto. Silva (2006, p. 79) destaca ainda que:

o pesquisador das tecnologias do imaginário deve fazer a narrativa do vivido, como um etnógrafo das emoções e das práticas, a exemplo de um repórter de todas as paixões e acontecimentos do cotidiano. O imaginário é o mundo em movimento.

Trabalhamos sem a imposição de um método obsessivo, desvelando o mundo e buscando as vozes da Amazônia, considerando, principalmente, que “o objeto não pode ser visto como algo exterior, mas como o resultado de uma *flânerie* labiríntica, portanto uma criação estética, dinâmica, emotiva” (PAES LOUREIRO, 2015, p. 17). Nascida em tal contexto, imprimi nessas páginas o olhar próprio de uma cabocla, repleto de paixão pelas amazonidades tal como assinala Paes Loureiro (2015, p. 121):

Na Amazônia as pessoas ainda veem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. A vida social ainda permanece impregnada do espírito da infância, no sentido de encantar-se

com a explicação do que não conhecem, descobrindo o mundo pelo estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar o sentido das coisas em seu redor. Explicam os filhos ilegítimos pela paternidade do boto; os meandros que na floresta fazem os homens se perderem pela ação do curupira; as tempestades pela reação enraivecida da mãe-do-vento etc.

Destaca-se que o maior desafio encontrado durante a trajetória foi na etapa das conversas para registro de campo com a proprietária do flutuante dos botos, uma vez que a mesma se encontra em um severo tratamento médico e não pôde estar disponível sempre que solicitada.

Acreditamos que a busca pelo conhecimento precisa vencer as amarras disciplinares e contemplar esse novo olhar ecossistêmico. O estudo ofereceu a desafiadora oportunidade de enfrentar a piracema e seguir contra a correnteza. Nessa disciplina indisciplinada desejamos que as considerações apontadas aqui, ora seminais e embrionárias, estimulem novas criações que possam ressoar as amazonidades, as memórias coletivas e o imaginário da região. São questões candentes, fruto de iniciativas desafiadoras que clamam pelo posicionamento daqueles que conhecem e estudam a Amazônia. Precisamos consolidar posições e traçar caminhos que levem a diferentes posicionamentos. Evidentemente, essa é a grande proposta da abordagem ecossistêmica, que se encontra ainda tal como a nascente de um rio. O que se pretende é consolidar os estudos sobre a Amazônia, os cenários que a envolvem e os fenômenos que a permeiam de maneira contextualizada e interligada, considerando a interação de homens e mulheres com o ambiente amazônico em todas as suas dimensões. Começam a emergir novos olhares sobre o fazer científico na Amazônia, novas propostas metodológicas propõem questões ainda polêmicas e intrincadas, mas que buscam sinalizar caminhos considerando as matizes e nuances da região. O desenvolvimento de metodologias específicas para observar os imaginários e as diversidades amazônicas são desafios tão largos quanto o desafio da preservação ambiental. Muitos “pulam para fora do barco”, pois não são capazes, como destacou o poeta, a “mudar em movimento”, mas a sensação ao chegar até aqui com você, caro leitor, é a de que valeu a pena a viagem, valeu a pena ser “como um rio”. Mas a nossa viagem ainda não acabou...

6 UM PONTO DE CHEGADA, UMA NOVA PARTIDA

“Vai um canoeiro, nos braços do rio,
Velho canoeiro, vai. Já vai canoeiro.
[...] Enfrenta o banzeiro nas ondas dos rios,
E das correntezas vai o desafio. Já vai canoeiro.
[...] Da tua canoa, o teu pensamento:
Apenas chegar, apenas partir. Já vai canoeiro”.
(Saga de um canoeiro – Ronaldo Barbosa – Boi Caprichoso, 1997).

Precisamos, definitivamente, escutar mais a Amazônia... Assumir posições e considerar os contornos, as bordas, as margens, os beiradões... A Amazônia, multifacetada e plural, não pode ser estudada de forma linear, é preciso ponderar as relações dinâmicas que se estabelecem entre a natureza, cultura e tecnologias; é preciso considerar o contexto, a história, as pessoas, os entrelaços.

A visão ecossistêmica busca compreender a realidade da vida e contemplar as nuances exclusivamente amazônicas, considerando os fenômenos sociais inseridos no contexto atual e percebendo os entrelaces. A compreensão ecossistêmica dilata, amplia e valoriza as percepções em um mundo labiríntico habituado à complexidade, um emaranhado em que tudo está entrelaçado, uma teia que conduz ao fio de Ariadne para pensarmos-nos.

Ao se deparar perdida em uma floresta, uma pessoa pode fazer (se possuir o aparato adequado) o famoso sinal de alerta com fumaça ou, como fazem os índios, usar o ecoar das árvores feito tambor e, assim, se comunicar. Pesquisar fenômenos comunicacionais sobre e na Amazônia é desvendar um cotidiano em que a vida se adapta às modificações do ambiente e o ambiente se adapta à vida, na cadência da realidade amazônica e de suas diferentes narrativas, onde “o reconhecimento das características regionais claramente marcadas pela presença esmagadora da natureza como definidora de hábitos e formas de relacionamento, a condição periférica da região com relação à produção e consumo de produtos midiáticos” (COLFERAI, 2014, p. 20) devem ser considerados e amplamente discutidos para que se possa pensar nos rumos do fazer científico na Amazônia.

Diante desse cenário, precisamos provocar impactos e ir além dos resultados manipulados nas bancadas dos cientistas, embora estes não possam, em hipótese alguma, ser subestimados; devemos considerar que a ciência está sobretudo, no cotidiano, pulsando e criando diálogos com a sabedoria popular, tal como destaca

Monteiro (2017) “[o olhar ecossistêmico] passa a ver a Ciência como elemento da vida”. É a vivência amazônica relacionando o universal e o umbilical.

Precisamos conhecer a Amazônia para compreendê-la e, assim, interagir com o que está ao nosso redor; diante disso, o papel da universidade é exatamente de universalizar o conhecimento, transformar a sociedade. Desse modo, a pesquisa é a sua potência, ela está em seu DNA e tem importância fundamental na democratização do acesso ao conhecimento como geradora de oportunidades. Relacionar conhecimentos e saberes requer compromisso, autonomia de pensamento e um olhar que enxergue para além da caverna, da floresta, da distância e das dificuldades impostas principalmente pelo olhar reducionista. O fim da era cartesiana nos possibilitou encontrar conexões, erguer pontes e construir janelas para observações.

O homem (dito) moderno está cada vez mais inserido nos contextos de desenvolvimento tecnológico, ele se conecta e compartilha a vida por meio de seus dispositivos móveis. Antigamente, quando o carteiro chegava em uma rua, as pessoas corriam, ansiosas para ter suas mensagens em mãos; hoje, elas as recebem de maneira instantânea. Estamos todos pareados, as extensões do homem garantem a ubiquidade e a possibilidade de interação. É praticamente impossível imaginarmos o mundo sem os dispositivos móveis e a *internet*, conexões que nos mantêm acessíveis e dão mobilidade em nossas tantas janelas abertas no celular, no computador, na casa e na vida...

Estamos construindo trajetórias no sentido de desafiar o pensamento domesticado, de religar o que foi desligado e redefinir a postura da escola diante desse novo olhar sobre a ciência. Continuamos construindo conhecimento com base em conteúdos fragmentados, recortando, separando e hierarquizando. É preciso integrar para que o conhecimento avance, rearticular as disciplinas, reaprender a pensar, a refletir, a questionar... Trazer provocações e inquietações que nos conduzam ao fortalecimento da produção científica sobre a região, religando os conhecimentos e consolidando a transformação na maneira de ver a Amazônia.

Precisamos atualizar o pensamento no sentido de repensar a educação frente às mudanças e avanços tecnológicos que alteram significativamente nosso *modus vivendi*. Dar encaminhamentos que permitam a construção de um conhecimento contextualizado e o desdobramento de interpretações com estratégias que busquem

estimular a reflexão e o senso crítico, e melhorar a produção científica e a própria formação dos cientistas.

O grande desafio da compreensão ecossistêmica é convocar essa diversidade de olhares e contextos considerando, no caso da Amazônia, como a vida e a floresta funcionam. Vivemos um momento tecnológico em que tudo está interligado por meio da mídia, aparatos eletrônicos e *internet*. Não estaria, então, mais do que na hora de construirmos um processo de aprendizagem contextualizado, em vez de utilizar os conteúdos fragmentados que separam o racional e o lógico, das artes e da música, por exemplo?

A concepção kuhniana reforça que “só se faz ciência, fazendo”, e a Amazônia, como uma região universal, é emblemática para os estudos da complexidade, dos ecossistemas e do imaginário. Corroboramos o pensamento de Leonardi (2013, p. 127) quando discorre sobre esse debate multidisciplinar:

O importante, aliás, não é a citação do pensamento desses cientistas de diferentes áreas. O trabalho multidisciplinar não visa a produzir uma amálgama de diferentes discursos sobre a Amazônia. O que é importante perceber é que – quando as barreiras são derrubadas e as ideias começam a fluir livremente para além das áreas específicas dos departamentos e institutos universitários – cada um daqueles cientistas, em sua própria especialidade, consegue aprofundar ainda mais seus conhecimentos graças a essa visão de conjunto, aqueles que evitam a compartimentação do conhecimento não são adeptos das generalidades, ou do trabalho superficial dos temas acadêmicos. Pelo contrário, são, a meu ver, aqueles que buscam o aprofundamento, o inusitado, o específico e o singular na história ambiental e social da Amazônia, como quem busca encontrar peixes desconhecidos nas profundezas do imenso rio Negro... A busca da profundidade é justamente isso, a procura da intimidade, do âmago, daquilo que vai além das aparências. Ora, quem não vê o todo corre sempre o risco de observar apenas uma das partes – pode ser apenas a superfície, permanecendo, assim, distante da profundez!

E falar em profundidade em uma região tão hiperbólica também é emblemático, pois a Amazônia é potência para o florescimento de pesquisas, é espaço de brotação de saberes, é um mundo de imaginários engendrados, é terra de mistérios e encantos. Essa riqueza simbólica, destacada na obra de Paes Loureiro, gera inspirações e impulsiona criações fantásticas.

As histórias envolvendo o boto me atraíram devido sua ampla disseminação, tanto no interior, quanto na cidade, quer seja por ribeirinhos sem letramento ou estudantes universitários. Fui atraída também pelo prazer da pesquisa, pelo deleite de aprender. A vibração ocasionada pelas leituras e descobertas me despertaram

para esse novo modo de ver a Amazônia. Descobri coisas de mim mesma enquanto escrevia, Freire (2011, p. 58) adverte que “somos produtos do processo de ser, resultado do que temos sido”. Esses meses de estudos e pesquisas do mestrado, inicialmente, me confrontaram com minha própria ignorância. fui me sufocando de ideias, desentranhando umas e encalhando outras e, somente após reconhecer minhas dificuldades, é que pude começar a escrever. E esse processo é tão visceral que nos vira do avesso. Manoel de Barros, um dos mais aclamados poetas contemporâneos brasileiros diz que “é preciso transver o mundo”, me atrevo a complementá-lo afirmando que é preciso, também, transver a ciência.

Este estudo é mais uma dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM – UFAM), que tem como área de concentração os Ecossistemas Comunicacionais a partir de discussões teórico-metodológicas, propondo um novo fazer científico com o olhar amazônico para os fenômenos da comunicação. Um olhar que é fonte de observação e diferencia-se do apenas ver, como destaca Paes Loureiro (2015, p. 149):

Ver, portanto, não significa “olhar”. O olhar que não está diretamente relacionado com o olho. Mas com o sentido de perceber, de compreender, de abrir os sentidos. Ao mesmo tempo revela que, além do olhar, há vários olhares. Há o olhar físico e o olhar da intuição. O olhar da intuição descobre o que está imanente nas coisas. O que vem submerso na realidade.

Contribuir com a produção científica sobre a Amazônia é ver e fazer a floresta florescer, é levantar mais questões não no sentido de buscar certezas, e sim, problematizar. Inquietações apontam para novas descobertas. É acreditar num planeta viável para as futuras gerações, no incentivo à pesquisa na região e sobre a região, acreditar nos rumos do turismo sustentável em detrimento ao turismo de *selfie* com os animais silvestres; é não achar que tudo isso é utópico.

Este estudo não se encerra com as minhas colocações. Ele está longe de ter um fim em si mesmo. Nossa pretensão foi de contribuir com as discussões sobre a Amazônia, sobre aspectos do imaginário no município de Novo Airão, percorrer novos caminhos, construir diálogos que evidenciem contextos interdisciplinares necessários e inadiáveis, deixar marcas no caminho, na floresta, como João e Maria; como Marilda, a encantadora dos botos; como Dona Fátima, a saudosa proprietária da Pousada Cabocla e uma das idealizadoras do Festival do Peixe-boi; ou como o Sr. Nakayama, o único morador do Velho Airão, guardião das memórias; como Paes Loureiro, Silva,

Nogueira, Monteiro, Colferai, Freire, Pereira, Leonardi, Slater, Galvão. Somos todos contadores de histórias, pesquisadores para o desvelamento embarcados na aventura de desconstruir, como categoricamente revela Slater (2001, p. 340):

Sem homens e mulheres para recontar individualmente suas façanhas, os seres encantados rapidamente silenciariam. Contudo, embora dependentes dos seres humanos para veicularem suas explorações, eles logo assumem vida própria nessas histórias, produzindo ativamente seus próprios “domínios de objetos e rituais da verdade”. Testemunhas (assim como, às vezes, agentes) da opressão, seu poder não é mero reflexo da situação quase sempre marginal de seus contadores. Ao contrário, é uma declaração triunfante de um mundo que não rejeita os intrusos, mas, habilmente, evita-os a cada esquina. Desafiadores à luz de uma ordem socioeconômica que, zombeteiramente, nega a sua existência, os botos dançam nas laterais e depois dão cambalhotas até o centro do palco, antes de saírem fazendo piruetas e mergulharem em um rio do qual voltarão a emergir quando menos se espera. Vigaristas nos quais e mesclam o “eu” e o “outro”, eles residem tanto no fundo do rio quanto no fundo do coração humano.

O sentido do pensamento ecossistêmico é libertador. Ele não aceita que as histórias do povo, dos seres encantados sejam silenciadas e excluídas do fazer científico, sobretudo porque elas demonstram traços da formação da cultura amazônica por meio do imaginário. Essas histórias, sempre renovadas e fluidas, muitas vezes são encaradas apenas como relatos orais populares. É preciso dar valor a essas narrativas como visões possíveis do mundo. Ao serem recontadas, essas narrativas são ressignificadas e se perpetuam naturalmente. Ao observar o fenômeno de maneira contextualizada, percebemos as relações que se estabeleceram e as transformações desencadeadas na realidade em razão dos elementos que foram incorporados pela mídia. Só nos foi possível ter essa percepção porque mudamos o olhar, ao invés dos objetos, observamos as ligações.

Do ponto de vista das tecnologias do imaginário, dos estudos da complexidade e do olhar ecossistêmico pude compreender que a cidade de Novo Airão está envolvida numa atmosfera imaginária que contempla suas versões históricas, culturais, econômicas, sociais e biológicas por meio de narrativas locais em articulação com as narrativas universais. Esse fenômeno é alimentado e retroalimentado pela mídia, aqui denominada como tecnologias do imaginário, conceito elaborado por Silva, uma vez que consideramos esses meios não só como “fabricantes” de alienação e usurpadores de poder, mas também como geradores de processos locais que criam suas próprias versões e interesses a respeito dos fenômenos.

O imaginário não se contenta com a versão “oficializada”. O boto vermelho, o peixe-boi, as formigas do Velho Airão e o dinossauro da praça só contribuem com essa suposição porque eles representam a pluralidade de narrativas que existem naquele local, que reúne a cultura, a natureza e a ecologia na sua própria constituição. Novo Airão está envolvida nessa ecologia de narrativas, em que todas elas se encontram e se entrelaçam, construindo a forma como a cidade é narrada do ponto de vista das pessoas. Essas histórias mostram que isso é um processo tanto local como planetário. A compreensão desse fenômeno é de que a mídia produz e é produzida, pauta e é pautada pelo local. O boto vermelho já existia, mas ele só passa a ser “conhecido”, a partir do contato com a mídia, aguçada pelo turismo. A relação da cidade com as narrativas demonstra aspectos de Novo Airão que continuam incorporados desde o Airão Velho, desde a Caverna das Profecias, é um imaginário que foi se construindo e reconstruindo ao longo dos anos, incorporando novos elementos e se reconfigurando, e assim, Novo Airão se diz.

A Amazônia nos coloca em modo contemplativo, ao mesmo tempo que nos exige uma postura crítica. E foi assim “sentada na beira do rio Negro, após ministrar uma aula no município de Novo Airão (AM) em 2011, que percebi meus pensamentos caminhando para essa inquietação”. Na ocasião, pude observar o céu estrelado e o rio Negro a pulsar com seu espelho d’água em constelação. Os rios da Amazônia abrigam vida, embriões para várias pesquisas e evidências para a construção do conhecimento. No campo ecossistêmico somos todos canoieiros, vencendo a correnteza, enfrentando os banzeiros e alimentando os pensamentos de “apenas chegar, apenas partir”, num movimento que jamais se encerra. Acompanhei esse banzeiro, vivi novas inquietações e desejo que este estudo encontre o eco de uma árvore a percorrer a floresta acentuando o nosso dever enquanto pesquisadores amazônidas: precisamos escutar mais a Amazônia...

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **O ensaio como forma**. Sociologia. São Paulo: Ática, 1994.

_____; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AFFONSO, Victor. O japonês que quis ser índio: imigrante vive há 13 anos isolado entre ruínas na Amazônia. **A Crítica**. Airão Velho, 01 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/o-japones-que-quis-ser-indio-imigrante-vive-ha-13-anos-isolado-entre-ruinas-na-amazonia>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

AMA BOTO – Flutuante dos botos Novo Airão – AM. Disponível em: <<https://amaboto.wordpress.com>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

AMARAL FILHO, Otacílio. Verde que te quero verde: a estética da marca Amazônia. In: MALCHER, Maria Ataide et al. (Org.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. v. 2. Belém: FADESP, 2011.

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO PEIXE-BOI (AMPA). **Histórico**. Amazonas, 2017. Disponível em: <<http://www.ampa.org.br/historico/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaios sobre o imaginário da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de saberes na pesquisa em Turismo: proposições metodológicas para uma Ciência em Mutação. In: **Revista Rosa dos Ventos**, Caixas do Sul (RS), v. 6, n. 3, p. 342-355, jul./set. 2014.

_____. Emoção e subjetividade a paixão-pesquisa em comunicação: desafios e perspectivas metodológicas. In: **Revista Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 4, 2001. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/351>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia** – formação social e cultural. 3. ed. Manaus: Valer, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire** – um lírico no auge do capitalismo. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia**. 2002. 197 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARRASCOZA, João Anzanello. Suíte acadêmica: apontamentos poéticos para elaboração de projetos de pesquisa em Comunicação. In: **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 57-65, jan./abr. 2016.

CARVAJAL, Gaspar; ROJAS, Alonso; ACUÑA, Cristobal de. **Descobrimientos do rio das Amazonas**. Traduzidos e anotados por C. de Melo Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1976.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CENTRO DE PRESERVAÇÃO E PESQUISA DE MAMÍFEROS AQUÁTICOS (CPPMA). **Educar para preservar**. Balbina – Amazonas, 2015. Folheto ilustrativo.

COLFERAI, Sandro. **Um jeito amazônida de ser mundo** – A Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região. 2014. 228 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura da Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

COMUNITÁRIOS aprovam nova Reserva de Desenvolvimento no interior do AM. **G1 Amazonas**. Manaus, 17 dez. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/12/comunitarios-aprovam-nova-reserva-de-desenvolvimento-no-interior-do-am.html>>. Acesso em: 10. fev. 2016.

CORREIA, Claudio Manoel de Carvalho et al. (Orgs.). **Processos Comunicacionais: tempo, espaço e tecnologia**. Manaus: Valer/EDUA/FAPEAM, 2012.

DREYER-EIMBOCKE, Oswald. **O descobrimento da terra**. Tradução Alfred Keller. São Paulo: Melhoramentos/ Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: o ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

FLUSSER, Vilem. **Los gestos**: fenomenologia y comunicación. Barcelona: Herder, 1994.

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula. **Curso Básico de Teorias da Comunicação**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016.

FREIRE, Sérgio. As redes sociais e a liquidez na sociedade 140 bytes: sob os olhos da coruja de Minerva. In: MONTEIRO, Gilson Vieira; ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitoza (Orgs.). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação**. Manaus: Edua, 2011.

FREITAS; Susy Elaine da Costa; PEREIRA, Mirna Feitoza. Paradigmas científicos para o estudo dos ecossistemas comunicacionais. In: MALCHER, Maria Ataíde et al.

(Orgs.). **Comunicação**: visualidades e diversidades na Amazônia. Belém: FADESP, 2013. p. 149-172. (Série Comunicação, Cultura e Amazônia, v. 6).

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIACOMINI FILHO, Gino; GOULART, Elias. Amazônia: comunicação no contexto da websfera In: MALCHER, Maria Ataíde et al. (Orgs.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. v. 2. Belém: FADESP, 2011.

HENRIQUES, Camila. 'Botos podem desaparecer em até dez anos no AM', alerta pesquisadora. **G1 Amazonas**. Manaus, 6 abr. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2014/04/botos-podem-desaparecer-em-ate-dez-anos-no-am-alerta-pesquisadora.html>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz Cláudio; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010**. Novo Airão (AM), dados gerais do município. 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=130320&search=amazonas|novo-airao|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Zahar: Rio de Janeiro, 1986.

LEONARDI, Victor. **Os historiadores e os rios**: natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Paralelo 15, 2013.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. O imaginário é uma realidade. In: **Revista Famecos, mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, Edipucrs, n. 15, 2001.

MALCHER, Maria Ataíde et al. (Orgs.). **Comunicação**: visualidades e diversidades na Amazônia. Belém: FADESP, 2013. p. 149-172. (Série Comunicação, Cultura e Amazônia, v. 6).

_____. **Comunicação midiatizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011. (Série Comunicação, Cultura e Amazônia, v. 6).

MALDONADO, Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nisia Martins do (Orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

MAMIRAUÁ, Instituto de Desenvolvimento Sustentável. **Centro de reabilitação de peixe-boi amazônico de base comunitária "Centrinho"**. Tefé, AM: Petrobrás, 2013. Folheto ilustrativo.

MARIOTTI, Humberto. **Autopoiese, cultura e sociedade**. 1999. Disponível em: <<http://www.dbm.ufpb.br/~marques/Artigos/Autopoiese.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

MATURANA, Humberto Romesin; VARELA, Francisco Javier. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução de Humberto Marioti e Lia Diskin. 6. ed. São Paulo: Palas, 2007.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MELO, Regina Lúcia Azevedo de. **Ykamiabas: Filhas da Lua, Mulheres da Terra**. Manaus: Editora Travessia, 2004.

MONTEIRO, Gilson Vieira. **A epistemologia ecossistêmica é bíblica**. Manaus, 22 out. 2017. Disponível em: <<http://ufamparaofuturo.blogspot.com.br/2017/10/a-epistemologia-ecossistemica-e-biblica.html>>. Acesso em: 25 out. 2017.

_____; ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitoza (Org.). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação**. Manaus: Edua, 2011.

_____; COLFERAI, Sandro. Por uma pesquisa amazônica em comunicação: provocações para novos olhares. In: MALCHER, Maria Ataíde et al. (Org.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011. p. 33-47.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

_____. **A cabeça bem feita: repensar a reforma. Reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

_____. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005b.

_____. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

NOGUEIRA, Wilson. **Boi Bumbá: Imaginário e espetáculo na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2014.

_____. **Festas amazônicas**: boi-bumbá, ciranda e sairé. Manaus: Valer, 2008.

NOVO AIRÃO. Lei Nº 042/90. **Lei orgânica do Município de Novo Airão**. Novo Airão: AM, 05 de abril de 1990.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2007.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Valer: Manaus, 2015.

_____. Entrevista: A pororoca poética. In: NOGUEIRA, Wilson. **Revista Valer Cultural**, Manaus/AM, p. 7-17, jun./jul. 2014.

_____. **Poeta diz que até a academia discrimina o imaginário amazônico**. Disponível em: <<http://www.textobr.com/?p=30>>. 2008. Acesso em: 10 fev. 2016.

PAVIANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. In: V SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5, 2009, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. **Anais...** 2009. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/65/o-ensaio-como-genero-textual.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2010.

PEREIRA, Mirna. Ecosistemas Comunicacionais: uma proposição conceitual. In: MALCHER, Maria Ataíde et al. (Orgs.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011. (Série Comunicação, Cultura e Amazônia, v. 6).

PORTAL AMAZÔNIA. **Novo Airão, lar de riquezas naturais no coração da Amazônia**. Manaus, 24 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://www.portalamazonia.com.br/cultura/turismo/novo-airao-lar-de-riquezas-naturais-no-coracao-da-amazonia/>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

PORTAL BRASIL. **Brasil tem sete sítios do Patrimônio Mundial Natural**. 07 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2010/01/brasil-tem-sete-sitios-do-patrimonio-mundial-natural>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

ROMAGNOLI, Fernanda Carneiro. **Interpretação ambiental e envolvimento comunitário**: ecoturismo como ferramenta para a conservação do boto-vermelho, *Inia geoffrensis*. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado em Biologia de Água Doce) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SEBRAE. **Prêmio Top 100** – Artesanato Brasil. Disponível em: <<http://www.top100.sebrae.com.br>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Adauto. História – Velho Airão. **Novo Airão em Foco**. Disponível em: <<http://novoairaoemfoco.blogspot.com.br/p/historia.html>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

SLATER, Candace. **A festa do boto**: transformação e desencanto na imaginação amazônica. Rio de Janeiro: Funarte, 2001.

THE MATRIX. Direção e roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski. Produção: Joel Silver. Distribuição: Warner Bros. EUA, 1999. 1 DVD (136 minutos).

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**: uma interpretação da Amazônia. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

VIDAL, Marcelo Derzi. Botos e turistas em risco. In: **Ciência Hoje**, p. 73-75, 2011. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/downloads/artigobotos.pdf>> Acesso em: 25 mai. 2017.

_____ et al. Perfil e percepção ambiental dos visitantes do flutuante dos botos, Parque Nacional de Anavilhanas, Novo Airão – AM. In: **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, p. 419-435, set./dez. 2013.

VIOTTI, Hélio Abranches. **Cartas, correspondência ativa e passiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

VOLPATO, Gilson. **Pérolas da Redação Científica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.